

CECA de QUEIROZ

RAMALHO ORTIÇÃO



G. 19.
1894

bellini

ASTARAS

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

PA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

NOVA SERIE

TOMO VIII

Janeiro a Fevereiro

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1877



Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. PROUDHON.

SUMMARY

A actual situação politica. Conceituosa parabola das moscas e das maselas. O partido revolucionario e o partido conservador. A funcção de um e outro d'estes partidos. Anarchia ou retrocesso. Extincção do partido revolucionario por falta de idéas. Mancommunação conservadora. Philosophica historia de uns almocreves e de um pipo de vinho. A profunda synthese do pipo do Estado.—As inundações. Crise meteorologica. Theoria da chuva. Os irrigamentos e as cheias. As civilizações e os rios. As previsões industriaes e economicas. O regimen das torrentes. A arborisação. Os diques provisorios. As fontes de Palissy. Crise economica. O Estado e o Inundado. Troca de correspondencias. Lisboa durante a crise: os salões, os espectaculos, a imprensa, o parlamento. Intervenção de sua magestade a rainha. A caridade como elemento de administração. Autopsia do anjo. De como este não baixou do ceu. Demonstra-se que saiu da arcada do Terreiro do Paço. A intervenção dos Prelados. As preces para mudar o tempo e os observatorios para o estudar. Os moinhos do Tibet e as cabaças dos Kalmuks. A intervenção da colonia portugueza no Brazil. O brasileiro que parte, e o brasileiro que chega. O patriotismo dos nostalgicos. A commissão de soccorros.—Um banquete militar. O que se passa dentro dos craneos sob a pressão das barretinas.— O centenario da Academia das Sciencias. A tradição

academica. A Academia, berço da revolução e da liberdade. Ferreira Gordo, o abbade Correia da Serra, o padre Antonio Pereira, o duque de Lafões, academicos e Jacobinos.—*O crime do Padre Amaro* romance d'Êça de Queiroz.

A situação politica...

Mas, perdão — antes de encetarmos este assumpto, uma pequena historia :

Era uma vez um velho burro. Fôra madraço e manhoso. Não conquistára amigos porque os não merecia. Tinham-o lançado á margem no fim da vida. Principiou a viver ao acaso, pelos montes. Um dia achava-se defronte de um valado, estacado ao sol sobre as suas quatro patas, inerte, immovel, olhando para um cardo secco com os seus grandes olhos redondos e encovados em orbitas esqueleticas, pensando nas vicissitudes da vida e procurando arrancar do seu cerebro, para se consolar, algumas idéas philosophicas.

Passou por elle e deteve-se a contemplal-o um joven asno, no viço das illusões, cheio de amor e de zurros, de alegria e de coices. A vetusta ossada angulosa do ancião parecia furar-lhe a pelle resequida e aspera. Um espesso enxame

de moscas cobria-lhe as mataduras do lombo e dava-lhe o aspecto de ter um albardão feito de zumbidos e d'asas sobre um fundo de mis-sangas pretas e palpitantes, — coisa rabujosa á vista.

— Sacode esse mosqueiro, disse-lhe o burro novo. Dar-se-ha o caso de que, á similhaça do homem, deixasses tambem tu atrophiar o precioso musculo que ali tens na face para por meio d'elle abanares a orelha e moveres a pelle?... Sacode-te, bestiaga!

Ao que o lazarento, pausado, retorquiu :

— Não sabes o que zurras, joven temerario ! O destino de quem tem maselas é que o mosqueiro o cubra. As moscas que tu vés, e de que o meu cerro é a estalagem com mesa redonda, são moscas fartas, teem a mansidão abundante dos e-tomagos cheios. Se eu as sacudisse, viriam outras, — as famintas, de ferrões gulosos, que zinem como frechas, pousam como causticos, mordem como furunculos. As que tu vés prestam-me um serviço impagavel:—livram-me das que podem vir; são o meu xairel benigno e suave, o meu arnez, a minha couraça. Quando te chegar a idade de seres pasto de moscas (e breve te soará essa hora porque a mocidade

é, como a herva, uma ephemera transição entre o alfobre da meninice e a palha da idade madura); quando te chegar o teu dia, lembra-te, asinho imprudente, d'este conselho amigo de um burro velho, que não aprende linguas, mas que tem a experiencia que vale tanto como o ouro: Nunca sacudas mosca desde que creares masela! Teme-te dos papos vasis das revoadas novas. Papos cheios não só não mordem mas até empacham! Comprehendeste, burrinho, a philosophia da minha inercia?

Revertamos agora, como vinhamos dizendo, á situação politica.

Em toda a sociedade em movimento ha dois unicos partidos: o partido conservador e o partido revolucionario.

A função do partido revolucionario, qualquer que seja o seu nome — republicano, socialista, federalista, fourrierista, proudhonista, positivista, etc. — é transformar a ordem estabelecida, modificando as condições da civilização no sentido de um mais rapido progresso.

Para este fim o partido revolucionario agita constantemente por meio de idéas novas as opiniões preconcebidas.

Como, porém, não está ainda definido o programma geral e harmonico da revolução, como a tendencia progressiva das multidões indisciplinadas se basea no sentimentalismo esteril ou no phantastico ideal methaphysico dos phraseadores eloquentes, succede que todo o esforço revolucionario representa para a sociedade um perigo de desordem, de incoherencia e de anarchia.

A função do partido conservador é a manutenção da ordem contra todas as invasões que directa ou indirectamente ameacem a integridade da organização existente. Em todas as velhas sociedades os governos são por essa razão, os inimigos natos do progresso. A evolução progressiva da humanidade realisa-se, a despeito d'elles, pela elaboração irresistivel das idéas fora da esphera official, sob a acção das descobertas da sciencia ou das suggestões da arte. O mais que fazem os governos é submetterem-se ás transformações sociaes que a solução de cada novo problema resolvido pela sciencia impõe á existencia dos povos. Os governos, portanto, sempre que uma forte effervescencia intellectual não agita a sociedade e os não abala constantemente na eminencia do seu posto forçando-os a concessões successivas, tendem ao retrocesso.

A civilisação não é na orbita politica senão o justo equilibrio das forças resultantes d'essas duas tendencias: a tendencia retrograda na ordem, a tendencia anarchica na revolução.

Em Portugal o que succede?

A vida intellectual é extremamente debil. A sciencia não tem cultores desinteressados e ardentes, a acção da arte sobre a aspiração dos espiritos é nulla.

O resultado é que os partidos de opposição, não encontrando nos phenomenos da vida nacional a profunda expressão implacavel de novas necessidades a que os governos tenham de amoldar-se, acham-se naturalmente desarmados das grandes rasões que reptam os governos a progredir ou a abdicar.

Em taes condições o partido revolucionario dentro da milicia politica, partido fabricado pelos proprios governos com a corrupção do suffragio,—sendo uma pura convenção, uma fixão constitucional, uma expressão rhetorica, sem raizes na consciencia e na vontade popular,—acabou por desaparecer inteiramente do nosso systema representativo. Ha muitos annos que a revolução não tem quem a represente no parlamento portuguez.

Ha, todavia, uma maioria parlamentar e uma opposição composta de varios grupos dissidentes. Estes grupos são fragmentos dispersos do unico partido existente — o partido conservador — fragmentos cuja gravitação constitue o organismo do poder legislativo.

Estes partidos, todos conservadores, não tendo principios proprios nem idéas fundamentaes que os distingam uns dos outros, sendo absolutamente indifferente para a ordem e para o progresso que governe um d'elles ou que governe qualquer dos outros, conchavaram-se todos e resolveram de commum accordo revesarem-se no poder e governarem alternadamente segundo o lado para que as despesas da rhetorica nos debates ou a força da corrupção na urna fizesse pesar a balança da regia escolha. Tal é o espectáculo recreativo que ha vinte annos nos está dando a representação nacional.

Imaginem meia duzia de almocreves sequiosos que acham na estrada um pipo de vinho. Como nenhum d'elles tem mais direito que os outros a beber do pipo, combina-se que cada um d'elles ponha a bocca ao espicho e beba em quanto os pontapés dos outros o não contundirem até o ponto de o obrigar a largar as mãos

da vasilha para as apertar na parte ferida pelos pontapés applicados pela companhia que espera. É exactamente o que ha muito tempo tem sido feito pelos partidos portuguezes com relação ao usufructo do poder que elles acharam na estrada, perdido.

Chegou finalmente a vez de pôr o pipo á bocca um partido excepcionalmente valoroso de sede e incontundível de fibra. Este partido não desemboca o pipo por mais que lhe façam. Protestações escandalisadas, de almocreves, re-troam.

— Este partido abusa !

— Isto não vale !

— Isto não é do jogo !

— Elle esvasia o pipo !

— Larga o pipo, pipa !

— Larga o pipo, pimpão !

— Larga o pipo, ladrão !

E incitam-se uns aos outros até á ferocidade :

— Chega-lhe rijo !

— Mais ! que lhe dêa bem !

— Rebenta-me esse ôdre !

— Racha-me esse tunel !

— Ah ! cão !

O partido, porém, continua sempre a beber, e é insensível a tudo: á dôr, ao insulto, ao chasco, ao improperio, á graça pesada, á insinuação perfida e á allusão venenosa!

Em vista de uma tal pertinacia, que nós mesmos somos forçados a taxar de irregular, os partidos em expectativa do pipo, confederam-se, ferem o pacto da Granja, constituem-se n'um só partido novo,— n'uma só bocca para o pipo. Fazem um programma, redigem um manifesto, vão de terra em terra pedindo ao paiz que intervenha. Precisamente lhes occurreu n'esse momento que o pipo tem dono! que é do paiz o pipo!

Instado a intervir pelos pactuantes da Granja, pelos signatarios do manifesto, pelos auctores do novo programma, pelos oradores dos *meetings* revolucionarios, pelos jornaes opposicionistas, o paiz responde lhes:

Lesdes a historia do sabio burro lazarento contada pelas *Farpas*? Eu sou esse burro. Vós sois a revoada das novas moscas pretendendo expul-sar a revoada velha. Ora, moscas por moscas — sendo meu destino que ellas sempre me cubram e me comam — prefiro as antigas moscas saciadas ás novas moscas famintas.

Deixae-me em paz. E notae que eu nem sequer vos abano as orelhas, — que é para não bolir comigo!

Nuvens escuras, espessas, parecendo feitas da conjugação erea de Hymalaias de cinza e de Caucasos de cebo, toldam o céu, descem no espaço sobre as nossas cabeças, rolam pelos telhados com os idyllios felinos do mez de janeiro, cáem sobre os candieiros das ruas, espraíam-se pelo asphalto dos passeios, valsam nas ruas, envolvem os transeutes em abraços aquosos que lhes atraves-am o paletot, o collete de flannela e as articulações dos ossos; penetram em rodopio no interior das casas pelos resquícios das portas e das janellas, e na sua dança macraba as pardas e humidas filhas do ar cobrem de soffregos beijos molhados e holorosos as lombadas dos livros, o liso marfim dos teclados, o

marmore polido das chaminés, os cabellos que se desfrisam e as idéas que se dissolvem. Ao cabo de pouco tempo chove de toda a parte: chove do céu, chove das paredes e dos tectos das casas, das portas, da mobilia, dos castões das bengalas, dos *abat-jours* dos candieiros, e dos barretes de dormir. Ha dois violentos temporaes com poucos dias de espaço entre um e outro. Trásbordam os rios. Inundam-se os campos. Desenraizam-se arvores. Desmoramam-se casas. Os rebanhos, os instrumentos agricolas, os generos em deposito nos celleiros, os viaductos e os rails das linhas fereas são arrebatados pela corrente das aguas. O curso ordinario dos negocios, o movimento das mercadorias e dos viajantes suspende-se. Alguns dos habitantes das regiões inundadas ficam na miseria e têm fome.

*

Ha por tanto duas crises: uma crise meteorologica e uma crise economica

*

Sendo a crise economica um effeito da crise meteorologica, a questão fundamental no estudo d'essas duas crises é a questão da chuva.

Esta questão acha-se definida e tem a sua theoria na sciencia.

Assim como a agua sujeita a uma dada elevação de temperatura se evapora e se converte em ar, assim o ar sujeito a uma proporcional depressão athmospherica se transforma e se converte em agua. Os conhecimentos que já hoje se possuem da physica do globo permitem determinar os differentes tramites do processo seguido pela natureza para obter os resultados achados pela observação humana.

Todo o vento (effeito da rotação da terra) humedecido pela impregnação aquatica do mar, encontrando na sua passagem um estorvo que o dilate na atmospherica, transforma-se em chuva, ou transforma-se em neve, segundo o gráu de arrefecimento, maior ou menor, resultante da altura a que o eleva no espaço o volume do estorvo interposto na sua corrente.

Assim se explica o phenomeno da chuva, a existencia da neve nos pincaros de todas as altas montanhas, e o nascimento dos rios. D'estes, uns, como o Rhodano, o Rheno, o Danubio, são formados pela opposição das cordilheiras á corrente regular de certos ventos; outros, como o Mississipi e o Missouri, nascem do en-

contro das duas correntes atmosphericas oppostas, uma que sáe do golpho do Mexico, outra que parte dos Estados Unidos na direcção da Europa.

Achando-se determinado que 200 metros de elevação acima do nivel do mar dão 3 gráus de frio, é facil calcular o frio que deve actuar no ar elevado ás alturas dos Alpes, dos Pyreneus, do Caucaso, e de descobrir assim as causas das geleiras, do mesmo modo se descobriu a origem das chuvas e a do nascimento dos rios.

Possuida esta simples e clara noção, o homem adquiriu o poder de intervir no meteo. Em 14 de novembro de 1854 uma tempestade medonha caíu sobre as esquadras franceza e ingleza, estacionadas no Mar Negro. Todos os navios das duas marinhas tiveram avarias desastrosas. Muitas embarcações de transporte naufragaram. O sr. Leverrier, director do observatorio de Paris, procedeu então a um inquerito sobre as perturbações atmosphericas d'esse dia, dirigindo circulars a todos os meteorographos do mundo. Duzentas e cincoenta respostas de diferentes observatorios provaram que a onda atmospherica que determinara a tempestade fóra presentida pelos observadores, e que a ca-

tastrophe teria sido evitada se o telegrapho, que caminha mais depressa do que a corrente do ar, houvesse feito passar de observatorio em observatorio a noticia do phenomeno.

Antigamente faziam-se preces e penitencias para pedir chuva; hoje em dia a chuva não se pede, manda-se-lhe simplesmente que caia, e ella cõe precisamente no ponto que se lhe designa.

Ha poucos annos ainda, no Baixo Egypto, não chovia nunca. Os celleiros eram construidos ao ar livre, a descoberto, sobre os telhados. Desde tempos immemoriaes que o vento secco do norte mantinha esse estado de coisas na referida região. Um dia, porém, a corrente septentrional chega á Alexandria e encontra uma certa difficuldade em passar com a rapidez do costume; detem-se um momento, retarda-se um instante: basta isso para que ella se dilate, para que se eleve no espaço, para que arrefeça na razão da altura a que subiu e para que, por consequencia, se converta em chuva. D'onde viera esta poderosa resistencia á invasão do vento esteril? De uma revolução geologica na configuração do solo? Do encontro de um vento opposto? Da influencia calorifica da radiação

solar? Não. A voz de preso dada ao vento norte, o encarceramento d'elle n'uma certa porção do espaço, a sua condemnação inilludível a condensar-se e a ser chuva, fóra simplesmente a obra do homem, que vencera o vento plantando a arvore.

As florestas que téem o poder de occasionar as chuvas por meio da sua interferencia na corrente dos ventos, possuem ainda a propriedade de lhes regular os effeitos impedindo os excessivos irrigamentos, e as inundações.

Além de certos processos de cultura e de arborisação nos cabeços dos montes e nas encostas das colinas, ha outros meios de impedir os estragos das cheias, — dando aos rios um regimen torrencial, operando largos cortes transversaes nos declives do solo para regular a descida das aguas, construindo tubos de drenagem, etc.

Quando um dique, como o de Vallada, se rompe por effeito de um repentino augmento no volume da agua no leito de um rio, ha meios praticos, prontos, expeditos, de construir diques provisorios. O sr. Babinet, nos seus estudos ácerca da chuva e do irrigamento da França, lembra para os casos analogos ao de

Vallada a construcção de barreiras feitas com grandes caixas de ferro fundido semelhantes ás que transportam a agua potavel nas navegações de longo curso. Estas caixas enchem-se com a mesma agua do rio e sobrepõem-se ou enfileiram-se de encontro á corrente até formarem um obstaculo de dimensões adequadas ao volume da agua que se tem por fim represar.

O mesmo sr. Babinet suggere para o meio preventivo da arborisação o sabio alvitre, tão moralizador, de organizar regimentos de plantadores formados de corpos de veteranos, cujas praças encontrariam n'esse trabalho um suave emprego da sua actividade, que o Estado poderia utilizar remunerando-a com liberalidade superior á importancia mesquinha do soldo e proporcional ao serviço prestado por esses cidadãos, até hoje inuteis, á salubridade e á riqueza publica.

Por occasião das ultimas inundações em França, das recentes inundações na Inglaterra, os meios apontados e muitos outros, descobertos pela sciencia no momento do perigo, em frente da catastrophe, têm sido objecto dos mais graves estudos por parte do governo, por parte da imprensa, por parte principalmente

das corporações especiaes, dos meteorologistas, dos engenheiros hydrographos, dos de florestas, dos de pontes e calçadas, etc.

Em Portugal deante do facto da inundação espraçada sobre as povoações do Ribatejo, e das margens do Guadiana, a questão principal, a questão summa, a questão technica, é posta completamente de parte, ou nem sequer chega a ser afastada: não concorre no problema, é como se não existisse!

*

Em face do desastre, dos nossos periodicos, do nosso parlamento, dos nossos proprios estabelecimentos de instrucção, irrompe um só grito enorme, consternado, lacrimoso, impotente, imbecil: — *Caridade! Caridade! Caridade!*

Parece não se ter unicamente em vista achar um remedio, mas cumprir uma expiação que minore os castigos do Ceu!

Um antigo proloquio egypcio dizia: *Chuva em Tebas, desgraça no Egypto*. A população portugueza não mostra ter da chuva uma comprehensão menos supersticiosa que a da tradi-

ção tebana. Estamos na metaphysica dos ca-
taclismos incommensuraveis.

Debalde a meteorologia — com quanto em estado rudimentar, não constituida ainda em sciencia sobre bases experimentaes e com processos deductivos, — nos annuncia, ainda assim, que não ha nos phenomenos do ar aberrações extraordinarias, inacessiveis á previsão, mas sim uniformidades periodicas de successão, as quaes o estudo das ondas atmosphericas e da acção magnetica do globo, estudo dirigido harmonicamente em uma cinta de observatorios que cinja ininterrompidamente o globo, chegará por certo a poder um dia regulamentar systematicamente. Definir-se-ha o sentido scientifico do sonho symbolico das vaccas magras e das vaccas gordas, demonstrando-se como aos annos de estiagem e de fome succedem annos compensadores de irrigação e de abundancia.

Debalde a historia nos mostra que foi das inundações dos grandes rios que saiu a iniciação dos grandes progressos humanos; que foi das inundações do Nilo que procedeu a civilização do Egypto; das inundações do Hoang-Ho que procedeu a civilização da China; das inundações do Euphrates, que procedeu a civilisa-

ção da Caldea, da Babilonia e da Syria. Povos na infancia, desprovidos das lições da experiencia, desarmados dos instrumentos da analyse moderna, souberam fundar a sua vida historica na previsão industrial e na previsão economica das cheias dos seus rios.

Nós, portuguezes, em pleno seculo XIX, na posse dos mais importantes segredos da mechnica, da astronomia, da physica, da chimica, nós, filhos de Kepler, de Galileu, de Newton e de Francklin, nós, contemporaneos de Mayer, de Helmboltz, de Virchow, de Haeckel, de Humboldt, e de Wourtz, de Ampère, de Leverrier, nós, não sabemos tirar das inundações successivas de um rio que vem de annos a annos, periodicamente, contra nossa vontade, fertilisar os nossos campos, nenhuma das lições que a experiencia devia suggerir-nos para regularmos e utilisarmos em nosso proveito a acção violenta d'esse phenomeno!

Ha perto de trezentos annos que um velho naturalista, um modesto oleiro, um simples, um santo, Bernardo Palissy, ensinou a construir as fontes artificiaes, fazendo passar as aguas da chuva atravez de um pequeno trato de terreno arborisado sobre um declive de ci-

mento argiloso, terminando n'um muro de suporte que se corta no ponto em que se colloca a fonte e onde se deseja que a chuva, armazenada no inverno entre as raizes do pomar plantado na encosta de subsolo sedimentado, venha a correr no verão em bica de agua mineralizada e limpida. Ha trezentos annos que isto se ensinou. Em Portugal, onde a chuva torrencial é um facto de quasi todos os invernos, onde a falta de agua potavel é um facto de quasi todos os verões, ainda ninguem aprendeu a construir a fonte de Palissy!

Em Lisboa caíram alguns muros e desabaram algumas casas. Se um ligeiro abalo de terra se tivesse seguido ás grandes chuvas é natural que muitos outros predios aluissem, porque a grave questão das edificações em Lisboa está absolutamente despresada e abandonada á rotina do velho systema adoptado pelo marquez de Pombal. Ora esse systema, aliás excellente no tempo da reedificação subsequente ao terremoto, é hoje imperfeito e perigoso. A canalisação da agua e as chaminés dos fogões de sala vieram modernamente alterar os dados do problema resolvido pela sabia administração pombalina. Os andaimes de madeira geralmente

adoptados para sustentar os soalhos e os tetos ou apodrecem rapidamente ao contacto dos canos da agua que envolvem os predios ou se carbonisam por effeito do calor que lhes communicam os tubos das chaminés. A elasticidade que se tem em vista obter para evitar os desabamentos procedentes dos terremotos, substituindo os madeiramentos pela pedra, só poderia conseguir-se, sem perigo do apodrecimento ou da carbonisação, empregando nas construcções modernas o ferro em vez do pau. Esta modificação tão facil, tão economica, tão urgentemente exigida nos novos systemas de edificar, o nosso desleixo nacional não nol-a tem deixado ensaiar. De modo que a mesma previsão do perigo discorrida pelo unico homem que acordou em Portugal por occasião do grande tremor de terra com que á natureza benigna approveu tentar acordar-nos, essa mesma a nossa indolencia e a nossa incuria conseguiu converter dentro de poucos annos em mais uma causa de destruição e de aniquilamento !

Do regimen torrencial dos rios, da arborisação das montanhas, dos córtes transversaes das vertentes, da construcção dos tubos de drenagem, das applicações da draga, dos diques

moveis organisados por meio das grandes caixas de ferro fundido, caixas que boiam na agua em quanto vasia e que um pequeno vapor mudo de um cabo de reboque poderia conduzir aos centos sobre o Tejo para os pontos da margem que conviesse resguardar pelo pequeno espaço de tempo necessario para evitar o perigo, quasi momentaneo, das inundações, do emprego finalmente de qualquer dos muitos meios conhecidos para dominar as cheias ou para utilisar as chuvas, ninguem se occupa — nem o governo que assiste ao espectáculo commodamente sentado nos seus *fauteuils de orchestre* e applica á marcha dos successos o seu binoculo de dilettanti correcto, imperturbavel, nem o parlamento, nem a imprensa, nem finalmente o paiz!

*

A crise economica não nos parece ter sido objecto de cuidados mais serios do que aquelles que cercaram a questão hydraulica. Ou é certo ou não é que a inundaçào do Tejo e os temporaes que concorreram com ella destruíram as casas, devastaram os campos, reduziram povoações inteiras á miseria e á fome. Se isto é uma

pura invenção dos *reporters* sentimentaes, o diligente esforço humanitario empregado para arrancar da caridade o remedio supremo do grande mal é uma simples ostentação insensata e ridicula. Se são verdadeiras as informações que os jornaes vagamente nos transmittem das desgraças provenientes da inundação do Tejo e do Guadiana, n'esse caso a questão não se resolve pela caridade particular mas sim pela assistencia publica.

Porque — reflectamos um momento — ou existe esse conjuncto harmonico de instituições solidarias e responsaveis chamado o Estado, ou não existe.

Se não existe, em nome de que principio nos estão aqui a impôr o serviço militar, o exercito, as barreiras, as alfandegas, o funcionalismo e a lista civil?

Se o Estado existe, o que é para elle o *Inundado*? O *Inundado* é o productor e é o contribuinte. Agricultando o seu campo, creando o cavallo, engordando o boi, creando o porco, tosquiando a ovelha, pisando a azeitona, podando a cepa, descascando o sobreiro, o *Inundado* desde tempos immemoraveis que não faz mais do que estas duas coisas: produz e paga.

Nós outros, habitantes do Chiado, assignantes de S. Carlos, socios do Gremio e do Club, frequentadores do Martinho e do Passeio Publico, nós, republicanos, regeneradores ou graujolas, commendadores de Christo e mezarios da confraria das Chagas, nós outros não produzimos e por conseguinte, em rigor, tambem não pagamos.

Funcionnarios publicos, capitalistas, banqueiros, ministros, oradores, poetas lyricos, jogadores na bolsa, proprietarios de predios, vendedores de bilhetes de loteria, consumidores insaciaveis de charutos, de copos de cerveja, de dobrada com hervilhas e de bolos de especie, — nós, francamente, não produzimos coisa nenhuma que signifique dinheiro, isto é, trabalho crystalisado, obra, ou, por outra, valor. Somos apenas — mais ou menos legitimamente — os usufructuarios, os administradores officiosos ou officiaes do dinheiro dos outros.

Portanto, como acima dissemos, nós outros, como não produzimos, em rigor tambem não pagamos. Aquillo que alguns suppomos pagar é apenas uma parte que se nos deduz n'aquillo que recebemos. Quem em ultima analyse vem a pagar é unica e simplesmente o Inundado,

queremos dizer o productor, o que planta o trigo, o bacelo, a oliveira e o sobro, o que cega a cevada e apanha a bolota, o que carda a ovelha, cria o boi, o cavallo, o porco e o carneiro, o que dá a cortiça, o mel, a cebola, o pão, o vinho, o azeite, o sal, o figo, a amendoa e as laranjas.

É elle, o Inundado, quem até hoje tem pago o subsidio de S. Carlos, as carruagens dos ministros, os cavallos dos correios de secretaria, as purpuras dos nossos reis, as *toilettes* das nossas dançarinas, os penachos do nosso exercito, a campainha e o copo d'agua dos nossos parlamentos, finalmente toda a despeza de administração, de pompa, de luxo e de força, cujo conjuncto constitue a coisa chamada o Estado.

Como foi que o Estado resolveu o Inundado a pagar-lhe as suas contas? O Estado resolveu-o fazendo-lhe o seguinte discurso:

Inundado! Você trabalha como um boi de nora, o que o não impede de ser um infeliz e um estúpido. Eu sou o Estado. Proponho-me dar-lhe a felicidade material, intellectual e moral, cujos elementos lhe faltam, e que v. não sabe nem pôde constituir sem mim. Você não sabe lêr nem escrever, você não sabe trabalhar, não sabe prevér, não sabe economisar. Você não

tem a escola rural, nem a bibliotheca rural, nem a policia rural, nem o banco rural. Você não tem a granja modelo que lhe ensine os novos processos agricolas e lhe empreste as grandes machinas de trabalho. Você não tem arborisação nos seus montes nem canalisação nos seus rios. Para o dotar com todos e-ses instrumentos de aperfeiçoamento e de prosperidade, arranjei-lhe eu um systema, que se chama o systema monarchico-representativo, com uma carta, um rei, e doze homens, sendo seis ministros e seis correios a cavallo, um parlamento, composto de duas camaras, uma electiva e outra hereditaria. Quer você ou não quer a civilisação? Se a quer, aceite o meu systema e eleja um deputado que vá á minha camara electiva pedir por boca em seu nome tudo o que você appetite. Em troca d'este enorme serviço que eu lhe presto ha de você resignar-se a pagar-me um imposto annual, que eu cá mandarei cobrar pelo escrivão de fazenda, e cuja importancia applicarei a regalal-o e a divertir-o summamente com um exercito, uma côrte, um sceptro, varias duzias de repartições publicas, um theatro, um *Diario das Camaras*, um arsenal, uma cordoaria, uma imprensa, etc., etc.

O Inundado começou desde então a pagar e o estado começou a dispender. Ha perto de cincoenta annos que dura esta troca de serviços. O Inundado, porém, ainda até hoje não pôde obter nem a escola pratica, nem a bibliotheca, nem a granja, nem os novos instrumentos agricolas, nem as grandes machinas para a lavoura a vapor, nem a arborisação, nem os trabalhos hydraulicos no rio.

Um bello dia, um temporal rebenta, as aguas das chuvas, sem florestas que as espongem, sem valas que sangrem a torrente, desabam de chofre no rio, este trasborda por cima de velhos diques em ruina, alaga as povoações, invade as casas, e deixa o Inundado entregue á nudez, á desolação e á fome.

O Inundado pede então a alguem que em seu nome exponha ao Estado a situação em que elle se acha :

Excellentissimo Estado e meu amigo.—Ha cincoenta annos que para aqui me acho, tendo pago sempre a v. ex.^a a quantia que combinámos quando v. ex.^a fez comigo o contracto de en lhe mandar o imposto para Lisboa e de v.

ex.^a me mandar para aqui a civilisação. Até á data d'esta nada recebi.

Os deputados que para ali tenho expedido á custa de muita intriga, de muito dinheiro, de muito copo de vinho e de bastantes bordoadas distribuidas com as listas á bocca da urna, nada remetteram para cá senão discursos cheios de exclamações e de erros de grammatica. Graças aos effeitos de quarenta annos de eloquencia sobre os trabalhos da terra e sobre as obras do rio, este cresceu repentinamente com as ultimas chuvas, invadiu-me a casa e levou-me tudo: moveis, roupas, generos, ferramentas.

Acho-me na derradeira miseria.

Antigamente, antes do contrato que v. ex.^a fez comigo e a que já alludi, o dinheiro que eu ganhava, em vez de o mandar para Lisboa, entregava-o aqui assim ao morgado, ao capitão-mór, e ao convento. Mas o morgado e o capitão-mór, se por um lado me arrancavam a pelle como v. ex.^a hoje faz, por outro lado eram meus amigos. Eram meus compadres, padrinhos dos meus filhos; davam-lhes as brôas e as amendoadas pelas festas do anno, esperavam pelas rendas, punham os varapaus argolados dos seus moços e os d'elles proprios ao serviço da nossa

causa, quebravam todos os ossos do corpo aos corregedores, aos alcaides, aos portageiros e aos almotacés, quando estes se faziam finos, matavam-nos de quando em quando a criação ou davam-nos chicoçadas quando estavam bebados, mas em seu juizo eram bons homens e tinham sempre as portas e os braços abertos para nos acudir, para nos protegerem e para nos ajudarem. Os frades resavam, — o que, se não nos fazia bem, tambem nos não fazia mal; e esta é a differença que distingue os frades dos seus successores, os deputados: o frade resava, os deputados intrigam. Além d'isso, os frades, se diziam asneiras, diziam-as pelo menos em latim, o que sempre acho que lhes custaria mais do que dizel-as em portuguez rasteiro e agallegado como me dizem que os deputados fazem. Finalmente os frades, se de ordinario viviam á nossa custa, tambem nas occasiões de crise nos permittiam viver á custa d'elles, e o caldo da portaria era uma restituição.

Quem até hoje não tem restituído a importancia de um vintem nem em dinheiro, nem em caldo, nem em presentes, nem em favores de nenhuma especie é v. ex.^a, meu nobre e illustre senhor.

Tudo quanto tenho pago a v. ex.^a a titulo de imposto, v. ex.^a o tem gasto na verba recreios: exercito com as suas revistas e as suas paradas; corpo diplomatico; cõrte; gratificações aos doze homens que representam o governo trotando sobre as p'lecas de uns atraz das tipoias dos outros; governadores civis e secretarios geraes; desembargadores para Gôa e juizes para os Açores; repartições publicas; arsenaes; imprensa nacional; fabrica das cordas; etc.

Portanto, achando-me eu hoje sem real em consequencia de uma desgraça de que v. ex.^a tem a principal culpa, quer-me parecer que não serei desarrazoado pedindo-lhe o favor de me abonar para as minhas necessidades mais urgentes uma pequenissima parte das sommas com que eu ha cincoenta annos tenho estado a custear uma galhofa para a qual nem sequer ao menos me tem convidado

D'este que é

De v. ex.^a

Humilde subdito e servo

O Inundado.

A resposta do Estado a estas argumentações e a estas instancias é de tal modo recreativa, que pareceria inventada, se a sua authenticidade não fosse reconhecida, como é, de todo o mundo.

O Estado respondeu :

Meu caro Inundado. — A tua estimada carta veio encontrar-me em uma situação bem critica para te poder servir, como desejava.

Acho-me a braços com a resposta ao discurso da corôa, com a apparição dos granjolas e com a segarrega do Barros e Cunha. Falta-me tempo para me occupar de ti.

Pedi a sua magestade a Rainha para te abrir uma subscrição. A rainha accitou gostosa esta incumbencia. Vieram a Palacio todos os banqueiros e todos os capitalistas da cidade. Nomearam-se commissões de homens e commissões de senhoras para promover bazares de prendas, concertos de amadores e recitas de curiosos em teu beneficio.

Dizes-me que não tens nada de comer. É pouco. Todavia espero que, com alguma economia, possas d'isso mesmo tirar alguns jantares, ainda

que simples, com que te alimentos durante este mez e parte do que vem. Sé sobrio. Um bom caldo, um peixe, um assado, um prato de legumes e meia garrafa de vinho é quanto te deve bastar. Como não tens nada, resigna-te um pouco e abstem-te de champagne e de faisões dourados. Perdeste a casa, a mobilia e o fato. Vae para o hotel, enrola-te na tua robe de chambre e não saias por estes dias. Conserva-te no teu quarto, ao fogão, toma grogs e lê romances. Reveste-te de paciencia, já que não podes revestir-te de pano piloto, e espera.

Tudo está preparado e em via de execução para te acudir. Eduardo Coelho e Rio de Carvalho escrevem o hymno e estão no segundo moteto. O nosso Luiz de Campos prepara versos. Prepararam egualmente versos o nosso Thomaz Ribeiro, o nosso Pinheiro Chagas, o nosso Fernando Caldeira, o nosso Forte Gato, e outros.

É tal o movimento poetico e o consumo de rimas que escaceam já os consoantes para *rainha*; manda-me pelo telegrapho os que ahí tiveres disponiveis e mais proprios do alto estylo do que *tainha*, *morrinha*, *doninha*, *carapinha*, *picoinha*, *espinha*, *ventoinha*, *gallinha* e *mezinha*. Manda tambem para *Pia* os que poderes

obter, menos os que pareça conterem allusões irreverentes como *enguia, folia, tosquia, letria, azia, mania e bacia*.

Cada um ajusta ao pé o patim da caridade e guina para seu lado em arabescos cheios de phantasia e de elegancia: está-se n'um *skating rink* de beneficencia para te acudir, meu grande maganão.

Além dos que fazem versos e dos que fazem hymnos, ha sujeitos a quem os teus revezes — tão lastimados elles são! — têm feito espigar mazurkas e rebentar polkas... de pura dôr.

Entre as modistas tem havido largas discussões para se decidir se a caridade se deve fazer com decote ou com vestido afogado. Para os actos de beneficencia diurna têm-se adoptado geralmente os vestidos de meia caridade, de veludo ou casimira, abotoados. Para os rasgos de beneficencia nocturna as *toilettes* são sempre de grande-caridade, isto é: decotes quadrados guarnecidos de renda de Bruxellas, toda a cauda, luvas de dez botões, e diamantes.

É indiscriptivel a animação ferverosa que reina em todos os salões para se tratar de ti. Triplicaram as *soirées* n'este inverno e dança-se todas as noites com o expresso fim de te favo-

recer. Tocam-se os lanceiros e fazem-se discursos para te obsequiar.

—Elle geme nas vascas da mais horrorosa agonia!... Chaine anglaise, minha senhora!

—Mas nós havemos de arrancar-o das fauces da miseria... Sirva-me um gelado!

—Arrancar-o-hemos, ainda que seja a ferros!... De fructa ou de leite, minha senhora?

—Salvemol-o vivo ou morto!... De leite!

Às duas horas ceia, volante ou de bufete, serviço quente e frio, menu de Baltresqui.

Um telegramma que chega: — O Inundado está com agua pela cinta.

Um sujeito fugindo com um peru assado: — Vou levar-lhe uma boia!

Uma menina gritando:

—Não! Não! não o devo consentir! não consentirei jámais que o coração generoso d'aquelle que me deu o ser se sacrifique assim, principalmente por um inundado que só está em perigo — da cinta para baixo! Accudam ao papá! Subtraíam-lhe essa boia! Subtraíam-lh'a, que lhe vae fazer mal: elle já comeu uma!

De rasgos d'estes poderia citar-te centenas.

Restos de velhas edições de livros, de polkas, de almanacks, que o consumo do publico

se recusou a tragar e que jaziam desde tempos remotos nos archivos de familia dos respectivos autores, acabam de te ser consagrados e caem sobre as subscripções abertas para te proteger como benções dos genios incompreendidos e olvidados.

A mesma infancia estudiosa abre nas aulas de instrucção primaria subscripções para te acudir, e meninos, que ainda não conseguiram penetrar no *quadro de honra* como sufficientemente fortes em leitura, figuram nas resenhas dos jornaes como bemfeitores dos homens.

Não sei realmente, querido Inundado, como poderás agradecer-nos tão reiterados e tão grandes beneficios! Como não sabes fazer mais nada, espero ao menos que rezes por nós. Compennetra-te bem de quanto nos debes, e não te esqueças nunca, em primeiro logar de nos pagar as decimas, e em segundo de nos encommendar a Deus em todas as tuas orações de manhã e de tarde para que o Altissimo vele constantemente pelos nossos preciosos e divertidos dias e nos dilate a vida pelos mais longos annos, como desejas e has mister.

Não te assustes, por quem és, com esse passageiro incidente da agua pela cinta. Mantem-te

em uma attitude serena e firme. As cheias bolindo-se com ellas ainda enchem mais. Ao passo que, abandonadas a si mesmas, as cheias aborrecem-se e esvaziam. Por tanto deixa obrar a natureza. Logo que o tempo enxugue e os terrenos sequem, socega que irei vér-te. Podes desde já preparar a foguetada, o viverio, e o publico regosijo, para receberes quem é devéras

Teu amo e protector

O Estado.

P. S. O bom amigo Luiz de Campos recomenda-se-te muito e manda perguntar-te como gostas mais da caridade, se escripta á latina com *c a*, ou á grega com *ch a*.

*

Diz-se geralmente — e parece-nos util fixar este boato como um symptoma da epoca — que sua magestade a rainha fôra aconselhada e guiada em todos os tramites da sua intervenção a favor do Inundado por um personagem já

hoje eminentemente poderoso, mas ao qual os recentes conselhos a sua magestade vão dar um novo grau de importancia culminante e unica na governação publica. Será perfeitamente legitima essa importancia. Se effectivamente houve um homem sufficientemente sagaz para se conservar na sombra e para suggerir a sua magestade a rainha a idéa profunda de apparecer ella, unica e exclusivamente, a debellar uma catastrophe publica, esse homem fez aos partidos conservadores em Portugal um serviço incomparavel e deu uma prova de pericia e de habilidade que nunca se egualou e que se não pôde exceder.

Como se sabe, os partidos conservadores não têm idéas, não podem e não devem tel-as; os que por excepção as produzem commettem um erro fatal e são victimas do seu proprio acto. Em todo o *statu quo* toda a idéa nova é um rombo. Quem no poder tem idéas, afunde-o. Nos regimens conservadores, como o que vigora em Portugal desde muitos annos, as idéas são erupções revolucionarias extranhas á acção governativa. A missão dos que governam não é lançar na circulação essas idéas, mas sim e unicamente vigiar o systema, como se vigia a

couraça de um monitor em batalha naval, e sempre que uma idéa penetre, rolar o furo e disciplinar em seguida o elemento novo introduzido a bordo pelo projectil inimigo.

Aos governos conservadores não se pedem por conseguinte idéas: pedem-se expedientes. Expedientes para quê? Para conservar. Como? Por todos os meios que produzam este resultado: — a consolidação do que está.

É de dentro d'esta theoria, que encerra toda a sciencia de governar, que nós dizemos: os conselhos a sua magestade a rainha, se alguém effectivamente lh'os deu (cremos que sim e diremos já porque) são o acto mais sabio, porque esse acto faz recair no assumpto o expediente mais adquado e mais proficuo.

Se o governo procurasse directamente estudar e resolver o problema da inundação, que succederia? A opposição contraditava-o. Na imprensa e na camara os partidos dissidentes discutiriam as medidas ministeriaes, controvertel-as-hiam, impugnal-as-hiam com argumentos, com sarcasmos, com insultos. Quem sabe se o governo assim batido tenazmente de bom-bordo e estibordo não acabaria por metter agua, iniciando um simulacro de alguma coisa pareci-

da ainda que remotamente, com uma idéa?!

Que aconteceu, porém, em vez d'isso?

Sua magestade a rainha, disse-se, toma a iniciativa de todos os soccorros ás victimas da inundação. E sobre esta noticia publicada em grandes letras nos jornaes da manhã, o governo foi para a camara, cruzou os braços e esperou corajosamente que a representação nacional se manifestasse. Então a opposição em peso, composta dos srs. Barros e Cunha, Osorio de Vasconcellos e Pinheiro Chagas, pediu a palavra pela bocca dos seus oradores.

O sr. Osorio de Vasconcellos disse:—«Partiu de alto a iniciativa; partiu de uma illustre senhora, de sua magestade a rainha. Pois congratulemo-nos com o paiz inteiro; congratulemo-nos com este sentimento homogeneo de caridade manifestado por todos os cidadãos sem distincção de classe e que veio em allivio e amparo da miseria, que é geral (*apoiados*) do soffrimento que é grande; das amarguras que são immensas... O nosso paiz foi sempre reconhecido pelos impulsos da caridade... Se porventura do alto do Golgotha o Divino Mestre, etc., etc.»

O sr. Barros e Cunha:—«Mando para a mesa

a seguinte proposta que espero seja desde já votada por aclamação: A camara prestando á caridosa iniciativa de que sua magestade a rainha houve por bem usar em beneficio das victimas das inundações a homenagem que lhe deve em nome do povo que representa, resolve que este voto seja lançado na acta das suas sessões, e que uma grande deputação deponha aos pés da augusta princeza o tributo do seu reconhecimento.»

O sr. Pinheiro Chagas, (fallando comsigo mesmo)—«Tragotambem aqui uma proposta de mensagem a sua magestade, feita com tanto patriotismo como a de Barros e Cunha e com mais grammatica. Visto, porém, que a camara approvou a d'elle, vou pôr a minha em verso e levo-a para o Gymnasio. Tenho concluido.»

E na camara dos srs. deputados, onde o governo poderia ter sido violentamente e perigosamente accusado pela sua cumplicidade nos effeitos da inundação, os unicos tres deputados da opposição que n'este dia se achavam na sala não tiveram voz senão para louvar a caridade, para citar o Golgotha e para convidar uma grande commissão a ir depôr nos degraus do

solio os testemunhos mais humildes dõ reconhecimento popular !

A imprensa toda, unanimemente, confessou que sua magestade a rainha era indubitavelmente um anjo, ao qual todos os noticiaristas deviam permittir-se a liberdade de mexer um pouco nas azas um signal de gratidão.

Depois da imprensa e da camara dos deputados vieram as corporações todas com o seu obulo e o seu communicado aos jornaes. Os soldados, os empregados das repartições publicas, os carpinteiros, os serralheiros, os cocheiros, etc. collocaram a sua prosa apologetica sobre os voadouros angelicaes da santa princeza: versos, hymnos, valsas brilhantes, *speechs*, mensagens, missivas particulares, desenhos á penna, vivas, bordados a cabello e a missanga, hurrabs explosivos, tropheus emblematicos e pratos montados com figuras allegoricas, tudo concorreu n'esta immensa apotheose.

E, se, depois de tudo isto, o dique de Vallada ficou no est ado em que anteriormente estava, o throno dos nossos reis, pelo menos, acha-se mais firme que nunca no amor dos povos.

Confessamos, pois, em vista de todos os factos, que o expediente de resolver a crise acon-

selhando sua magestade a rainha a intervir pela caridade revela o politico mais habil, o homem de estado mais profundo que o paiz podia desejar na sua situação presente.

*

O que nos leva a admittir que sua magestade foi aconselhada por um promotor das conveniencias politicas e não guiada por impulsos espontaneos é o exame das pequenas circumstancias que acompanharam a intervenção da corôa e nas quaes se revela a mão burocratica do conselheiro de estado, mais habituado a manejar algarismos e a redigir programmas do que a imitar a graça engenhosa, a poetica delicadesa, o fino primor, o tacto subtil, exclusivamente feminino, que assignala os actos nativos de um coração de mulher. N'esses actos, quando legitimos e authenticos, ha uma especie de vinco mimoso, de perfume ideal, que os laboratorios officiaes não imitam senão por meio de falsificações baratas e reles.

Por este lado, que já não é o lado politico mas sim o lado esthetico, o lado artistico, por este lado o vosso *anjo da caridade*, o anjo que

vós, meus senhores, puzestes no vosso andor e passeastes em procissão de popularidade pelo paiz inteiro, tem os defeitos das ingenuas nas companhias de amadores dramaticos em que só representam homens: tem os pés chatos, a cinta grossa, e uma rouca voz de falsete, fingida e miseravel.

Por baixo das candidas vestes do vosso anjo percebem-se os contornos grossos e rijos de um forte modelo masculino. Reparando-se um pouco na alva pennugem immaculada das brancas azas em que o sr. Luiz de Campos collocou os seus inspirados versos, reconhece-se com evidencia que essas azas prendem por articulações de couro a espaduas de porta-machado.

Sua magestade a rainha, uma mulher, uma senhora, uma princeza, se vós a não houvesseis violentado com os vossos conselhos, ella de per si só, teria representado a caridade por modo muito diverso. Guiada simplesmente pelo seu delicado instincto de mulher e pela sua perfeita educação de senhora, ella saberia ser util sem ser espectacular; far-se-hia amar sem se deixar applaudir; chegaria á dedicação absoluta de toda a sua alma pelos desgraçados e pelos humildes, sem passar por cima da arêa

encarnada dos triumphos de rua, sem transpôr os arcos de murta das glorias de phylarmonica, sem se vulgarisar, finalmente, até o ponto de animar os poetas e os jornalistas a fazerem-lhe as mesmas *réclames* com que se lisongeiam as actrizes, tirando imagens sentimentaes e sonoras do *perfume dos seus cabellos*, das *pregas dos seus vestidos*, da *flexibilidade da sua estatura*, etc. Houve um folhetinista que chegou pelo desenfreamento do lyrismo a comparar sua magestade — a Magdalena!

Nós protestamos contra semelhantes invasões do enthusiasmo nos dominios da dignidade pessoal, e negamos á rhetorica monarchica o direito de lançar ás faces de uma digna mulher que passa levando o seu sceptro pela mão, as mesmas finesas que as bailarinas bonitas mandaram na vespera deitar fora com as camelias murchas.

Este abuso iniquo e grosseiro fostes vós, conselheiros habeis nos manejos politicos mas imperitos nas questões do gosto, — que os promovestes e auctorisastes.

Vós começastes por abusar da vossa influencia no espirito da soberana prefixando a quantia de um conto de réis como verba de subscripção. Quando a miseria é geral, quando as

amarguras são immensas, como disse o proprio sr. Osorio de Vasconcellos, quando dos poderes publicos não baixa uma só medida para acudir a tanto infortunio, quando todo o remedio para tamanhos males se confia da liberalidade de uma rainha, como quereis vós que se acredite que essa rainha, em uma tal conjuntura, se tenha posto a contar pelos seus dedos magnanimos até achar o numero de libras que compense a miseria geral e a amargura immensa? Por que vibrações de piedade, por que processo de sentimento, por que logica de consternação, por que inducção de pezares, quereis vós que o alanceado coração de sua magestade tenha chegado de dor em dor, de lagrima em lagrima, á conta, que só vós podieis ter feito, de duzentas e vinte e duas libras em oiro e dez tostões em prata? Esta conta deploravel é de um estalajadeiro ou de um cambista. Uma princeza, não tendo aprendido pelas necessidades proprias qual é o valor do dinheiro, não sabe contal-o para as necessidades dos outros. Se vós lhe tivessesis dito simplesmente que para acudir a uma catastrophe nacional não havia nem uma só disposição da sciencia ou da lei e que todo o remedio para essa desgraça pu-

blica se esperava da influencia regia, a rainha, entregue ao impulso instinctivo do seu coração, não deixaria de contribuir para esse fim de um modo illimitado, sacrificando-se inteiramente e incondicionalmente á fatalidade da fome como teria de se sacrificar á fatalidade da guerra.

Depois não vos occorreu que tudo quanto se dispendesse em pompas se cerceava em soccorros no producto dos espectaculos em beneficio das victimas da inundação. Sendo esses espectaculos dirigidos por uma senhora esqueceu-vos um ponto essencial que a toda a mulher occorreria: a prescripção da *toilette*. Como sois homens publicos e viveis permanentemente na ostentação e no apparatus vós não podeis conceber quanto ha de inoportuno, de indelicado, de offensivo do bom gosto no aspecto de senhoras que se reúnem para um fim de caridade cobertas de joias como para um certame de luxo. Se fosse effectivamente uma senhora quem tivesse a direcção d'esses actos de phylantropia, as joias teriam sido abolidas, o preço das luvas de baile teria sido applicado á subscripção para os pobres, e nas mãos nuas um anel de ferro mandado fazer pela commissão ornaria toda a pessoa que quizesse acceital-o em troca

de um anel de oiro offerecido aos inundados. Em vez dos ramilhetes, de 15 ou 20 libras, offertados aos actores, aos musicos e aos poetas, uma mulher economisaria em favor dos pobres essa luxuosa despesa e manifestaria o seu agradecimento por um modo extremamente mais economico e mais expressivo como seria por exemplo, o offerecimento de uma pequena photographia de sua magestade com uma simples dedicatoria autographa.

*

Além da commissão de soccorros presidida nominalmente por sua magestade a rainha a unica corporação que em Portugal se occupou do problema das inundações foi a de suas excellencias os srs. bispos.

Apenas constou que alguns dos nossos rios tinham trasbordado, em todos os bispados do reino se fizeram preces implorando da divina misericordia que os rios voltassem ao seus leitos.

Esterecurso piedoso lembra-nos que seria vantajoso para o fim de pôr em harmonia a meteorologia e a religião, crear barometros especiaes dedicados ás nossas circumscripções ecclesiasticas.

Estes barometros, que os srs. parochos collocariam nas sacristias ao lado das folhinhas em que se prescreve a côr das vestimentas, teriam as indicações precisas para constituirem um formulario perpetuo sem o incommodo da intervenção dos srs. bispos por via das suas pastoraes. Bastaria que os aneroides *ad usum ecclesiae* fossem um pouco mais desenvolvidos na indicação dos resultados da pressão atmosphérica sobre os aspectos do tempo. Por exemplo: — 78, *bom tempo fixo, faça preces a pedir chuva*; — 74 *grande chuva, faça preces a pedir sol*; — 73 *tempestade, saia procissão e faça preces a pedir bom tempo.*

N'este caso os observatorios astronomicos e meteorologicos poderão ser substituidos com vantagem pelas cabaças rotatorias dos Kalmuks ou pelos moinhos do Tibet. As cabaças, cheias de orações e agitadas pelo vento, produzem a adoração perenne. Os moinhos são uma fabrica mecanica de preces continuas, de moagens devotas.

É preciso que n'este ponto nos decidamos por uma das duas: — pela meteorologia ou pela prece. Se os estados atmosphericos se determinam nos templos é absolutamente inutil estudal-os nos

observatorios. As duas coisas juntas refutam-se e destroem-se. Ou bem cabeças que pensem ou bem cabaças que rodem. Decidam!

O que escreve estas linhas, tendo sahido do Porto no dia 8 de janeiro, foi surprehendido pela tempestade e embargado pelas cheias, não podendo chegar a Lisboa senão oito dias depois d'aquelle em que partira do Porto. Foram seus companheiros de viagem alguns mancebos — quinze ou vinte — que emigravam para o Brasil e vinham do Minho tomar em Lisboa um dos paquetes da Mala Inglesa. Nas primeiras estações proximas de Gaya esses rapazes, descorados, surprehendidos, vestidos de cotim, tendo pendente do pescoço por um cordel a chave da caixa, apeavam e abraçavam nas gares os seus parentes que ahi tinham ido abençoal-os, dar-lhes os ultimos conselhos e as ultimas lagrimas. Havia um grande alarido de mulheres que choravam. Vozes soluçadas diziam: «Adeus! adeus talvez para sempre!» Abraços tenazes parecia não poderem deslaçar-se dos derradeiros abraços. Tangia a sineta para largar a locomotiva. Passageiros allegres, indifferentes, debruçados das portinholas,

intervinham nos excessos da ternura, nas crises da saudade, com palavras recreativas, com commentarios facetos, com exclamações punidoras. Um aldeão já velho, magro, alto, beijava um pequeno emigrante, talvez seu neto, que se lhe abraçára ao pescoço; um jocoso soldado, trazendo a fardeta desabotoada e uma borracha ao tiracollo, gritou-lhe da carroagem: — « Ó labrego, larga o rapaz! » e accrescentou sentenciosamente este conceito: — « Beijos de homens são coices de burro! » O velho teve a coragem de sorrir com uma visagem dolorosa, de quem fingia resignar-se, e mettendo o rapaz na carroagem, á pressa, em voz baixa, envergonhada: « Deus Nosso Senhor te abençõe! Deus Nosso Senhor te abençõe e te dê bôa sorte! »

O comboyo batido pelas rajadas do vento e pelas torrentes da chuva não pôde, em consequencia dos rombos da estrada, passar de Pom-bal, onde chegou ás duas horas da noite. Os pequenos aldeões, trespasados de frio e talvez de fome, com as golas das jaquetas levantadas, os pés molhados nas suas chinelas de couro cru, as mãos nas algibeiras das calças, adormeceram nas carroagens da terceira classe ou nas bancadas da estação. O comboyo demorou-se ali

tres ou quatro dias. Os emigrados, perdidos no meio da indiferença, desapareceram. Quando nós, no primeiro dia em que a estrada se tornou praticavel, proseguimos de Coimbra, onde ficamos, até Santarem, não encontramos nenhum dos nossos pequenos companheiros. É provavel que tivessem continuado a pé, sob a tempestade, até chegarem a Lisboa, ao encontro da Mala Real Ingleza. Esses pequenos, obscuros, miseraveis passageiros, troçados, escarneidos na sua dôr, cobertos de lagrimas e de lamas suas esperanças de fortuna, eram os embriões da riqueza portugueza, eram o brasileiro ao deixar a patria.

Outro companheiro d'esta nossa viagem atravez das inundações era um velho de sessenta e cinco a setenta annos. Traz apertado ao queixo, por baixo do chapéu, um lenço de seda e ás costas uma manta *couvre-pieds*, que elle abrocha no peito com uns fechos de prata e que lhe cae por traz até os calcanhares. Esta manta, de pano haetão, tem estampada a figura de um tigre, o que dá ao nosso companheiro, visto pelas costas, com o seu lenço na cabeça, os seus sócos, o seu chapéu de chuva, o aspecto de um Attila domesticado e doente. Viaja em compa-

nhia de uma sua prima, mais velha que elle, e de um pão de ló mais volumoso do que os dois primos juntos.

Este sujeito conferiu-nos a honra de nos dar a provar o seu pão de ló e de nos contar a sua historia. Vinha de Felgueiras, terra da sua naturalidade, e trazia o pão de ló, que as chuvas avariaram, para um seu amigo, o sr. Azevedo, pharmaceutico na rua larga de S. Roque. Fôra em creança para o Brasil, reunira á força de trabalho e de economia uma modesta fortuna. Já na velhice liquidara todo o seu capital, voltara para Felgueiras, reedificara a pequena casa em que tinham morrido seus paes, adquirira algumas terras, empregara o seu capital na fundação de uma lavoura ; comprara juntas de bois, assoldadara moços, metterá operarios e jornaleiros, plantara milhares de carvalhos e de castanheiros. As potencias eleitoraes de Felgueiras convidaram-o em nome de dois ou tres partidos do sitio a intervir com a sua influencia na politica local. Elle recusara-se. Queria acabar em paz os seus dias, contentando-se com a modesta gloria de restituir á terra em que nasceu toda a sua fortuna convertida na verdadeira e unica riqueza nacional — a fertilisação do solo

e o desenvolvimento do trabalho. Desde esse dia os partidos confederados de Felgueiras começaram a hostilizar-o como o inimigo commum de todos os partidos, o qual inimigo é em toda a parte — a imparcialidade. Enredaram-o em pequenas intrigas, empeceram-o, desgostaram-o em todos os seus projectos, em todas as suas aspirações. Elle, como velho trabalhador macegado, resistira. Um golpe inesperado acabara, porém, de o ferir no coração: dias antes da nossa viagem, na vespera do Natal, uma chusma de gatunos, arregimentados para esse fim, invadira a sua nascente propriedade e destruíra inteiramente todas as suas arvores. Elle que-relára, e vinha para Lisboa esperar que se lhe fizesse justiça. «Exijo — dizia elle — que me paguem indemnisação na medida da perda que esta offensa representa para um velho como eu, a quem pouco tempo já resta para esperar que as arvores cresçam. Venho para Lisboa até que os tribunaes decidam a minha sorte. Se não me fizerem justiça, irei fallar com o rei, e dir-lhe-hei: Meu senhor! Não tendo achado na patria meios de enriquecer, fui procural-os n'um paiz extranho. De regresso a Portugal no ultimo quartel da vida, repatriando-me com todo o dinheiro

que pude adquirir e que vinha dispendir entre os meus compatriotas, acho-me aqui vilipendiado, roubado e escarnecido. Lavrador por vocação e por velho geito adquirido, parto hoje pelo caminho de ferro para França, e plantarei a minha horta n'essa terra estimavel, onde os homens não teem rei nem os campos teem muros mas onde a nação da justiça baixou já dos dominios da intelligencia até penetrar nos costumes e ter a sua encarnação nas leis. Sirva-se portanto vossa magestade abater o meu nome no seu rol e contar com um subdito de menos¹.

Este homem representava a ultima faze da vida em que iam entrar os pequenos emigrados que perdemos de vista em Pombal. Aquelles eram o brasileiro ao partir; este era o brasileiro ao chegar.

Entre aquella infancia despresada e esta velhice desprotegida, está o portuguez residindo e trabalhando no Brasil. Lá, esquecido do que passou na infancia, despreoccupado do que o espera na velhice, o portuguez desenvolve, como uma enfermidade nostalgica, o mais ardente patriotismo. Nas suas allucinações de exilado a patria apparece-lhe deslumbrante de todos os pres-

¹ Textual.

tigios com que a saudade e o amor aureolam os seus idolos. Assim como elle proprio se aperfeiçoã em cada dia pelo trabalho, imagina que a patria se desenvolve proporcionalmente pelo progresso, e mede pelo esforço d'elle, muitas vezes sublime e heroico, o empenho com que estão concorrendo para a civilisação no paiz os seus homens de estado, os seus politicos, os seus industriaes, os seus escriptores e os seus artistas. Á similhaça da colonia de que elle faz parte, suppõe a patria um grande todo confederado e harmonico com interesses solidarios, com intuitos communs, com fins determinados, tendo ideias, tendo principios, tendo sentimentos, sendo capaz de paixões profundas, de dedicações fortes, de sacrificios illimitados. E tem pela patria os mesmos affectos e as mesmas dedicações de que a suppõe susceptivel.

Assim é que, chegando ao Rio de Janeiro a noticia das nossas inundações a colonia portugueza principia a mandar para a metropole milhares de libras por cada paquete.

Os rios cahiram nos respectivos alveos, as terras enxugaram, as sementeiras começam a crescer, a lembrança da catastrophe principia a dissipar-se, e o dinheiro das subscrições do

Brasil continua a chegar. Dentro de pouco tempo a commissão portugueza de soccorros aos inundados não saberá o destino que ha de dar ao dinheiro que amontôa.

As crises do trabalho subsequentes ás inundações são transitorias e tão rapidas como as proprias inundações. Desde que a inundação cessa, o trabalho restabelece-se nas suas condições normaes. Os estragos causados pelas cheias não affectam os trabalhadores e os pobres, affectam unicamente os proprietarios. Ora estes poderiam acceitar um emprestimo proposto pelo governo, mas não podem receber um donativo feito pela caridade. Portanto, desde que o governo não acudiu aos pobres em tempo opportuno nem auxiliou os proprietarios pelo meio conveniente, todo o dinheiro accumulado pela caridade é inutil a todos: aos pobres porque não tem a opportunidade do tempo em quê, e aos ricos porque não tem a opportunidade do modo como.

É por estas rasões que suppomos fazer um serviço á commissão de soccorros suggerindo-lhe um meio de applicar uma parte das sommas com que se acha a braços. Este meio é: dar em nome do paiz uma satisfação de honra aos portuguezes residentes no Brasil — 1.º indemni-

sando os emigrantes minhotos sahidos do Porto nos comboyos dos dias 7 e 8 de janeiro pelos prejuizos provenientes de não haverem chegado a Lisboa a tempo de embarcarem nos paquetes de 8 e 10 do mesmo mez; 2.º fundando em Felgueiras uma policia rural que empeça a população indigena de destruir as propriedades fundadas pelos emigrados que chegam, por isso que na provincia do Minho, de que principalmente procedem os portuguezes residentes no Brasil, es unicos estragos recentes de que temos noticia e que acima referimos, procedem, não das inundações dos rios, mas da indisciplina dos homens.

*

Para servir de complemento á historia das inundações portuguezas, eis o que succedeu no Minho, junto de Villa Nova de Famalicão, com um pequeno riacho obscuro que ali passa.

Havia-se ultimamente deliberado dotar a alludida corrente com o adminiculo de uma ponte. Como esta ponte, além de uma obra fluvial, era tambem um viaducto entre duas collinas e um atalho entre dois caminhos, todos os grandes proprietarios da região em que passava o ribeiro pretenderam ter a ponte á sua respectiva

porta. N'este sentido ferveram os pedidos, os empenhos, as intrigas, as ameaças, as pressões dos votos, todos os meios finalmente que em Portugal movem e removem a tendencia das idéas, a direcção dos principios, os planos das estradas e os projectos das pontes.

A obra fez-se finalmente sob a acção d'essas influencias e, como é costume, em satisfação do empenho mais preponderante. Era no verão, e tinha seccado o ribeiro. Vieram n'este inverno os grandes temporaes e as copiosas chuvas, o ribeiro encheu, trahbordou, correu pelos campos e pelos caminhos, passou por toda a parte, sómente não passou — por baixo da ponte!

Enviamos os nossos parabens aos habitantes de Famalicão. A sua ponte é verdade que não representa completamente uma ponte, mas representa um symbolo monumental, que os habitantes não procurarão para atravessar o ribeiro, mas que todos os estrangeiros, todos os historiadores e todos os philosophos irão ver com admiração e respeito para se compenetrarem do legitimo espirito da politica e da administração na presente phase da civilisação portugueza.

Contam os periodicos que no dia de Natal sua magestade el-rei se dignára de brindar magnanimamente os soldados da sua real guarda, oferecendo-lhes em Palacio um banquete composto das iguarias mais finas e mais preciosas, taes como sopa de massa, boi cosido com chouriço, carne guisada com batatas e laranjas.

No momento em que os briosos filhos de Marte, coroados com os louros da guerra e com as rosas da paz, libavam as taças da victoria, nas quaes, a um gesto da regia munificencia o *doutor roxo* se repartira e prodigalisára na razão de dois decilitros por praça, o sr. capitão da companhia, penetrando na sala do festim e impondo silencio aos dithyrambos, ás canções bachicas e aos hymnos bellicos que o aspecto tão anachreontico quanto marcial da carne guisada com batatas jámais deixa de influir em mentes inflammadas e em animos generosos, proclamou d'esta arte:

«Soldados! O principe, cujo pennacho branco vós tendes visto constantemente á vossa frente,

conduzindo-nos ao fogo e guiando-vos ás victórias, o príncipe cuja espada invencível vós tendes visto sempre no meio de vós, já relampagueando intemerata ao sol das batalhas, já embebendo-se sedenta no sangue inimigo, o príncipe, generoso e magnanimo, n'este dia consagrado ao ephemero repouso dos acampamentos, convoca a este festim guerreiro os seus amados companheiros d'armas. Uma coisa de que sua real magestade jámais se pôde esquecer é a maneira como vos tem visto pelejar! Porque é mister dizer-vol-o: no maior ardor dos combates, no proprio momento em que mais absorto elle parece no afan de retalhar em postas os exercitos inimigos, nunca o príncipe vos perdeu de seu real olho!

«Tudo elle viu, e nada do que obrastes lhe é occulto.

«Viu-vos caminhar ávante para as hostes contrarias! Viu-vos quando, no meio do estrondo e do fumo das descargas, tomastes as bandeiras e os estandartes do outro campo! Viu-vos quando á chegada fatal da maldita cavallaria inimiga, formastes quadrado e a esperastes impavidamente e a pé firme, no posto da honra! Viu-vos depois cair a um por um feridos pelo peito como

heroes! Viu-vos morder o pó! Viu-vos finalmente exhalar o ultimo suspiro, a vós todos, desde o primeiro ao ultimo, até nada mais se vêr no logar onde estaveis senão um monte de cadaveres abraçados a um monte de bandeiras! Foi ainda o principe, piedoso e grande, quem, percorrendo o campo no dia seguinte á batalha, recolheu e enfrascou as vossas cinzas, restituindo-as elle proprio ás vossas viuvvas, e dizendo-lhes entre suspiros e lagrimas: «Em cada um d'esses frascos, marcados com o numero da praça e da companhia, encontrareis uma pitada de tudo quanto vos resta d'esse punhado de bravos!»

«Foi depois de todas essas provações—tão arduas!—que sua magestade deliberou reunir-vos n'este banquete sumptuoso.

«Soldados! em testemunho de agradecimento a uma tão manifesta prova de consideração e de amor, peço-vos que ergaes as vossas taças, de dois decilitros cada, e que, antes de haurirdes o phalerno de Torres que ellas encerram, me acompanheis nos vivas que passo a entoar e com os quaes dou por finda esta allocução marcial. Viva sua magestade el-rei! Viva a real familia! Viva a carta constitucional da monarchia!»

Nenhum soldado respondeu em discurso, como pede a etiqueta dos *toasts*, porque nenhum dispunha da fortaleza cerebral necessaria para criticar os seus proprios sentimentos, para os discernir e para os coordenar em palavras. De modo que se contentaram em dar vivas e beber, coçando nas cabeças essa especie de comichão produzida por todo o rude encontro de idéas contradictorias e confusas.

Expressos sob a fórma litteraria, os sentimentos que o soldado revelou sob a fórma de coceira dariam o seguinte discurso :

«Capitão! Ha alguns annos que eu fui agarrado á força na minha terra para vir para a tropa. A minha primeira idéa foi livrar-me comendo um dedo. Affiançaram-me, porém, que poderia igualmente livrar-me dizendo que tinha queixa de peito. Assim o disse, mas não me acreditaram, e cá fiquei ás ordens.

«Desde que jurei bandeiras é raro o dia em que o capitão, o major, o tenente-coronel ou o proprio commandante me não fallam do meu ardor mavorcio, da minha firme e tremenda attitude diante do inimigo e dos meus louros cogados com a espada nos campos da batalha.

«Eu devo dizer ao capitão, com toda a franqueza, que desde que estou na militança nunca tive *ardôr mavorcio* nem ardor d'outra qualquer especie, a não ser que o capitão se refira ao que senti nas orelhas quando na recruta me puchava por ellas o sargento instructor. Se é d'este ardôr que se trata, tive-o, e se o sargento o não teve ainda, ha de tel-o tambem se, quando eu largar a farda, elle continuar a conservar as orelhas, que eu, como livre paisano, lhe hei de então estender conscienciosamente desde a porta do quartel até á entrada da minha minha freguezia.

«Emquanto ao inimigo declaro que o não conheço, e muito obrigado ficaria ao capitão se tivesse a bondade de m'o mostrar para que eu pudesse desenferrujar estas inuteis pernas applicando-lhe sem perigo de offender a disciplina alguns dos pontapés que em observancia da mesma disciplina não tenho até hoje feito se não receber.

«Quem é o inimigo? Não farão favor de me responder: — quem é o inimigo?

«Julguei algum tempo que fosse um sujeito de casaco còr de pinhão, de gola levantada para cima, que ás vezes se mettia commigo nas guar-

das. Tinha resolvido atacal-o, quando vim a saber que era um simples curioso das artes da guerra.

«Vejo todavia que não fazemos mais do que preparar-nos constantemente para resistir ao inimigo, o qual parece não implicar com mais ninguém senão comnosco. Pelo menos ninguém o teme senão a tropa.

«Ha familias, compostas unicamente de mulheres, que dormem sósinhas nas suas casas sem medo a ninguém; no quartel, cheio de homens, cada um dos quaes tem uma espingarda e uma bayoneta, é preciso pôr sentinellas a todas as portas, velam uns emquanto os outros dormem, e ha sempre gente armada até aos dentes, com os olhos arregalados nas trevas da noite, para que não nos surprehenda o inimigo! — Que é sempre com o que lhe dão: — com o inimigo!

«Emquanto aos loiros segados nos campos das batalhas cumpre-me igualmente fazer sentir ao capitão que desde que estou no exercito ainda não seguei.

«A minha vida tem consistido unica e exclusivamente em deitar todas as manhãs umas correias ás costas e em pôr uma tocha ao hombro para marchar ao som da musica ou para pas-

sear de sentinella á porta dos edificios publicos.

«Pelo que diz respeito ao banquete opiparo para que sua real magestade me convidou, agradeço-o muito, confesso-me profundamente sensível aos attractivos da real carne guizada e das fulgidas batatas da corôa. Todavia não posso esconder que o que principalmente me lisongeava seria que me fizessem a especial mercê de me mandar embora.

«Apezar da excellencia das iguarias preciosas de que consta este banquete olympico, sou forçado a dizer que por mais de uma vez a esta meza o bocado se me tem enfardelado na bocca sem querer ir para baixo. Porque? Porque me sobe do coração e me aperta a guela a lembrança da minha aldeia, da alegre festa do Natal, n'este dia, ao pé do lar, no casal da minha velha... Chamo-lhe eu a minha velha! O capitão faz idéa... Fallo-lhe da minha mãe.

«Hontem matava ella o porco, ou antes era eu que lh'o matava. Hoje tinhamos lombo assado á fogueira do lar, n'um espeto de loureiro. Que lombo aquelle, capitão! Com que vontade que eu principiava a jantar outra vez se fosse d'esse lombo que me déssem! E depois não era o rei que me convidava a mim, — o capitão ha de comprehen-

der o effeito moral d'esta differença — era eu que poderia convidar o rei a comer no meu casal, d'aquillo que era meu, que eu proprio ganhara ou ajudara a ganhar com o meu trabalho, com a minha força, com o meu prestimo! Na minha aldeia eu era, mais ou menos, um dono de casa, um trabalhador, um cidadão, um homem. E dentro do meu quinteiro, como o meu pequeno rebanho e com o meu cajado, o rei era eu!

«Aqui, que diabo! Aqui, francamente, capitão, que raio de diabo!

«Aqui, que sou eu? Um monte de cisco, um molho de palha, um estafermo, um espantalho de botões de ouro fingido, de espingarda descarregada e de patrona vasia, para metter medo a outro estafermo, a outro espantalho, a outra abantesma de espingarda igualmente descarregada e de patrona igualmente vasia, o qual outro se chama o inimigo!

«Dizem que tambem sirvo para—manter a ordem. A ordem que eu mantenho é outra historia da carocha como a do inimigo que eu combato.

«Na minha aldeia, onde nunca de memoria de homem appareceu o bico de uma bayoneta, todos vivem em harmonia e em paz. Aqui, onde

a ordem é mantida por dez ou doze regimentos, ha desordens todos os dias e todos os annos ha revoltas. Revoltas de quem, meu capitão? — Dos sargentos!

«Ora, se eu não sirvo para nada, se o inimigo, sendo outro que tal como eu, não serve tambem para coisa nenhuma, não acha o capitão, que o mais justo seria mandar-nos para nossas casas a ambos — ao inimigo e a mim?

«Se como o capitão affirma, el-rei é meu amigo e pretende obsequiar-me, que sua real magestade cesse de esbanjar-se nos acepipes com que me cumula! Que me permita estar na minha casa, como sua magestade está na d'elle com sua excellentissima esposa e com o seus interessantes filhos! Eu lhe protesto que não só dispensarei todos os seus favores, mas que poderei ainda fazer-lhe alguns, e me tornarei um cidadão independente, serviçal e util, em vez de me desfallecer para aqui, dentro d'este uniforme, coberto por esta barretina, inundado de ociosidade, comido de tedio¹, de nojo de mim mesmo, de todas as más molestias da alma e do corpo,

¹ No dia em que estas linhas foram escriptas suicidavam-se dois soldados, um de infantaria n.º 1, em Belem, outro de caçadores n.º 10, em Setubal.

perdido para o bem dos outros e não prognosticando grande coisa senão para o mal de mim mesmo. Nada mais accrescento porque está a cair o quarto e tenho de me ir deitar ao inimigo, —passeiando de sentinella á porta de palacio.»

Depois de coçado este discurso na cabeça dos soldados, terminou o banquete, retirando-se todos os convivas profundamente penhorados pela excellencia do serviço e pelas delicadas maneiras do sr. capitão.

Referem os jornaes que a Academia Real das Sciencias celebrará no mez de março do futuro anno de 1879 a festa do primeiro centenario da sua fundação.

A primeira das rasões porque folgamos com esta noticia e que se inicia em Portugal uma tendencia nova no espirito das sociedades modernas : — a tendencia a reformar o calendario,

substituindo as ephemerides ecclesiasticas pelas taboas historicas.

Essa tendencia revela um progresso.

A igreja tem, certamente, datas memoraveis que a civilisação ha de manter entre as grandes epochas da humanidade. Mas essas datas, por mais gloriosas que sejam, não bastam para preencher os fastos da humanidade e para pautar o culto devido á lembrança dos grandes factos e á memoria dos grandes homens.

Se a igreja tem os seus santos, os seus martyres, os seus doutores, a liberdade, a sciencia, o trabalho, a arte, teem tambem os seus, e a gratidão humana não deve menos aos segundos do que aos primeiros. O dia de S. Bernardino, a 20 de maio, é tambem o dia de Christovão Colombo. O dia de S. Luciano, a 8 de janeiro, é egualmente o dia Galileu. O dia 5 de abril é o de Santo Adriano e é o de Danton e de Camillo Desmoulins. O dia 23 do mesmo mez é o anniversario do nascimento de S. Jorge e é tambem o da morte de Shakspeare e de Cervantes.

Nem toda a gente sabe, de pronto, sem consultar a collecção dos holandistas ou o *Flos Sanctorum* o que foram precisamente para o

mundo e para Deus, Bernardino, Adriano ou Luciano. Ninguem todavia ignora o que a humanidade deve a Colombo, a Galileu, a Danton e a Shakespeare.

Depois a circumstancia de ir para o ceu por uma decisão dos concilios nem sempre equivale a haver deixado na terra um exemplo que fortifique as almas para servirem ao mundo ou para servirem a Deus.

Temos por exemplo que, segundo S. Lucas, capitulo XXII, versiculo 61, S. Pedro, convicto da divindade de Jesus, o renega por tres vezes no tribunal de Caiphaz. No tribunal da Inquisição, deante da fogueira que o vae devorar se não renegar o seu livro, Giordano Bruno prefere morrer a trahir a verdade. S. Pedro fundou a igreja christã; Giordano Bruno fundou uma nova theoria do Universo. Um é adorado como santo; o outro é condemnado como hereje. E todavia é com Bruno e não é com Pedro que todos nós, filhos do seculo ou filhos da religião, temos que aprender como se sustenta uma convicção ou como se defende uma crença.

A iniciativa da Academia contribuirá poderosamente, de certo, para fazer entrar nos costumes a fecunda lição alliada ao culto dos gran-

des homens e á commemoração dos grandes feitos, ceremonias destinadas a tornarem-se as festas nacionaes de todos os povos civilizados.

Ao centenario da Academia succeder-se-ha sem duvida o do apostolo da nacionalidade portugueza Camões, e o do martyr da liberdade de pensamento Damião de Goes.

A segunda razão porque nos regosija a noticia que registamos é que a celebração do jubileu academico, pedindo a publicação de uma historia d'aquelle instituto, virá por meio d'esse documento recordar o papel brilhantissimo que teve na historia das idéas em Portugal essa corporação scientifica, e chamar talvez alguns dos actuaes academicos a reatarem a tradição gloriosa d'aquelles que os precederam na direcção intellectual do paiz.

A Academia Real das Sciencias foi o foco da revolução e o berço da moderna liberdade em Portugal.

Em um excellento livro do sr. Theophilo Braga, recentemente publicado — *Bocage, sua vida e epoca litteraria* — encontram-se os mais mais preciosos documentos para a nossa moderna historia litteraria, documentos até hoje

ineditos e pacientemente colligidos por aquelle eminente escriptor, em cujas obras, as mais eruditas que em Portugal se teem feito, o publico não aprendeu ainda senão a calumniar o auctor. Entre esses documentos tirados a lume pelo sr. Theophilo Braga, acham-se as mais curiosas revelações para a historia dos nossos primeiros academicos.

O duque de Lafões, o abbade José Correia da Serra, Joaquim José Ferreira Gordo, Antonio Pereira de Figueiredo, insignes na philosophia e nas sciencias naturaes, conhecidos e respeitados na Europa, estavam denunciados ao governo como jacobinos e eram espionados e perseguidos pela policia sob a direcção do intendente Pina Manique, o qual nas suas *contas para as secretarias*, manuscriptos conservados na Torre do Tombo, por differentes vezes se refere aos alludidos academicos, accusando-os como sectarios das idéas da Revolução franceza, relacionados com os homens da Convenção, iniciadores do movimento liberal em Portugal. A policia envolve-os na mesma suspeição com os livreiros francezes residentes em Lisboa, com os addidos á legação de França, com os frequentadores de botequins que se atrevem a

ostentar nas tampas das suas caixas de rapé a figura da liberdade, com os populares finalmente que em certa noite vão debaixo das proprias janellas do paço entoar a canção do *Ça-ira*.

Os cabeças d'este movimento de revolta contra o despotismo monarchico-catholico são designados pelo intendente Manique com o nome generico, ainda hoje em voga, de *philosophos modernos*. Os livros dirigidos de França á Academia sob o nome do duque de Lafões são sequestrados na alfandega.

A publicação de qualquer escripto revolucionario por parte da Academia é impossivel sob a espionagem de Manique, mas a adhesão d'esta companhia ás idéas francezes é manifesta em muitas passagens dos registros policiaes.

«Acha-se n'esta corte — diz o intendente Manique — nas casas da *Academia das sciencias*, ao Poço dos Negros, hospedado, segundo me dizem pelo *abbade Correia*, Broussonet, que foi medico de profissão em Paris, e depois secretario de Nekar (É assim que Manique escreve o nome de Necker) e aquelle que se fez marcar quando na sessão da convenção Nacional, de que era tambem deputado, continuou o discurso que o sobredito Nekar não acabou de

recitar por lhe dar no meio d'este acto um deliquo; e ainda mais conhecido por ser um d'aquelles sanguinarios do partido de Robespierre na Convenção. Pela morte que este assassino soffreu, fugiu aquelle e aqui foi acolhido e introduzido ao *duque de Lafões* na qualidade de agricultor, e hospedado nas casas da Academia das Sciencias, d'onde frequenta as casas do sobredito duque e do *abbade Correia* que é amigo mui particular do ministro e consul da America do Norte e dos mais jacobinos que aqui se acham e de que tenha dado parte a v. ex.^a, e reputado por pedreiro livre.»

Eguae accusações pesam sobre Ferreira Gordo e sobre o auctor da *Recreação Philosophica* o Padre Theodoro de Almeida, «com o qual, accrescenta Manique, o já alludido Broussonet fica algumas vezes na casa do Espirito Santo de Lisboa.»

A Academia encerrava pois no seu gremio o fermento da revolução, levedada mais tarde em 1820, e da qual procedeu a reforma das nossas instituições em 1834 e a liberdade subsequente.

A missão da Academia em Portugal não pode ainda hoje ser senão a mesma que era no fim do seculo passado.

Não é no estado de indiferença, de egoismo e de ignorancia em que ainda hoje se acha o espirito portuguez que as Academias podem assumir, como queria Proudhon, a funcção moderadora dos trabalhos do pensamento e das creações da arte.

A intervenção das academias como elemento official e conservador pode ser util e salutar em França ou em Hispanha, onde a temeridade impaciente e indisciplinada dos escriptores revolucionarios, actuando constantemente na opinião, pode perturbar a lei da continuidade historica e lançar a sociedade na anarchia. Ahi compete ás academias salvaguardar a ordem pelo ascendente moral.

Em Portugal, porém, onde a revolução de modo algum ameaça partir da circumferencia para o centro movida pelas tendencias progressivas e invasoras dos espiritos, é absolutamente preciso, para que nes possamos considerar uma nação, que a revolução parta do centro para a periferia, que seja a Academia quem a enuncie e quem a propague, acolhendo no seu gremio as intelligencias mais avançadas, discutindo os problemas mais vivos da philosophia, aclarando todas as questões relativas aos maximos in-

teresses do espirito, á religião, á politica, á esthetica, implantando finalmente a revolução na esphera intellectual para que d'ahi ella penetre nos costumes e se infunda nas instituições.

Se o desempenho d'este papel, que lhe está marcado pela sua tradição, é incompativel com as ligações existentes entre a Academia, presidida pelo chefe do Estado, e o mesmo Estado, o que á Academia compete fazer é libertar-se d'essa dependencia e constituir-se em corporação livre. O poder espirital, de que ella é a encarnação litteraria, não lhe procede de ser a hngida do Estado mas sim a da sciencia.

Subsidiada pelos governos ou não subsidiada por elles, estabelecida em um palacio ou refugiada em um sotão, recrutando os seus membros entre os invalidos da popularidade ou entre os dispersos batalhadores vigorosos da controversia moderna, separando-se da sua tradição gloriosa, ou sendo-lhe fiel, a Academia acha-se destinada a ser d'estas duas coisas uma: — ou a força dirigente do futuro social, a cabeça do paiz, ou uma excecencia apparatusa, um órgão atrophiado e inutil á civilização.

Sendo os homens que escrevem ordinariamente superiores aos homens que lêem, a função da publicidade é predominar nos espiritos —ou seja lisonjeando-os, ou seja combatendo-os. Toda a obra litteraria dá um d'esses resultados; ou se adapta ás opiniões existentes e as consolida e reforça ou reage sobre ellas e as decompõe. Toda a litteratura ou é *conservadora* ou é *revolucionaria*. Queremos dizer: ou transige passivamente com as condições do meio social ou se debate contra o obstaculo que a influencia d'esse meio lhe impõe.

Sempre que a litteratura toma o caracter conservador tende a immobilisar a sociedade e a atrophiar o progresso. Foi o que succedeu nos seculos em que a litteratura não fez mais do que fortalecer as superstições que achou consagradas no seu caminho, prostrando a humanidade n'um marasmo de quinhentos annos embalados com o esteril rumor monotono das homilias e das legendas dos santos. Felizmente, desaprendendo quasi completamente de ler, a humani-

dade voltou a si. A litteratura havia sido para ella uma catacumba em que jazera sepultada pela credulidade, amortalhada pelo mysticismo. Guizot calcula em vinte e cinco mil as vidas de santos de que se compõe a bibliotheca bollandista, e são esses *acta sanctorum quotquot tote orbe coluntur* que encerram a historia inteira da humanidade sob o regimen clerical em toda a Europa e em quasi todo o Oriente, desde o seculo vi até o seculo xii! Com razão conclue Buckle — o grande historiador da civilisação — que o maior dos estorvos do progresso tem sido a manutenção do erro pelo poder litterario.

Nos tempos modernos, sob os dominios despoticos, em quanto a obra do pensamento foi disciplinada pela policia clerical e monarchica como succedeu em Portugal durante o imperio do Santo Officio, a litteratura deixou igualmente de ser o livre producto artistico e converteu-se n'um poder do Estado, o mais enervante para a imaginação, o mais dissolvente da intelligencia e da dignidade humana.

Portanto: a primeira condição social para a existencia de uma litteratura compativel com o progresso é a liberdade.

Todo o escriptor portuguez actual nasceu

n'esse meio propicio. Todavia, por uma fatalidade physiologica, por um effeito da hereditariedade, falta-nos a orientação cerebral da independencia. O nosso espirito conserva o stygma servil, o signal da marca que, em muitas gerações que nos precederam, foi deixando a grilheta da oppressão mental. A nossa tendencia de escriptores é ainda hoje, geralmente, para lisonjear a rotina, para comprazer com o vulgo, para seguir as correntes da credulidade geral.

A maior parte dos individuos que fazem um livro teem, nas precauções da forma, no rebuço das opiniões, na doblez do stylo, o ar miseravel de pedintes que solicitam venia para divertir inoffensivamente o respeitavel publico.

Entre as aberrações eminentes d'essa tendencia geral, como por exemplo os srs. Anthero do Quental e Guerra Junqueiro na poesia, o sr. Theophilo Braga na historia e na critica, o sr. Oliveira Martins na economia politica, a sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho no folhetim, — apparece-nos o sr. Eça de Queiroz no romance. Na pequena litteratura portugueza destinada a ser um agente na evolução das ideias e dos costumes, um elo no grande encadeamento das causas e dos effeitos sociaes, *O crime do padre*

Amaro, representa a obra mais profundamente característica.

Este livro foi recebido pela imprensa periodica com um silencio que pode parecer o resultado de um *mot d'ordre*. Cremos, para honra do jornalismo, que a razão do apparente desprezo de que foi objecto este romance está no simple facto de que a critica se considerou incompetente para o julgar. A unica coisa de que temos de accusar a critica é de nos não haver dito isso mesmo. Em circumstancias analogas as *Farpas* deram um exemplo de sinceridade que ficou esteril. Um dia escreviamos um artigo ácerca do adulterio; a logica arrastava-nos a deducções que nos não atreviamos a imprimir; publicámos o nosso artigo até o ponto em que o julgavamos compativel com os costumes e concluimol-o com a confissão franca de que nos achavamos coactos pelo publico. Quando tivemos medo confessamol-o. É verdade que omittimos uma opinião, mas, estudando os costumes, revelamos pelo menos um estado de espirito que elles determinavam e que seria um symptoma a ponderar pelos analysadores que se nos seguissem.

O crime do padre Amaro é effectivamente difficil de sentenciar porque constitue um caso novo,

não previsto nas ordenações porque se regulam as audiencias geraes do folhetim e do noticiario.

Essencialmente moderno este romance não é a narrativa de uma aventura ou de uma serie de aventuras á Lessage, á Dumas ou á Gaboriot, não é um estudo de sentimento á Rousseau, á Alfred de Musset ou á George Sand. É uma pintura de caracteres, mas não uma pintura á Balzac ou á Flaubert, porque este livro não é exclusivamente de nenhuma escola senão da escola de si mesmo, e é esse cunho profundamente pessoal que lhe dá o caracter que o distingue como verdadeira obra d'arte.

Ora uma exposição de caracteres se pertence á sphaera da arte pelos processos da pintura, é um ramo da historia e está subordinado á sciencia pelas operações de critica e de relacionação. O officio do historiador é discernir no estudo das epochas e no estudo dos acontecimentos o seu caracter social. O officio do romancista é discernir no mesmo estudo das epochas e no mesmo estudo dos factos o seu caracter artistico. O methodo do historiador é o methodo do romancista. Não pode ser romancista um simples *observador*. Cada sciencia tem, como diz Littré, o seu methodo particular e caracteristico. A *observação* é

um methodo exclusivo da astronomia, para cujos phenomenos irreductiveis o astrónomo não pode fazer mais que olhar. O chimico procede pela *experiencia* e pela *analyse*. O biologo tem por methodo especial a *comparação*. O historiador, e por tanto o romancista, teem como instrumento particular a *filiação*, isto é, a producção dos estudos sociaes uns pelos outros. Pintar um character é expor no personagem a figura moldada dentro do contorno delineado n'uma dada porção do espaço e do tempo por um certo estado social.

Um character é um phenomeno historico, que se não comprehende senão emoldurado na convergencia de todos os factores que o produziram.

É por isso que o romance de characteres tem de ser uma exposição concentrica de todas as influencias que determinam um pensamento ou um acto;—influencias naturaes, o solo, o clima, os aspectos da paizagem, o sexo, a idade, o temperamento, a idiosyncrasia, a hereditariedade; influencias sociaes, as instituições, os costumes, a familia, a educação, a profissão.

Comprehende-se a commoção de surpresa que produziu este livro, ao notar-se que a proposito da biographia de um padre em uma parochia da

provincia elle suscitava as mais graves e melindrosas questões physiologicas e sociaes que podem envolver a igreja, o celibato, a sentimentalidade e o mysticismo, isto é, todos os pontos de controversia philosophica que o jornalismo exclue da discussão para se não pôr em conflicto com o assignante. Confessamos que n'este caso o melhor que tinha que fazer a critica jornalística era effectivamente calar-se.

Pela nossa parte, como é precisamente o conflicto que constitue o nosso programma, não temos rasão plausivel para abster-nos da apreciação d'este livro.

A rasão da condemnação silenciosa, do escandalo branco, que envolveu a appareção do *Crime do padre Amaro* está no simples facto de que elle é um *romance de character*. Esta simples designação explica tudo. O genero é novo e sem precedentes. Os livros do sr. Camillo Castello Branco são romances de sentimento. A obra de Julio Diniz pertence á litteratura de *tricot* cultivada com ardor na Inglaterra pelas velhas *miss*. Apesar das suas qualidades de paizagista, do seu mimo descriptivo, da sua femilidade ingenua e pittoresca, as novellas de Julio Diniz não teem alcance social, são meras narrativas de salão.

O livro do sr. Eça de Queiroz offerece-nos o primeiro exemplo de uma obra d'arte suggerida pela consideração de um problema social.

E todavia *O crime do padre Amaro* não é de nenhum modo um livro de critica, é um livro de pura arte na mais alta accepção d'esta palavra. Nem na bocca do auctor nem na de nenhum dos seus personagens ha uma palavra declamativa ou didactica.

Em uma pequena cidade de provincia, na Extremadura portugueza, o velho parochio morre, o novo parochio chega com o seu capote ecclesiastico e o seu bahu, apeia-se da diligencia de Chão de Maçãs, sóbe aos quartos que lhe estão preparados, calça uns chinellos de ouro, veste o casaco velho, e o drama principia, desdobra-se e termina de um folego, caminhando para o seu desfecho, recto, implacavel, como um traço riscado pela fatalidade atravez d'aquella estreita vida de provincia, com a sua intriga local, os seus personagens mesquinhos, os seus padres, as suas beatas, os seus tristes aspectos de coisas, sujos, tortuosos, compungidos, pretenciosos, miseraveis.

D'este fundo sombrio, espesso, pesado como o tédio, a acção destaca-se luminosamente, e pe-

netra-nos com a nitidez poderosa dos espectáculos vivos. É a vida mesma com toda a sua trivialidade real que n'essas paginas perpassa aos nossos olhos como aquellas florestas que andam no sonho de Macbet.

Nunca artista portuguez desenvolveu na sua obra maior poder de execução.

O dialogo, trasbordante de verdade, é de um rigor psychologico, de um colorido flagrante e de uma energia de naturalidade que os primeiros stylistas francezes não conseguiram ainda egualar. A lingua portugueza, pela incomparavel variedade das suas construcções grammaticaes, pela inexgotavel abundancia dos seus idiotismos, pela bravura inculta do seu arranco plebeu, presta-se admiravelmente a estes prodigios de execução sempre que a não deturpa esse maneirismo requintado, esse culto da farragem e do euphemismo, que tem sido em Portugal a sarna epidemica do estylo erudito.

O dialogo do sr. Eça de Queiroz, não porque o trabalhasse a preocupação do purismo, mas em resultado do escrupulo com que foi arrancado da indole e da natureza dos personagens, é de tal modo genuino e tão accentuadamente portuguez, que o temos por intraduzivel.

Ao lado do dialogo mais vivamente travado e das situações dramaticas mais profundamente sentidas, mais commoventemente narradas, o auctor compraz-se habitualmente em pintar, com frio cynismo, as ridentes paizagens em que scintillam as frescuras da manhã, os suaves occasos do outomno impregnados do rumor das aguas e do perfume dos prados, os tepidos interiores aconchegados e pacificos, todos os aspectos da natureza vegetativa, da natureza animal, da natureza morta. E nada mais profundamente real do que a impressão deduzida d'esse contraste entre a inclemente immobilidade das coisas e a devastação tempestuosa das supremas paixões no fundo da alma humana!

O desenho dos caracteres e principalmente o das duas personagens principaes sobre que versa o drama, o padre Amaro e Amelia, é deduzido com o mais scientifico rigor da diagnose n'um caso de pathologia psychica.

A infancia de Amaro em uma casa nobre, onde a mãe d'elle era criada de quarto. Os pequenos pormenores d'esse interior de familia, onde o catholicismo era um requinte heraldico, onde as meninas, acreditando em Deus como na omnipotente elegancia, tinham como

culo dos destinos da alma a preocupação da *toilette* com que haviam de entrar no paraizo. A criação de Amaro até aos doze annos n'essa convivencia mulheril, ajudando ás missas na capella, espanando os santos, aparando as hostias, dormindo entre as criadas, que lhe faziam coegas, lhe chamavam *Padreca*, *Frei Lombrigas*, e o utilisavam nas suas intrigas para «fazer as queixas.» A sua mocidade no seminario, «abafando na estreitesa dos corredores, invejando todos os destinos ainda os mais humildes, o almocreve que via passar na estrada tocando os seus machos, o carreiro que ia cantarolando ao aspero chiar das rodas, e até os mendigos errantes, apoiados ao seu cajado, com o seu alforge escuro!» Os seus primeiros alvoroços de adolescente ao pensar na mulher sobre os livros dogmaticos: «Que ser era esse que atravez de toda a theologia ora era collocado sobre o altar como a Rainha da Graça ora amaldiçoado com apostrophes barbaras? Que poder era o seu que a tragica legião dos santos, ora se arremessa ao seu encontro, n'uma paixão extactica, dando-lhe n'uma aclamação o profundo reino dos céus, ora vae fugindo diante d'ella como do universal inimigo com soluços

de terror e com gritos de odio, e, escondendo-se, para a não vêr, nas thebaidas, nos claustros e nos sepulchros, vae alli morrendo do mal de a ter amado? Amaro sentia, sem as definir, estas perturbações, e julgava-se desgraçado e maldito.»

Vemos, a dia por dia, crescer, constituir-se, formar-se esse homem, branco, lymphatico, molle, creado entre chumaços de mulheres ordinarias, e sobrepelizes de padres boçaes, no fartum das alcovas sujas e na sombra humida dos claustros musgosos. E prevê-se a quéda fatal d'essa natureza stagnada e paludosa, a travez da qual os desejos insaciados luzem como os olhos de um tigre.

É igualmente bem assignalado o caracter de Amelia. A sua educação sentimental e devota é descripta a golpes de bisturi. Cada traço é uma incisão. Aos oito annos tinha ido para a escola. «A mestra era uma velhita roliça e branca que fôra tacho das freiras de Santa Joanna em Aveiro; com os seus oculos redondos, junto da janella, empurrando a agulha, morria-se por descrever o convento, os seus terrores, as suas legendas, as suas peripecias; as perrices da escrivã sempre a escabichar os

dentes furados; a madre rodeira preguiçosa e pacata, com uma pronuncia minhota; a mestra de canto-chão, admiradora de Bocage e que se dizia descendente dos Tavoras; a historia de uma freira que morrera de amor e cuja alma ainda em certas noites percorria os corredores, soltando gemidos dolorosos e chamando: —Augusto! Augusto!... Tinham-lhe ensinado o cathecismo e a doutrina: fallavam-lhe sempre dos castigos do céu; de tal sorte que Deus apparecia-lhe como um Ser que dá o soffrimento e a morte, e que é necessario abrandar resando e jejuando, ouvindo novenas e amando os padres. Era por isso toda cuidadosa e se ás vezes ao deitar lhe esquecia uma Salve-Rainha, fazia penitencia no outro dia porque temia que Deus lhe mandasse sesões ou a fizesse cair na escada.» Além da doutrina aprendera a tocar piano com um velho romanesco. Lêra livros de versos, fôra namorada durante uma estação de banhos por um estudante de Coimbra, que lhe fizera umas quadras. Estava pedida por um escrevente de tabellião, que se perturbava sob o seu olhar voluptuoso mas que ella não amava, sentindo em si «como um grande somno do coração.» Não tinha pae. Era san-

guinea e forte, de grossos beijos levemente sombreados de pennugem negra. Ouvia missa todos os dias e confessava-se todas as semanas. — A mãe era protegida por um conego. Ella padecia tedios nevrálgicos e inquietações hystericas.

Todos os demais personagens, alguns d'elles apenas indicados por quatro palavras, que têm o poder de uma evocação, o conego Dias, o padre Natario, o padre Brito, o chantre, o coadjutor, o Libaninho, o tio Esguelha, o escrevente, o redactor da *Voz do Districto*, as senhoras Gançosos, a sr.^a D. Maria da Assumpção, a Joanneira, — vivem, têm uma physionomia, uma personalidade.

O desenlace do drama, a morte de Amelia, a fuga do padre da quinta da Cortegaça, de noite, levando o filho escondido na capa; o seu terror ao sentir-se seguido, ao ouvir atraz de si no macadam as passadas surdas do escrevente, passadas commedidas pelas d'elle, acompanhando-o como o remorso, como o presentimento da catastrophe que se aproxima; o infanticidio perpetrado no escuro, com os pés no lodo, á beira do rio, escondido nos juncos como um animal ferido cercado pelos latidos raivosos da matilha; a sua retirada de Leiria ao outro dia,

por uma serena tarde de outomno, de uma poetica serenidade ineffavel, partindo a cavallo no momento em que os sinos da sé começavam a soluçar o dobre de defuntos, enquanto um realajo toca na rua um trecho da *Norma*, e, de uma casa defronte, um pequerrucho seguro ao peitoril da janella pelo pae e pela mãe quieriem, lhe diz adeus com a sua pequena mãosita papuda; —constituem paginas de uma concepção e de uma tonalidade tragica, profundamente elegiaca e solemne, que fica vibrando por muito tempo na memoria como o ecco funebre de um *dies irae*.

Este livro misanthropicamente concebido, e executado com uma ironia mordente e com um humorismo repassado de lagrimas, deixa todavia no espirito uma forte impressão consoladora; é a obra de um grande artista, de um poderoso revelador de ideal; e como toda a idealisação perfeita, repousa-nos das nossas preoccupações pessoases e egoistas, engrandece-nos, eleva-nos aos nossos proprios olhos, infunde-nos a fé, obriga-nos a crer no sagrado desinteresse da arte, na divina immortalidade do bello.

*

Se depois da idéa que procurei dar-te d'este

livro, tu, leitor me perguntares se o deves dar a ler á menina tua filha, eu respondo-te terminantemente que não. As meninas nunca lêem romances, quaesquer que elles sejam.

Se o podem lér as mulheres—é uma outra questão, á qual respondo que podem, ainda que com esta reserva—ás escondidas.

Não que este livro seja immoral. A arte é absolutamente independente da moral, e não póde nunca nem servil-a nem prejudical-a.

Quando para minha consolação e refrigerio eu me desvio da estrada em que succumbo de fadiga mordido pelo sol, e vou descançar um momento á sombra de uma arvore, não pergunto se essa arvore dá peras ou se dá pilritos, se da sua resina se póde extrair um balsamo ou um veneno, se dos seus filamentos se póde entrançar uma corda para o sino ou um baraço para a fôrca, se no seu tronco se podem serrar as pranchas para construir a arca ou para armar o patibulo. A unica coisa que lhe pergunto é se ella tem, para m'a dar, uma boa sombra fresca, macia, aromática; e se a tem, eu, que n'esse momento não sou um negociante de productos alimenticios, nem um madareiro nem um chimico nem um engenheiro constructor, mas sim um caminheiro

prostrado, eu declaro, não só em meu nome, mas em nome da sciencia, em nome da moral, em nome da religião, em nome do homem e em nome de Deus, que essa arvore é boa, é util, é necessaria—não pelos materiaes que ministra, não pelos fructos que produz, nem pelas substancias que segrega, mas unica e simplesmente por uma condição imponderavel e etherea, da qual em dada crise pode depender o meu destino inteiro e toda a minha vida; e essa condição é a de se interpôr no espaço entre mim e o ceu, e projectar sombra.

Na esphera das multiplas vegetações do nosso espirito a sciencia e a philosophia fornecem as substancias alimenticias e ministram os materiaes das construcções; a arte é a arvore santa, a arvore da sombra para os peregrinos do pensamento.

Schiller em uma das suas cartas, cujo texto não tenho presente, expõe uma theoria que pode resumir-se n'estes termos: «Se um critico em nome da moral processa o meu livro não pelo que eu n'elle escrevi mas pelas conclusões que elle critico lhe extrae, eu desprezo esse julgamento. Se, porém, a critica me convencer de que, dado o assumpto qual eu o concebi, eu

poderia executar-o por outro modo, eu n'esse caso submetto-me, não porque tenha errado contra a moral, mas porque errei contra a arte.

Ora na execução do livro do sr. Eça de Queiroz ha na parte descriptiva dois ou tres pormenores que não quizeriamos eliminados — com quanto isso fosse possivel sem quebra da verdade — mas que nos parece poderem ser referidos de um modo — não dizemos mais pudico — dizemos mais artistico.

Ha em todos os grandes romancistas modernos, desde Balzac até o sr. Queiroz, uma tendencia de que o vulgo tem feito o attributo de uma escola, tendencia febril a demorarem sensualmente as analyses da torpeza e da podridão.

O grande Eschylo dizia, censurando Euripides: «Elle deprimiu tudo aquillo em que pegou, eu enobreci tudo aquillo em que toquei; os homens saídos das minhas mãos respiram gladios e lanças, capacetes de pennachos brancos e escudos reforçados com sete couros.» Os artistas modernos não podem infelizmente inscrever nos seus brazões a nobre divisa do velho tragico. A sociedade actual não fornece á arte os grandes

crimes que alimentaram o interesse da tragedia grega, porque as depravações contemporaneas não gravitam em torno do crime heroico mas sim em torno do vicio mesquinho e vergonhoso. Quem descreve os caracteres modernos tem fatalmente de operar na gangrena; o que nos não parece egualmente inevitavel é que o puz do tumor salpique a mão que o opera. Ora o que julgamos notar, por duas ou tres vezes como acima dissemos, na obra tão profundamente casta do sr. Eça de Queiroz é que os seus instrumentos anatomicos, tão bem acerados e tão finos, teem os cabos demasiadamente curtos.

A dissecção — permitta o nosso amigo que lh'o observemos — tem tambem as suas leis de conveniencia e de elegancia. Além de que, para estudar um órgão é ocioso expôr aos olhos do amphitheatro toda a nudez do cadaver. Mesmo em anatomia o completo conjuncto é obsceno, porque é inutil.

As damas da cõrte tão *pointilleuse* de Luiz XIV — ellas que representavam tudo quanto possamos conceber mais escrupuloso e mais exigente no decoro e no gosto — frequentavam, sem offensa do seu fragil melindre de estufa, os theatros anatomicos.

«A' medida, diz Fontenelle, que Verney se tornava um homem á moda punha em moda a anathomia, a qual, encerrada até ahí nas escolas de medicina ou em Saint-Côme, ousou produzir-se na alta sociedade apresentada pela mão d'elle.» O tacto especial de Verney contém um exemplo que pode não ser inutil ao sr. Eça de Queiroz.

As senhoras portuguezas não cursam os estudos scientificos. Não teem os menores principios de biologia, de anathomia e de physiologia, principios indispensaveis para entrar nos estudos mais complexos do homem como são na sciencia a historia e na arte o romance de caracter e a esculptura do nú.

Por isso a falsa noção que ellas teem do pudor as torna incompativeis com muitas das mais preciosas convivencias intellectuaes.

Uma noção social não pode, porém, ser modificada pelos escriptores ou pelas academias. Essa reforma é a obra collectiva e impessoal do progresso nos costumes e nas instituições.

N'estas condições, deploraveis mas inamoviveis, maior deve ser a attenção do artista em limar — tanto quanto isto seja possivel sem detrimento da obra — os pequenos angulos su-

balternos que difficulitem a adaptação d'ella aos costumes.

Sob este ponto de vista *O crime do Padre Amaro* está adeante do seu tempo. Como obra de arte é este um destino feliz, porque n'este caso ter de esperar é adquirir a certeza de sobreviver. Como obra de hygiene social lamentamos que elle não possa desde já actuar pela sua influencia no espirito d'este paiz onde o primeiro livro da educação moderna *La femme, le prêtre et la famille* é ainda tido por um sacrilegio de Michelet, o impio !

LIVRARIA DE ERNESTO CHARDRON

PORTO E BRAGA

EDIÇÕES E OBRAS DE FUNDO

ROMANCES, LITTERATURA, ETC., ETC.

- | | |
|---|--|
| Abnegação (A), A viuvi-
nha, por <i>Francisco Gomes
de Amorim</i> . 1 volume in-
12.º..... 600 | Amores (Os) de D. Juan,
extracto do immortal poe-
ma de <i>Lord Byron</i> , por
<i>João Vieira</i> . 1 volume in-
12.º..... 400 |
| Actualidade (A), estudo
economico-social, por <i>Ma-
galhães Lima</i> . 1 vol. in-
12.º..... 240 | Amores (Os) d'Aurora, por
<i>Ponson du Terrail</i> , conti-
nuação do <i>Ferreiro da ab-
badia</i> , traducção de <i>Gomes
de Sousa</i> . 2 volumes in-
12.º..... 1\$000 |
| Aleijões sociaes: O casa-
mento e mortalha no céu
se talha, por <i>F. Gomes de
Amorim</i> . 1 v. in-12.º 600 | Anjos (Os) da terra, por
<i>Henrique Perez Escrich</i> .
1.º, 2.º e 3.º volumes in-
12.º..... 1\$500
(O 4.º vol. está a sahir). |
| Amor (O) dos amores, por
<i>Henrique Perez Escrich</i> . 3
vol. in-12.º, com gravu-
ras..... 2\$000 | Antoniella, por <i>A. de La-
martine</i> . 1 volume gr. in-
8.º..... 120 |
| Amores do Diabo, roman-
ce por <i>J. Cazotte</i> , precedi-
do de sua vida, processo,
prophecias e revelações,
por <i>Gérard de Nerval</i> .
Vertido em linguagem por
<i>Camillo Castello Branco</i> .
1 vol. in-12.º..... 500 | Aprender na desgraça
alheia, romance por <i>Ben-
jamin Constant</i> , traduzido
por <i>Lopo de Sousa</i> . 1 vol.
in-12.º..... 400
(<i>Bibliotheca para senho-
ras</i>). |
| Amor de maldição, ro-
mance original por <i>J. M.
A. T.</i> 2 vol. in-8.º 1\$000 | Armeiro (O) de Milão, por |



- Ponson du Terrail*, tradução. 1 vol. in-12.º... 500
- Astúcias de namorada e um melodrama em Santo Thyrsó, original de *Pinheiro Chagas*. 1 volume in-12.º..... 400
- Baroneza (A) de la Puebla, romance original, por *M. P. Lobato*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Biographia politico-litteraria do visconde de Almeida Garrett, por *Domingos Manoel Fernandes*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Brados d'alma, breves dissertações sobre assumptos de religião, philosophia e litteratura, por *Custodio Velloso*. 1 vol. in-8.º 500
- Cabello (Um), disparate comico em um acto, por *Don Francisco Bustamante*. 1 vol. in-8.º..... 240
- Calumnia (A), paginas da desgraça, por *Henrique Perez Escrich*. 5 volumes in-12.º..... 25500
(*Bibliotheca para senhoras*).
- Calouro (O), poema satyrico de costumes, por *J. V.* 1 vol. in-12.º.... 200
- Calvario (O) das mulheres, por *M. L. Gagneur*. 4 vol. in-8.º..... 15600
- Camões e os Lusíadas, ensaio historico-critico-litterario, por *Francisco Evaristo Leoni*. 1 vol. gr. in-8.º..... 15000
- Canalhas (Os) de Paris, por *Toupin de Sansay*. 1 vol. gr. in-8.º..... 380
- Cancioneiro e romanceiro geral portuguez, confecção e estudos, por *Theophilo Braga*:
- 1.º vol. Historia da poesia popular portugueza.
 - 2.º vol. Cancioneiro popular.
 - 3.º vol. Romanceiro geral.
 - 4.º vol. Floresta de varios romances.
- 4 vol. in-12.º..... 25000
- Canções da tarde, por *Jodo de Lemos*. — Ultimos reflexos — Horas vagas de Buarcos. 1 volume gr. in-12.º..... 600
- Cantos matutinos, por *F. Gomes d'Amorim*. 3.ª edição. 1 v. gr. in-12.º 800
- Cantos e satyras, por *Bulhão Pato*. 1 v. in-12.º 500
- Capella (A) sixtina e o cemiterio de Pisa, por *Emilio Castellar e Bulhão Pato*. 1 vol. in-12.º.... 300
- Capitão (O) fantasma, por

- Paulo Féval*. 3 volumes in-8.º..... 1\$800
- Caridade (A) christã, continuação do *Cura d'aldêa*, por *H. Perez Escrich*. 3 v. in-12.º com grav. 1\$800
- Carrasco (O) de Victor Hugo José Alves, romance de *Camillo Castello Branco*. 1 v. in-12.º 500
- Carta de guia de casados, para que pelo caminho da prudencia se acerte com a casa do descanso, a um amigo por *D. Francisco Manoel*. Nova edição, com um prefacio biographico, enriquecido de documentos inéditos, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. in-12.º..... 360
- Casa (A) do saltimbanco, por *M.º de Stolz*. Obra ornada de gravuras. 1 vol. in-12.º br..... 600
- Cartonado..... 800
- Catacumbas (As) de Paris, por *Elic Berthet*. 2 vol. gr. in-8.º.... 1\$200
- Casamentos fidalgos, de *Octavio Feuillet*, versão de *M. Pinheiro Chagas*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Casos tragicos e casos comicos, contendo o seguinte: 1.º Visão d'amor. — 2.º Um arraial nos suburbios de Lisboa. — 3.º Consequencias d'um romancismo. — 4.º Sigue-me, Pietro, por *A. Varella*. 1 vol. in-12.º..... 400
- Cedro (O) vermelho, por *Francisco Gomes de Amorim*. 2 vol. in-12.º 1\$200
- Caridade (A) anonyma — X Y — por *Alberto Pimentel*. 1 vol. in-12.º... 100
- Chavena (A) de chá, viagem á China, por *Kaempfen*. 1 vol. in-12.º. 200
- Christianismo (O) e o progresso, por *D. Antonio da Costa*. 2.ª edição. 1 vol. in-12.º..... 600
- Christo (O) não volta, narrativa, por *Alberto Pimentel*. 1 vol. gr. in-8.º 200
- Chuva e bom tempo, por *A. M. C. Bellem*. 1 vol. in-12.º..... 200
- Cidadão (O) lusitano, breve compendio em que se demonstram os fructos da constituição e os deveres do cidadão constitucional para com Deus, para com o rei, para com a patria e para com todos os seus concidadãos, etc., etc. Nova edição, annotada. 1 vol. in-12.º..... 300

- Coisas portuguezas, de *Luiz de Araujo*. Um volume para rir. 1 volume in-12.^o..... 600
- Coisas d'este mundo, factos originaes, por *G. Carneiro*. 1 vol. in-8.^o... 500
- Collar (O) do Diabo, por *D. Fernandez y Gonzalez*, com estampas. 5 vol. in-8.^o..... 2\$500
- Collecção de documentos sobre as exacções, roubos e crueldades, praticadas pelos exercitos prussianos em França. Versão do francez. 1 vol. in-8.^o... 240
- Como as mulheres se perdem, por *Amédée Achard*, traduzido por *Lopo de Sousa*. 1 vol. in-12.^o... 500 (*Bibliotheca para senhoras*).
- Companheiros (Os) de Vasco da Gama, traducção de *Candido de Figueiredo*. 1 vol. in-8.^o..... 600
- Companheiros (Os) do thesouro, por *Paulo Féval*. 4 vol. in-8.^o..... 2\$400
- Compendio da vida e feitos de *José Balsamo*, chamado o *Conde de Cagliostro* ou o *Judeu Errante*, tirado do processo firmado contra elle em Roma no anno de 1790 e que póde servir de regra para conhecer a indole da seita dos francmaçons, com uma noticia, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. in-8.^o... 400
- Conde (O) de Monte Christo, por *Alexandre Dumas*. A venda os fasciculos 1 a 4..... 400
- Conde (O) de S. Luiz, romance original de *D. Thomas de Mello*. 1 vol. in-12.^o..... 500
- Condemnada (A), drama n'um prologo e tres actos, por *Alberto Estanislau*. 1 vol. in-8.^o..... 240
- Confessor (O), pelo padre * * *. 1 vol. in-8.^o 500
- Conquista (A) do Peru, por *Pinheiro Chagas*. 1 v. in-12.^o..... 200
- Conselheiro (O) dos amantes ou collecção de diferentes modêlos de cartas amorosas para ambos os sexos. 6.^a edição. 1 vol. in-32.^o..... 200
- Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza (a proposito d'alguns livros recentes), por *Anthero de Quental*. 1 vol. in-8.^o... 200
- Conspiração (A) de Per-

- nambuco, chronica brasileira, por *Pinheiro Chagas*. 1 vol. in-8.º... 500
- Consummado (O) germanista (vulgò o snr. José Gomes Monteiro) e o mercado das letras portuguezas, analysado por *Joaquim de Vasconcellos*. 1 vol. in-8.º... 500
- Contos, por *Henrique Perez Escrich*:
- 1.º *O violino do Diabo*. 1 vol. in-12.º... 400
 - 2.º *Tal arvore tal fructo*. 1 vol. in-12.º... 400
 - 3.º *Um filho do povo*. 1 vol. in-12.º... 300
 - 4.º *Quem tudo quer, tudo perde*. 1 vol. in-12.º... 400
- Conto (Um) em familia, por *Fornarina de Avellar*. 1 vol. in-8.º... 400
- Contos selectos de *Boccaccio*, traduzidos dos competentes originaes por *Mendo Paes* e illustrados por *Macedo*. 1 vol. in-12.º... 500
- Coração nas mãos, por *Henrique Perez Escrich*. 2 vol. gr. in-8.º 1\$200
- Corda (A) do enforcado, novo e ultimo episodio de *Rocambole*, por *Ponson du Terrail*. 2 v. in-12.º 1\$000
- Corsario (O) vermelho, com 2 estampas, por *Fé-nimore Cooper*. 1 vol. in-8.º... 600
- Crime (O) de *Pantín*. 1 v. in-8.º... 400
- Crime (O) de *Rochetaille*, por *Xavier de Montépin*. 2 vol. gr. in-8.º... 720
- Crime (O) do padre *Amaro*, edição definitiva, por *Eça de Queiroz*. 1 vol. gr. in-8.º... 1\$000
- Crime (O), por *Guerra Junqueiro*. 1 vol. in-12.º 200
- Crimes (Os) dos papas, mysterios e iniquidades da còrte de Roma desde S. Paulo até aos nossos dias. — Crimes dos reis, das rainhas e dos imperadores através dos seculos, por *Mauricio Lachatre*. 4 gr. v. ornados de est. 5\$200
- Cura (O) d'aldéa, por *Henrique Perez Escrich*. 3 v. in-12.º com grav. 2\$000
- Curiosidades bibliographicas:
- 1.º *O cancionero geral*, de *Garcia de Rezende*, com a traducção do prologo da edição de *Stuttgart*. 1 vol. in-12.º... 200
 - 2.º *Ordenações do reino*, edições do seculo XVI; addita-

- mento ao *Cancioneiro geral de Garcia de Rezende*. 1 vol. in-12.º..... 200
- Defeza do racionalismo, ou analyse da fé, por *Pedro d'Amorim Vianna*. 1 vol. gr. in-8.º.... 15000
- Degradado (O), romance de *Méry*, traducção de *Alberto Pimentel*. 1 volume in-12.º..... 500
- Desherdados (Os), por *Fernandez y Gonzalez*. 5 vol. in-12.º illustrados 25500
- Diccionario universal de educação e ensino, util á mocidade de ambos os sexos, ás mães de familia, aos professores, aos directores e directoras de collegios, aos alumnos que se preparam para exames, contendo o mais essencial da sabedoria humana; trasladado a portuguez por *Camillo Castello Branco*, e ampliado pelo traductor nos artigos deficientes a Portugal e Brazil. 2 grossos vol. cada um de 800 pag. a 2 columnas 65000
Encadernados.... 75000
- Diccionario de rimas luso-brazileiro, por *E. de Castilho*, revisto, augmentado e precedido de um prefacio e de um compendio de metrificacção pelo *Visconde de Castilho*. 1 gr. v. 15000
- Diccionario popular historico, geographico, mythologico, biographico, artistico, bibliographico, e litterario, por *Uma sociedade de homens de letras*, sob a direcção de *M. Pinheiro Chagas*. A venda do 1.º ao 38.º fasc... 35800
- Diccionario prosodico de Portugal e Brazil, por *Antonio José de Carvalho e João de Deus*. 1 vol. in-12.º encad..... 15000
- Ditos da freira D. Joana da Gama, conforme a edição quinhentista, revistos por *Tito de Noronha*. 1 vol. in-12.º..... 400
- Dolores, scenas da guerra carlista, por *Capendu*. Obra illustrada. 2 volumes..... 800
- Dous anniversarios, por *Luiz Guedes Coutinho Garrido*. 1 vol. in-8.º... 240
- Dous (Os) zuavos, por *Xavier de Montépin*. 2 vol. in-8.º..... 15000
- Dramas (Os) celebres do amor, por *Pinheiro Chagas*. 1 vol. in-12.º.. 200
- Dramas (Os) da inquisi-

- ção, por *Camille Bias*, versão de *Luiz Quirino Chaves*. 2 vol. 1\$3000
- Dramas (Os) da mocidade pobre, por *Julio Roquette*. 1 vol. gr. in-8.º.... 280
- Dramas (Os) de Paris, pelo *Visconde Ponson du Terrail*. — ROCAMBOLE:
- A herança misteriosa*. 6 volumes..... 660
- O club dos valetes de copas*. 10 vol..... 1\$100
- As proezas de Rocambole*. 10 vol..... 1\$100
- A desforra de Baccarat*. 3 vol..... 330
- Os cavalleiros do luar*. 5 volumes..... 550
- O testamento de Grão de Sal*. 6 vol..... 660
- A resurreição de Rocambole*. 12 vol..... 1\$320
- A ultima palavra de Rocambole*. 15 vol..... 1\$650
- As misérias de Londres*. 10 vol..... 1\$100
- As demolições de Paris*. 5 vol..... 550
- A corda do enforcado*. 5 volumes..... 550
- Maravilhas do homem pardo*, continuação da *Corda do enforcado*. 8 vol.... 880
- A obra completa, 95 volumes..... 10\$450
- Dramas (Os) do mar, por *Pinheiro Chagas*. 1 vol. in-12.º..... 200
- Dramas (Os) do Novo Mundo, por *Gustavo Aimard*.
- 1.ª serie:
- Os caçadores do Arkansass*
— *Os vagabundos das fronteiras* — *Os francos atiradores* — *O coração leal*. 2 volumes gr. in-8.º..... 1\$280
- 2.ª serie:
- O grande chefe dos Aucas*. 1 vol. gr. in-8.º.. 740
- O farejador de pistas*. 1 vol. gr. in-8.º.... 380
- Os piratas das planícies*. 1 vol. gr. in-8.º.... 360
- A lei de Lynch*. 1 vol. gr. in-8.º..... 400
- Os sibusteiros*. 1 vol. gr. in-8.º..... 360
- A febre d'ouro*. 1 vol. gr. in-8.º..... 300
- Duas (As) *Dianas*, por *Alexandre Dumas*. A venda os fasciculos 1 a 4.. 400
- Duello (Um) nas sombras ou D. Francisco Manoel de Mello, romance historico, por *A. Francisco Barata*. 1 vol. in-12.º.. 500
- Duqueza (A) de Langeais — *A missa do atheu* — *Uma paixão no deserto*, por *Bal-*

- zac*, traducção de *Theophilo Braga*. 1 v. in-12.º 500
 Duqueza (A) de Nemours, por *Paulo Féval*. 2 vol. in-8.º 800
 Encyclopedia litteraria, biographias, trechos de historia, artigos scientificos, romances, poesias, anedotas, charadas, etc., etc. 1 vol. in-12.º 400
 Entre o café e o cognac, por *Alberto Pimentel*. 1 v. in-12.º 500
 Ephemeros, por *F. Gomes d'Amorim*. 1 v. in-8.º 800
 Episodio (Um) do reinado de D. João v, romance historico, por *A. Varella*. 1 vol. in-12.º 500
 Episodio da guerra civil. A Maria da Fonte, por *Miguel J. C. Mascarenhas*. 1 vol. in-8.º 500
 Esboços e recordações, por *Brito Aranha*. 1 vol. in-12.º 500
 Escorços biographicos — Fricci-Magno — Mongini — Volpini — Rossi-Cassia — Auber — Damoreau, etc. etc., por *J. M. Pereira Rodrigues*. 1 v. in-12.º 500
 Escravos (Os) de Paris, por *E. Gaboriau*. 4 vol. in-12.º illustrados 25000
 Escriptos humoristicos em prosa e verso do fallecido *José de Sousa Bandeira*, precedidos da biographia e retrato do author. 1.º vol. in-8.º 600
 Espada (A) de Alexandre, a respeito da questão do homem-mulher e mulher-homem, por *Camillo Castello Branco*. 1 folheto in-8.º 240
 Esperança (A) no céu, romance original, dedicado ao povo portuguez e como sua representante a imprensa illustrada, por *F. G. Galhardo*. 1 volume in-8.º 600
 Esposa (A) martyr, por *Henrique Perez Escrich*, author do *Martyr do Golgotha*. 5 v. in-12.º 25500 (*Bibliotheca para senhoras*).
 Estandarte (O) real, romance original de *Manoel Pereira Lobato*. 1 vol. in-12.º 500
 Estroina (A), por *Maximiliano Perrin*. 2 vol. in-8.º 15000
 Estroinas (Os) da provincia, por *Xavier de Montépin*, illustrado por *Manoel*

- de Macedo. 1 volume in-4.º..... 800
- Estudante (O) de Salamanca, scenas da guerra carlista, por *E. Capendu*. Obra ilustrada. 2 vol. in-12.º..... 800
- Estudantes e costureiras, por *Manoel Maria Rodrigues*. 1 vol. in-12.º.. 400
- Estudos historicos e archeologicos de *I. Vilhena Barbosa*. 2 grossos vol. in-12.º..... 1\$200
- Estudos da idade média, contendo: Mythologia ibérica. O cyclo de Sam-Graal — Virgilio na idade média — Os contos de fadas — Lenda do Judeu Errante — Lenda do doutor Fausto — Poesia da navegação portugueza — Poesia mystica amorosa — As cartas de uma religiosa portugueza — Os poetas menores — Lucta da introdução do romantismo em Portugal, por *Theophilo Braga*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Familia (A) Albergaria, romance historico original de *D. Guiomar Torrezdo*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Familia (A) de Pernavan, por *J. Sandeau*. 2 vol. gr. in-8.º..... 240
- Farpas (As), chronica mensal da politica, das letras e dos costumes, por *Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz*. 2.ª serie. N.º 7. 200
- Fausto (O) de Castilho, julgado pelo elogio-mutuo. Artigos colleccionados e glossados por *Joaquim de Vasconcellos*. 1 volume in-8.º..... 200
- Feiticeira (A) Loura, por *Xavier de Montépin*. 2 v. in-8.º... 800
- Feitiços de mulher feia, por *Victor Cherbuliez*, traducção de *Lopo de Sousa*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Ferreiro (O) da abbadia da Côrte de Deus, por *Ponson du Terrail*, traducção de *Gomes de Sousa*. 2 vol. in-12.º..... 1\$000
- Fidalgos (Os) do coração de ouro, romance do xvi seculo, por *Manoel Pereira Lobato*. 4 vol. in-12.º 800
- Filhos (Os) do negociante, por *Manoel Maria Rodrigues*. 1 vol. in-12.º.. 500
- Folhas verdes, versos dos quinze annos, por *Theophilo Braga*. 2.ª edição, cor-

- recta e augmentada. 1 vol. in-12.º 500
- Frade (O), pelo padre ***. 1 vol. in-8.º 400
- Freira (A), pelo padre ***. 2 vol. in-8.º 720
- Freira (A) no subterraneo, romance historico, traduzido por *Camillo Castello Branco*. 2.ª edição. 1 vol. in-8.º 500
- Gaia, romance de *João Vaz*, publicado segundo a edição de 1630, e acompanhado de um estudo sobre a transformação do romance popular no romance com fórma erudita nos fins do seculo xvi, por *Theophilo Braga*. Folheto gr. in-8.º 200
- Geographia e estatistica geral de Portugal e colonias, com um atlas por *Gerardo A. Ferry*. 1 gr. vol. in-8.º 15500
- Grande dictionario portuguez, ou thesouro da lingua portugueza, pelo *Dr. Frei Domingos Vieira*. 5 gr. vol. 255000
- Encadernados... 305000
- Grande (A) envenenadora, por *Henrique de Kock*. 3 vol. in-8.º com 9 estampas 15500
- Grandes (As) invenções antigas e modernas, nas sciencias, industria e artes, por *Luis Figuier*. Obra adornada com 238 gravuras magnificas, e traduzida da 5.ª edição original franceza. 1 grosso vol. in-8.º gr. broch. 35000
- Com uma rica cartonagem vinda de Paris... 35600
- Grande, espantoso e horripilante processo dos mata-gatos!! Parodia ao processo dos Thugs, estranguladores, original de *Marianno Froes*. 1 vol. in-12.º 100
- Grilhetas (Os), por *Pedro Zaccone*, illustrados por *Manoel de Macedo*. 1 vol. in-4.º 15000
- Grillo (O) do moinho, por *Ponson du Terrail*, traducção de *Carvalho Junior*. 1 vol. in-8.º 400
- Guerra (A) do Paraguay, por *Pinheiro Chagas*. 1 v. in-12.º 200
- Guerra (A) da Restauração, por *Pinheiro Chagas*. 1 vol. in-12.º 200
- Guerrilheiros (Os) da morte, romance historico original de *Pinheiro Chagas*. 1 vol. in-12.º 500

- Guia do viajante nos caminhos de ferro do Norte em Portugal, por *Alberto Pimentel*. 1 vol. in-12.^o cart. com 1 mappa de Portugal..... 700
- Historia dos coitadinhos celebres, por *Paulo de Kock* — Jorge iv — Lanciotto de Rimini — O rei Candaule — Molière. 1 volume in-8.^o com 4 estampas..... 500
- Henrique iv — O sr. de Fayel — Collatino — Roberto Darnley. 1 vol. in-8.^o com 4 estampas. 500
- Fernando iv — André del Sarte — Luiz-le-Hutin. 1 volume in-8.^o com 4 estampas..... 500
- O conde de Monsoreau — João Jacques Rousseau — O marquez de Montespan — O carrasco d'Auch. 1 volume in-8.^o com 4 estampas..... 500
- Christiano vii — Raul de Ocquetonville — Luiz xiii — Mariano Faliero. 1 volume in-8.^o com 4 estampas..... 500
- Henrique viii — O marquez de Monnier — O doutor Schultz. 1 vol. com 4 estampas..... 500
- Philippe ii — Oualid-Thagi-Khan — O sr. Coisa. 1 vol. com 4 estampas 500
- Historias para gente moça, por *Julio Cesar Machado*. 1 vol. in-12.^o 500
- Historia de João de Gatinhas. 1 v. illustrado 200
- Historia moral das mulheres, por *Ernesto Legouvé*, traducção de *João Vieira*. 1 v. in-12.^o 800
- Historia da revolução da communa de Paris, por *Pinheiro Chagas*. 2 vol. in-8.^o..... 13500
- Historia universal, por *M. Pinheiro Chagas*. Historia dos povos do Oriente. 1 vol. in-12.^o..... 200
- Homem (O) perante a natureza. Discurso philosophico dividido em quatro partes: 1.^a Idade do homem sobre a terra. 2.^a Impossibilidade da origem simiana do homem. 3.^a Relações, transcendente e pratica entre o homem e o globo terrestre. 4.^a Superioridade e destino do homem. 1 vol. in-8.^o.. 400
- Incendiarios (Os) da India, por *A. de Brehat*. 2 vol. gr. in-8.^o..... 240
- Impressões da natureza,

- por *Augusto Luso da Silva*.
1 vol. in-12.º..... 500
- Inferno (O)** de Callet, trasladado para portuguez e precedido de uma advertencia, por *Camillo Castello Branco*. 1 v. in-12.º 500
- Inferno e Paraiso**, resposta ao snr. Camillo Castello Branco, traductor e prefaciador do **INFERNO** de Callet. Author, um egresso da ordem de S. Bento. 1 vol. in-12.º..... 500
- Inferno (O)** dos ciumes, por *Henrique Perez Escrich*. 3 vol. in-12.º com gravuras..... 25000
- Intrujões (Os)**, por *Paulo de Kock*. 2 vol. in-8.º com 2 estampas..... 900
- Italia (Na)**, scenas de viagem — Roma — Florença — Napoles — No Vesuvio — Herculanium — Pompeia — Genova — Pisa — Monaco, etc., etc., pelo *Visconde de Benalcanfôr*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Jesuita (O)**, pelo padre ***. 2 vol. in-8.º..... 800
- Joaquim Dick**, por *Paulo Duplessis*. 5 volumes gr. in-8.º..... 600
- Julia de Treccœur**, por *Octavio Feuillet*, traducção de *Gaspar Borges d'Avellar*. 1 vol. in-12.º..... 300
- Justiça (A)** dos bohemios (continuação do *Ferreiro da Abbadia da Corte de Deus* e dos *Amores d'Aurora*), por *Ponson du Terrail*. 2 v. in-12.º 15000
- Lição ao mestre**, romance original por *A. A. Teixeira de Vasconcellos*. 2 v. in-12.º..... 15200
- Livro (Um) intimo**, fragmentos, por *Alfredo Campos*. 1 vol. in-12.º. 200
- Livro negro de padre Diniz**, romance de *Camillo Castello Branco*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Livro (O) negro dos Brandões** ou historia circunstanciada dos factos que vexaram a Beira durante trinta e cinco annos, extrahida dos documentos os mais authenticos e posta á luz por *Um beiranense*. 1 fol. gr. in-8.º..... 60
- Livro de S. Cypriano**, tirado d'um manuscripto feito pelo mesmo santo que ensina a desencantar todos os encantos feitos pelos mouros n'este reino de Portugal, indicando os lugares onde se encontram os en-

- cantos; ensina a desfazer toda a qualidade de feitiçaria, etc. 1 v. in-12.^o 600
- Lisboa (De) ao Cairo, scenas de viagem, pelo *Visconde de Benalcanfôr*, com um esboço biographico, pelo sr. Pinheiro Chagas. 1 vol. in-12.^o 600
- Loba (A), por *Paulo Féval*. 3 vol. gr. in-8.^o.... 360
- Lucrecia Borgia, por *Fernandez y Gonzalez*. 2 vol. gr. in-8.^o..... 1\$280
- Lyra (A) de Venus, ou collecção de poesias lascivas. 1 vol. in-12.^o..... 240
- Maldito (O), pelo padre***. 3 vol. in-8.^o..... 1\$600
- Manual de sinas, ou verdadeiro oraculo das damas e cavalheiros. Obra necessaria aos namorados e curiosos. 1 vol. in-12.^o 120
- Manual dos sonhos, ou arte de adivinhar o futuro. Explicação completa, clara e facil dos sonhos e aparições nocturnas. 1 vol. in-12.^o..... 120
- Martyr (O) do Golgotha, tradições do Oriente, por *Henrique Perez Escrich*. 2.^a edição portugueza. 4 vol. in-12.^o..... 1\$200
- Martyrio e cynismo, por *Xavier de Montépin*, traducção de *F. F. da Silva Vieira*. 1 vol. in-12.^o 500
- Marquez (O) de Pombal, por *Pinheiro Chagas*. 1 vol. in-12.^o..... 200
- Mata-a ou ella te matará, ou homem-mulher ou mulher-homem, ou nem homem nem mulher, ou Alexandre bestializado por Emilio ou Emilio bestializado por Alexandre, traducção. 1 v. in-12.^o 200
- Mathilde, romance de *D. Anna Maria Ribeiro de Sá*. 1 vol. in-12.^o... 500
- Medico (O) dos ladrões, por *Henrique de Kock*. 3 volumes in-8.^o com 6 estampas..... 1\$500
- Memorias de fr. João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão-Pará, com uma extensa introdução e notas illustrativas, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. in-12.^o..... 500
- Memorias historico-estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal, com documentos ineditos, por *P. W. de Brito Aranha*. 1 vol. in-12.^o.. 700
- Memorias de M.^{me} de Lafarge, traducção de *Pe-*

- dro d'Amorim Vianna*. 2 v.
in-12.º..... 1\$000
- Memorias d'um caixeiro,
ou um drama da vida com-
mercial, por *A. Belot e J.
Dautin*. 1 vol. in-12.º 600
- Memorias d'um medico,
por *Alexandre Dumas*:
1.ª parte. *José Balsamo*. 5
vol. in-8.º..... 2\$500
- 2.ª parte. *O collar da Rai-
nha*. 3 vol. in-8.º. 1\$500
- 3.ª parte. *Angelo Pitou*. 2
vol. in-8.º..... 1\$200
- 4.ª parte. *A condessa de Char-
ny*. 8 vol. in-8.º.. 3\$900
- 5.ª parte. *O ultimo rei dos
francezes*. 2 volumes in-
8.º..... 1\$300
- Obra completa, 20 vol. in-
8.º..... 10\$000
- Memorias d'uma viuva,
por *Ponson du Terrail*,
vertido em portuguez, por
J. J. da F. Guimarães. 2
vol. in-8.º..... 1\$000
- Mil (Os) de Garibaldi. Nar-
ração historica, politica e
romantica da expedição á
Sicilia em 1860. 1 vol. in-
8.º..... 500
- Mil (As) e uma noites,
contos arabicos. 4 vol. in-
12.º..... 1\$200
- Miniaturas romanticas —
Martyrio de um anjo —
Amour et champagne —
Um drama intimo — A fa-
talidade e o destino — Cam-
biantes da comedia huma-
na, etc., por *Magalhães
Lima*. 1 vol. in-8.º. 500
- Miscellanea — Memorias de
uma infeliz — A panthera
— O sceptico — O que são
as mulheres — Conclusão.
1 vol. in-12.º..... 300
(*Bibliotheca para homens*).
- Miseraveis (Os) de Lon-
dres, por *Pedro Zaccane*,
illustrados por *Manoel de
Macedo*. 1 vol. in-4.º 800
- Mocidade (A) do rei Hen-
rique, por *Ponson du Ter-
rail*. 5 vol. in-8.º. 2\$570
- Mosaico e sylvia de curio-
sidades historicas, littera-
rias e biographicas, por
Camillo Castello Branco.
1 vol. in-12.º..... 500
- Mulher (A) immortal, gran-
de romance popular, por
Ponson du Terrail. 2 vol.
in-12.º..... 1\$000
- Musicos (Os) portuguezes,
Biographia, bibliographia,
por *Joaquim de Vasconcel-
los*. 2 gr. v. in-8.º 2\$400
- Mysterios de Londres, por
Francis Trolopp. 6 vol.
in-8.º..... 2\$400
- Mysterios dos antigos

castellos de França ou
 amores secretos dos reis,
 das rainhas, dos principes,
 princezas e outras altas
 personagens. Aventuras
 mysteriosas, scenas dra-
 maticas, factos maravi-
 lhosos, apparições, espe-
 ctros, phantasmas, etc.,
 traducção de *A. Sarmiento*.
 2 vol. gr. in-8.º. 2\$000

Mysterios do Rio de Ja-
 neiro ou os ladrões de ca-
 saca. Romance original de
A. J. M. Braga. 1 vol.
 in-12.º. 500

Nervosos, lymphaticos e
 sanguineos, por *Alberto*
Pimentel. 1 v. in-18.º 400

Noites de insomnia, offe-
 recidas a quem não póde
 dormir, por *Camillo Cas-
 tello Branco*. 12 vol. in-
 18.º. 2\$400
 (*Bibliotheca d'algieira*).

No mar e na terra, cantos
 escolhidos, traducção de
D. P. Rocha. 1 vol. in-
 12.º. 300

Noticias sobre a vida e as
 obras de Antonio Gonçal-
 ves Dias, correspondentes
 ao terceiro tomo do Pan-
 theon Maranhense, pelo
Dr. Antonio Henrique

Leal. 1 volume grosso in-
 8.º. 1\$500

Obras poeticas, de *J. de*
Sousa Andrade. 1.º vol. in-
 12.º, cart. 1\$000

Odes modernas, por *An-
 thero de Quental*. 2.ª edi-
 ção, contendo varias com-
 posições ineditas. 1 vol.
 in-12.º. 400

Obras poeticas, de José
 Agostinho de Macedo, con-
 tendo: A natureza, poe-
 ma — A meditação, poe-
 ma — Newton, poema —
 Viagem extatica ao templo
 da Sabedoria — Biogra-
 phia, por *J. L. Carreira*
de Mello, seguidas d'un
 catalogo alphabetico de to-
 das as suas obras. 6 vol.
 in-8.º. 1\$440

Olympia, por *Ernesto Pin-
 to d'Almeida*. 1 volume in-
 8.º. 400

O que faz a ambição, por
Manoel Maria Rodrigues.
 1 vol. in-12.º. 500

Paizagens, por *Bulhão Pa-
 to*. 1 v. in-12.º cart. 250

Pantheon maranhense,
 pelo *Dr. A. H. Leal*. 4 v.
 gr. in-8.º. 6\$000

Papas (Os) dos tempos
 modernos, grandeza e de-
 cadencia do papado nos

- tres ultimos seculos, por *A. Villas-Boas*. 1 vol. in-12.º..... 600
- Paqueta, por *Bulhão Pato*, com uma carta-prologo do snr. *Alexandre Herculano*. 1 vol. in-8.º..... 15000
- Paraiso (O) das mulheres, por *Paulo Féval*. 2 vol. gr. in-8.º..... 920
- Passeios e digressões, por *Tito de Noronha*. 1 vol. in-12.º..... 400
- Passeios e phantasias, por *Julio Cesar Machado*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Peninsulares (As), collecção das obras poeticas de *J. Simões Dias*, nova edição. 2 vol. in-8.º. 15000
- Phantasias e escriptores contemporaneos — Camillo Castello Branco — Pinheiro Chagas — Thomaz Ribeiro — Julio Diniz — Bulhão Pato — D. Thomaz de Mello, pelo *Visconde de Benalcanfôr*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Physiologia do matrimonio (estudos analyticos) ou meditações de philosophia eclectica sobre a felicidade e infelicidade conjugal, por *H. Balzac*, traducção de *A. da Silva Dias*. 2 v. in-12.º 15000
- Poesias e prosas inéditas de *Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, com uma prefacção e notas, de *Camillo Castello Branco*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Portugal e o socialismo, exame constitucional da sociedade portugueza e sua reorganisação pelo socialismo, por *J. P. Oliveira Martins*. 1 v. in-12.º 600
- Prato (O) d'arroz doce, romance historico, por *A. A. Teixeira de Vasconcellos*. 2.ª edição. 1 vol. gr. in-12.º..... 600
- Processo-crime (Um), romance contemporaneo contendo uma carta do snr. Camillo Castello Branco, por *A. Varella*. 1 vol. in-12.º..... 400
- Processo (O) Lerouge, por *Emilio Gaboriau*. 2 vol. in-12.º..... 800
- Prodigio (O) nas salas, manual de prestidigitacção, ornado de numerosas gravuras, o mais curioso e completo que se tem publicado n'este genero, por *David de Castro*. 1 vol. in-12.º..... 600

- Pupilla (A) do judeu, com 3 estampas, por *Alberto de la Crose*. 1 vol. in-8.º 400
- Quadros cambiantes, por *Candido de Figueiredo*. 2.ª edição correcta e augmentada, com o retrato do author. 1 vol. in-8.º... 500
- Quadro do mundo physico ou excursões através da sciencia, por *N. Jacquinet*, traducção de *A. A. Leal*. 1 vol. in-12.º 500
- Quatro horas innocentes, contendo: A flôr da maia — O livro de Lazaro — A corôa de ouro — Por causa do pano da bôca — O inferno — O santo de Midões — Em vinte annos, etc., etc., por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. in-12.º... 500
- Que é o clero em uma monarchia constitucional? pelo *Padre Benevenuto Antonio Caetano de Campos*. Nova edição com notas illustrativas sobre o estado actual da sociedade, precedida de um proemio do editor. Obra offerecida aos liberaes portuguezes e brazileiros. 1 volume in-12.º... 300
- Questão (A) lazarista, considerações feitas ácerca da mesma, nas quaes figura o clero em geral, o snr. padre Senna Freitas em particular e o seu adversario Pantaleão das Chagas. Analyse da carta d'este senhor, por *Um lavrador provinciano*. 1 volume in-12.º... 100
- Questões da lingua portugueza. Preliminares — O lexico — O consonantismo, por *F. Adolpho Coelho*. 1 v. gr. in-8.º 2\$500
- Questões do Pará, por *D. A. Gomes Percheiro*. 1 vol. in-12.º... 500
- Ramilheteira (A) do Tivoli, por *Ponson du Terrail*. Obra illustrada. 1 vol. in-12.º... 600
- Ramiro I (D.) de Aragão, por *Fernandez y Gonzalez*. 2 vol. in-8.º... 800
- Recordações litterarias, por *Soares Romeo Junior*. 1 vol. in-12.º... 500
- Rei (O) dos bohemios, por *Ponson du Terrail*, traduzido por *J. G.* 2 volumes in-12.º... 1\$000
- Rei (O) d'Italia, por *Alberto Blanquet*. 2 vol. in-8.º com 2 estampas.. 1\$000
- Rei (O) do mundo, por

- Emilio Souvestre*. 2 vol. gr. in-8.º..... 960
- Relação historica dos feitos dos barcellenses na restauração de 1640, escripta por *Manoel da Rocha Freire*, e reimpressa, conforme a 1.ª edição de 1642, precedida de uma noticia geral da villa de Barcellos, escripta por *Pereira Caldas*. 1 vol. in-8.º... 300
- Relampagos, por *Cunha Vianna*, com um prologo, por João Penha. 1 vol. in-8.º..... 400
- Reorganisação (Da) social dos trabalhadores e proprietarios, por *João Bonança*. 1 vol. in-12.º 500
- Revista critica de litteratura moderna, por uma sociedade de litteratos:
- N.º 1—*A Delfina do mal*, por *Thomas Ribeiro*. 1 folheto..... 100
- N.º 2—*Theophilo Braga e o Cancioneiro e romanceiro geral portuguez*, por *Oliveira Martins*. 1 fol. 150
- N.º 3—*Historia da poesia moderna em Portugal*, por *Theophilo Braga*. 1 folheto..... 100
- Revolução (A) social, analyse das doutrinas da associação internacional dos trabalhadores, por *J. J. Rodrigues de Freitas Junior*. 1 vol. in-8.º... 300
- Rico e pobre, por *Emilio Souvestre*. 1 vol. gr. in-8.º..... 120
- Rosto e coração, romance original de *J. B. Mattos Moreira*. 1 v. in-12.º 500
- Salamalek (O), annuario patarata para 1871. Escripto por diversos authores mortos e vivos, e colleccionado por *Urbano Loureiro*. 1 vol. in-18.º 100
- Salteador (O) do monte deserto, por *C. Robert*. 2 vol. gr. in-8.º..... 240
- Scenas contemporaneas, por *Claudio José Nunes*, com uma carta-prologo, por *José Maria Latino Coelho*. 1 v. gr. in-8.º 13200
- Scenas da minha terra, por *Julio Cesar Machado*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Scenas da vida de bohemia, por *Henry Murger*. 1 vol. in-12.º..... 600
- Se a mocidade soubesse!... por *A. Varella*. 1 vol. in-12.º..... 500
- Segunda (A) mocidade do rei Henrique, por *Pou-*

- son du Terrail*. 2 vol. gr. in-8.^o..... 820
- Seis annos na India, romance original de *C. P. d'Almeida*. 1 volume in-12.^o..... 500
- Senhora (A) Viscondessa, romance original, por *Magalhães Lima*. 1 vol. in-8.^o..... 600
- Serões d'aldéa, por *João de Lemos*. 1 v. in-12.^o 600
- Sorrisos e lagrimas, poesias de *Maria Rita Chiappe Cadet*. 1 volume gr. in-8.^o..... 800
- Talisman (O) de *Roberto Nels*, por *E. Deligny*. 1 vol. in-12.^o..... 500
- Tasso, poema dramático em sete cantos, baseado em factos do seculo XVI, por *Candido de Figueiredo*. 1 vol. in-12.^o..... 500
- Tempestades do coração, por *J. B. Mattos Moreira*. 2 vol. gr. in-8.^o 240
- Tenda (A) de mestre Lucas, romance religioso original, pelo padre *Senna Freitas*. 1 v. in-12.^o 400
- Terror (O) prussiano, por *Alexandre Dumas*. 1 vol. gr. in-8.^o..... 900
- Theatro de sala, de Méry, traducção de *João de Deus*:
- 1.^o — *Amemos o nosso proximo*..... 100
- 2.^o — *Ser apresentado*. 100
- 3.^o — *Ensaio de casamento*..... 100
- 4.^o — *A viuva inconsolavel*..... 100
- Tolices e escandalos, de hontem e de hoje, por *F. Terencio*. 1 volume in-12.^o..... 500
- Tribunaes (Os) secretos, por *Paulo Féval*, traducção de *Pinheiro Chagas*. 5 v. gr. in-8.^o..... 2\$720
- Tribunal (O) secreto, por *Clemence Robert*. 2 vol. in-8.^o com 4 estampas 1\$000
- Tres (Os) mosqueteiros, por *Alexandre Dumas*. A venda os fasc. 1 a 4 400
- Treze (As) noites de Joanna, por *Henrique de Kock*. 1 v. in-8.^o com est. 500
- Vendetta (La), de *Balzac*, versão livre de *Bulhão Patto*. 1 vol. in-12.^o... 400
- Verdades economicas, ou a riqueza ao alcance de todos, traducção de *Miguel Augusto da Silva*. A sciencia do bom homem Ricardo. Conselhos para fazer fortuna. Pensamentos so-

- bre o trabalho, etc., etc.
1 vol. in-12.º 500
- Vergonha (A) que mata,
de *Amédée Achard*, tradu-
zido por *Lopo de Sousa*. 1
vol. 500
(*Bibliotheca para senho-
ras*).
- Vermelhos, brancos e
azues, por *M. Pinheiro
Chagas*. 1 v. in-12.º 500
- Victoria da França, 4 de se-
tembre de 1870, por *Guer-
ra Junqueiro*. 1 volume in-
12.º 100
- Victorias (As) dos portu-
guezes em defeza da sua
independencia, escripto an-
ti-iberico, por *D. Miguel
Sotto Maior*. 1 vol. in-
12.º 360
- Vida d'el-rei D. Affonso
VI, escripta no anno de
1684, com um prefacio de
Camillo Castello Branco. 1
vol. in-18.º 400
- Vida de Lord Byron, por
Emilio Castellar, traduzida
da 2.ª edição por *Fernan-
des Reis*. 1 v. in-12.º 500
- Vienna e a exposição, pelo
Visconde de Benalcanfôr.
1 vol. in-8.º 600
- Vingança (A) de Raul, ro-
mance original, por *Julio
Rocha*. 2 vol. in-8.º. 900
- Vingança (A) da barone-
za, por *Ponson du Ter-
rail*, traducção de *J. Gui-
marães*. 1 v. in-12.º 500
- Virtude (A) de Rosina, ro-
mance de *Arsenio Hous-
saye*, traduzido por *Alberto
Pimentel*. 1 v. in-12.º 400
- Visão dos tempos, anti-
guidade homerica, harpa
de Israel, rosa mystica.
2.ª edição, 1871, correcta
e augmentada, por *Theo-
philo Braga*. 1 volume in-
12.º 500
- Visconde (O) de Ouguel-
la, perfil biographico, por
Camillo Castello Branco.
1 vol. in-8.º 500
- Vislumbres, por *David de
Castro* — Glorias — Deva-
neios — Faceccias. 1 vol.
in-12.º 500
- Vocabulario (O) de verda-
des, por *Uma sociedade
de homens de letras*. 1 vol.
in-32.º 110

DIVERSOS

Anotações ou synthese anotada do Codigo do commercio, por Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel. Nova edição. 4 volumes gr. in-8.º..... 6\$000

Arte de descobrir as aguas em toda a qualidade de terreno sem auxilio dos vedores, por João M. F. de Magalhães. 3.ª edição. 1 vol. in-12.º..... 120

Arithmetica commercial ou tratado completo de arithmetica pura e applicada ao commercio, aos bancos, ás finanças e á industria, por José Nicolau Raposo Botelho e Antonio da Silva Dias, contendo: *Arithmetica pura*: Noções preliminares — Numeração — Adição — Subtração — Multiplicação — Divisão — Breves noções de potencias e raizes — Divisibilidade — Quebrados — Decimaes — Calculo mental — Erros e operações abreviadas — Equações numericas — Razões e proporções — Calculo por logarithmos.

Arithmetica applicada: Systema metrico decimal (com tabellas) — Complexos — Regras de tres — Regra de companhia — Percentagens — Juros simples — Desconto (por fóra e por dentro) — Prazo medio — Regra conjuncta (com tabellas) — Cambio (com tabellas) — Regra de liga e mistura — Regra de falsa posição — Juros compostos (com tabellas) — Amortisação (com tabellas) — Divida publica — Acções de companhias — Obrigações — Rendas perpetuas e seguros de vidas. 1 volume de mais de 500 paginas..... 1\$500

Bancos (Os) em Portugal em 1875. Reflexões sobre o rapido augmento do numero das instituições bancarias e breve exame d'estas instituições no fim do anno de 1874, por José Joaquim Pinto Coelho. 1 vol. in-8.º..... 300

Codigo de processo civil, fielmente copiado da pu-

blicação official com um supplemento, contendo a organização judicial em conformidade da reforma judiciaria e legislação posterior, designadamente a lei de 16 d'abril de 1874 e um minucioso indice alphabetico. 1 volume grosso in-8.º..... 700

Estudos sobre escripturação mercantil por partidas dobradas em materia de mercadorias, de José Maria d'Almeida Outeiro, empregado no banco Commercial do Porto, precedidos d'uma breve exposição da legislação commercial nos pontos de maior utilidade para o commerciante, por A. A. Ferreira de Mello, visconde de Moreira de Rey. 3.ª edição, revista, correcta e augmentada. 1 gr. vol. 15200

Espirito do direito civil moderno, direito subsidiario, propriedade, contractos, por T. Braga. 1 vol. in-8.º..... 120

Guarda (O) livros portuense em partidas dobradas. — Escripuração no estylo moderno. 1 volume in-8.º..... 800

Guia do atirador, por José Nicolau Raposo Botelho. Com estampas. 1 volume in-12.º..... 800

Liberdade (A) de industria, nas suas relações com a politica e com a historia da civilização, por Candido de Figueiredo. 1 volume in-8.º..... 300

Livro primeiro e segundo da voz da natureza ou o poder, sabedoria e bondade de Deus, manifestados na criação, na conexão do mundo inorganico com o mundo organico e na adaptação da natureza externa á estrutura dos vegetaes e á constituição moral e physica do homem, pelo marechal duque de Saldanha. 2 volumes in-8.º cart..... 15200

Manual d'arboricultura ou tratado theoretico e pratico da cultura e exploração das arvores fructiferas, por Alexandre de Sousa Figueiredo. 1 grosso volume in-8.º de 400 paginas e 100 gravuras intercaladas no texto..... 25000

Manual de medicina homœopathica, para uso das familias, por A. A. d'Al-

- meida Pinto. 1 grosso vol. in-8.º..... 25000
- Medico (O) de casa, medicina pratica, systema simples de reconhecer qualquer molestia, e indicação do melhor tratamento a seguir para a curar, por Mr. Constantin-Guillaume, e traduzido e ampliado por Antonio Vieira Lopes. 2 vol. in-8.º..... 15000
- Memoria sobre a organisação da defeza nacional, por Luiz Pinto de Mesquita Carvalho. 1 vol. in-8.º..... 240
- Methodo facil de escripturar os livros por partidas simples e dobradas, comprehendendo a maneira de fazer a escripturação por meio de um só registro, por M. Edmond Degrange, membro da sociedade real academica das sciencias em França, traduzido em portuguez por Manoel Joaquim da Silva Porto, adaptado pelo traductor ao novo systema metrico decimal de pesos e medidas e seguido de um appendice, comprehendendo correspondencia de pesos e medidas metricas, valor e denominação das moedas estrangeiras, sua redução aos diferentes cambios, etc., etc., offerecido aos portuguezes e brazileiros que se dedicam ao commercio. 5.ª edição. 1 grosso volume..... 15500
- Phylloxera (O) vastatrix ou a nova molestia das vinhas, por Diogo de Macedo. 1 vol. in-8.º.. 200
- Questão (A) do ensino, conferencia publica feita no casino lisbonense, por Adolpho Coelho. 1 volume in-8.º..... 200
- Tabellas anglo-luso-brazileiras de cambios entre Portugal, Brazil e Londres, desde £ 1 a 100 milhões de £ esterlinas, e desde 15⁴ a 60 $\frac{7}{8}$ ⁴ por 15000 reis, calculados em decimaes, por Antonio José da Silva. 1 volume in-4.º..... 15000
- Dito cartonado... 15200
- Tabella das moedas portuguezas e estrangeiras d'ouro e prata em circulação. 1 volume in-12.º..... 300
- Tabellas de juros por qualquer quantia, taxa e tempo, coordenadas por A.

- José da Silva. — Methodo novo e facil, baseado na dizima com o qual se resolve rapidamente o problema *Juro simples*. 1 vol. in-4.º 200
- Thesouro inesgotavel ou collecção de varios processos e receitas com applicação ás sciencias, artes, industria, agricultura e economia domestica. Obra utilissima a todas as classes da sociedade. 3.ª edição, revista e consideravelmente augmentada, publicado por Agostinho da Silva Vieira. 1 grosso volume in-8.º 15000
- Tratado de harmonia de acompanhamento ao alcance de todos, pelo padre Moura. 1 volume grande in-8.º 15000
- Tratado dos dinheiros de cambio das praças estrangeiras com Portugal. 1 volume in-12.º 300

LUIZ FIGUIER

AS GRANDES INVENÇÕES

ANTIGAS E MODERNAS

NAS

SCIENCIAS, INDUSTRIA E ARTES

EDIÇÃO DE LUXO, ILLUSTRADA COM 238 GRAVURAS

1 grosso volume, cartonado, 3\$600 reis

PORTO: 1877 — Typ. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA¹ TEIXEIRA
62, Rua da Cancellia Velha, 62

Ernesto Chardron—Porto e Braga

NOVAS PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

MEDICINA PRÁTICA

O MEDICO DE CASA

Systema simples
de reconhecer qualquer molestia, e indicação do melhor
tratamento a seguir para a curar.

PELO

DR. CONSTANTIN-GUILLAUME

TRADUZIDO E AMPLIADO POR

ANTONIO VIEIRA LOPES

DOIS VOLUMES 15000 RÉIS

O

COLLAR DO DIABO

POR

D. MANOEL FERNANDEZ Y GONZALEZ

Quatro volumes com gravuras, 25000 réis

CAÇA de QUETROZ

RAMALHO ORTIÇÃO



ASTARAS

helic

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

NOVA SERIE

TOMO IX

Maio a Junho

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1877



Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. PROUDHON

SUMMARY

A burra do Estado. Porque motivo o ministerio Fontes se deitou abaixo d'essa burra, e do mais que então passou. A queda do dente. Elogio do dente pelo sr. Assumpção. O dente embrulhado n'um papel. O dente aos pés do throno. O dente demittido. Pede-se um dente novo.— O drama *Leonor de Bragança* e a caixa do Poder Moderador. Parallelo da peça do sr. Luiz de Campos e da do sr. Alfredo Ansur. Os caracteres em cada uma das duas peças, a lingoagem, o stylo, a cortezanía, a intenção moral. Conclusões do referido estudo: requisita-se para o sr. Ansur a commenda do *lagarto* ou metade da caixa conferida pelo Poder ao sr. Campos.— As corridas de cavallos — O premio do Jockey-Club e o premio da Academia — O progresso em Lisboa durante o ultimo semestre. A sociedade affirma o seu movimento ascendente na civilisação por meio de dois novos estancos e de uma ourivesaria. Philosophia de uma vitrine de joias — A peregrinação a Roma. Os preparativos. A partida. A prescripção da *toilette*. A chegada a Lourdes. Aspecto pittoresco e elegante do milagre: o *restaurant*, o trem de Paris, as *parties fi-*

nes sobre a reiva, o Champagne e as bilhinhas da agoa. Em Roma. As offerendas. O dinheiro de S. Pedro. A applicação d'esta receita. O album dos peregrinos e o que n'elle se contém. A nossa allocução. O primeiro e o ultimo jubileu. Pio ix e Bonifacio viii. A antiga fé. Os peregrinos em 1300. A fé actual e os peregrinos d'hoje. O conflicto da sciencia e da fé. O Deus de Darwin. Os novos poderes espirituaes. De como ninguem quer o ceu do Padre Marnoco — A primeira commu-nhão de sua alteza o príncipe — A civilisação africana e as conferencias academicas. Uma conferencia que se não faz: *Da influencia do «sport» no caracter dos povos exploradores.*

Era em uma bella manhã do mez de março. A primavera, essa filha do amor e da brisa — como diria o sr. Antonio de Serpa se as conveniencias partidarias lhe permittissem ainda dedilhar a theorba sob o lyrico balcão de D. Mafalda — tinha estendido sobre as campinas o seu manto de esmeraldas. Nas estradas que convergem a Lisboa um alegre raio de luz animava a circulação da vida suburbana. Havia um novo tom festivo no chocalhar das recuas dos almoreves, no rodar das pesadas carroças da hortaliça de que se exhalam emanações appetitosas de cuentro e de pimpinella, no tic-tic do passo miudo e zeloso dos jumentos saloios ajoujados

de bilhas de leite e de seirões de roupa lavada. A agua das regas rumorejava suavemente por baixo da macia verdura aveludada dos favaes. As cotovias cantavam na espessura das hortas. Pelos portões das quintas, de pateo ajardinado, sahia em calidas basforadas o perfume dos limoeiros. Por cima dos muros pintados de amarelo bracejavam sobre os caminhos as hastes dos pecegueiros em flôr. Uma aragem tepida e balsamica cahia do ceu azul e envolvia n'um doce torpor voluptuoso e suave os nervos dos lisboetas que madrugavam voltando de Cintra ou desembarcando na gare de Santa Apollonia.



Foi dominado por essas influencias do clima, da paizagem, dos aspectos da natureza, que o sr. Fontes Pereira de Mello deliberou deitar-se abaixo do governo, retirando-se ao diletantismo particular e abandonando aos que iam pela via a burrinha pacata e fiel do poder, que elle cavalgara em cinco annos de choito glorioso aavez das *diversas provincias da publica administração*.

Somos informados de que s. ex.^a, reunindo

os seus collegas do ministerio e os seus mais intimos amigos politicos, lhes fallara d'esta arte :

Senhores ! Achando-me esta manhã á janella do meu quarto, fazendo algumas considerações philosophicas e a barba, deliberei apear-me por algum tempo da azemola do poder.

Vozes de amigos intimos desapontados. — Oh ! oh ! Não o cremos !... Não o podemos crer !... É um gracejo, um puro gracejo de s. ex.^a ! Que a burra do poder venha á presença de s. ex.^a para que s. ex.^a a cavalgue ! S. ex.^a não pode assim descer da burra ! Seria altamente impolitico deixar-nos n'este momento com a burra devoluta nos braços ! deixar-nos, para assim dizer, com a burra atravessada na garganta ! Haja ao menos um pretexto, haja uma razão !

O sr. presidente proseguindo : Quereis uma razão ? Eu vol-a don. Acho-me impossibilitado de proseguir provincias da publica administração alem. Á força de meditar nos altos negocios do estado acaba de me cahir um dente...

Vozes — Dé o dente para ordem do dia !

O sr. presidente (tirando o dente da algibeira e collocando-o na discussão) — Ahi tendes o

dente. Abri sobre elle os mais largos e rasgados debates, e julgae-o como vos approuver. É um queixal. Nada mais acrescento. Sobre este ponto considerações de melindre pessoal me inibem de continuar. Farei apenas sentir aos meus amigos politicos e aos meus collegas do gabinete que nem a camara nem o paiz nem a corôa poderão, segundo penso, exigir da minha fidelidade partidaria que eu sacrifique á investigação dos negocios os dentes que o meu ardente patriotismo me impõe a obrigação de reservar para os inimigos da patria. Tenho dito. (Vozes: — Muito bem ! Muito bem !)

*

O sr. Monoel da Assumpção, havida então venia para fallar, consta que estendera a dextra sobre o dente, e proferira com ardor e enthusiasmo as seguintes palavras:

« Meus senhores ! Este dente é a pagina mais gloriosa da nossa historia. É effectivamente um queixal, como s. ex.^a muito bem disse na sua phrase tersa, de uma energia e de uma concisão dignas de Tacito. Ha oito dias que os jor-

naes que nos guerreiam lançaram este dente na tela da discussão, procurando fazer acreditar ao paiz e ás nações estrangeiras, por meio de insinuações malevolas, que elle é canino. Mandando o dente para a meza o sr. presidente acaba de confundir de uma vez para sempre os seus adversarios. Queixal! Longa foi a tua carreira gloriosa. Enraizado no queixo de s. ex.^a atravessaste com elle as mais duras provações de uma carreira brilhante. Roeste o pão negro do ostrocismo. Atolaste-te na lampreia d'ovos das doces illusões. Mascaste a cabedella dos terribes desenganos. Depois de cada um d'esses estadios na senda dos progressos materiaes e moraes, s. ex.^a, com mão decisiva, palitava-te. Um dia porém, á meza do orçamento, no grande banquete da civilisação, n'esse campo de batalha onde se travam os combates incruentos do progresso e onde o talher de s. ex.^a por muitas vezes fulgurou desembainhado ao sol das victorias, tu, depois de uma violenta refrega com umas amendoas torradas de exercicios lindos, com uns biscoutos de gerencias anteriores, e com algumas outras verdades duras de tragar, apparecêste furado. No dia seguinte s. ex.^a chamava ás armas a reserva e um dentista, e tu,

ó dente, recebias como os bravos o baptismo do chumbo. A bala inimiga...

O sr. Presidente — Tomo a liberdade de interromper o illustre deputado e meu nobre amigo para lhe fazer notar que o dente não recebeu o baptismo do chumbo sob a forma de bala, mas simplesmente sob a forma de pingo.

O orador — Do mesmo modo então que um fundo de chaleira ?

O sr. Presidente — Precisamente do mesmo modo.

O orador — Agradeço infinitamente a s. ex.^a a informação que acaba de prestar-me, e, se s. ex.^a m'o permite prosigo, pondo de parte a piada relativa á bala do inimigo...

Dente ! cahiste alfim. A tua queda tem o character de um triumpho, pois não cahiste arrancado por uma opposição accintosa e malevola; cahiste porque tinhas os teus dias cheios e um pouco tambem porque estavas podre.

Que mais queres, ó dente ? que mais desejas ? que mais ambicionas ?...

O sr. Presidente — Peço perdão para ainda uma vez interromper o illustre deputado, rogando-lhe que não tome por incivil o silencio do dente ás suas interrogações. O dente é hoje a

primeira vez que apparece em publico separado dos seus companheiros, e deve-se ter em conta o justo acanhamento que a sua nova situação lhe infunde. Eu acho-me porém habilitado para satisfazer a curiosidade do illustre deputado em quanto ás ambições do dente logo que s. ex.^a o exija.

O orador—Como deputado da maioria tenho a declarar ao sr. presidente que nunca dirijo ao governo, nem no seu conjuncto nem separadamente a nenhum dos seus queixaes pergunta alguma para que deseje resposta. As minhas interrogações são puramente rhetoricas. O silencio com que fui escutado pelo dente não sómente me não escandalisa mas antes pelo contrario me pe-nhora como um testemunho de benevolencia a que não ousava aspirar.

Concluindo, tenho a honra de propor que, depois de embrulhado respeitosaemte em um papel, o dente seja levado ás plantas do poder moderador, para que sua magestade haja por bem resolver como lhe approuver esta passageira crise. Faço votos por que o sr. Presidente do conselho se apresse em pôr ao serviço da nação um novo dente.»



Approvada unanimemente a eloquente proposta do sr. Assumpção, o sr. Presidente do conselho recolheu-se a sua casa a tomar bochechos emolientes enquanto o resto do ministerio partia para o Paço a levar ao soberano o dente resignatario.

Constou pelos jornaes que apenas recebera o dente sua magestade se dirigira a casa do sr. presidente do conselho, com o qual teve uma entrevista de duas horas. Estas duas horas foram empregadas pela corôa em procurar reintegrar, pelas suas proprias mãos, o dente caído na maxilla do illustre estadista.

Diz-se que a corôa, suando em bica, esgotára, para consolidar o dente caído no seu logar primitivo, todos os meios compativeis com as disposições do codigo fundamental da monarchia. Sua magestade tentára fixar o dente ao chefe do gabinete com obreias, com adhesivo, com lacre, com pez, com gomma arabica, com barbante, com alfinetes e com pregos.

O dente reagiu a todas as reaes instancias: o excelso politico, em cujo queixo inferior elle se firmára durante cinco annos de gerencia go-

vernativa não queria mais a confiança da corôa, queria unicamente cosimento de malvas.

O monarcha lavrou então o decreto mandando o seu antigo ministerio bochechar, e encarregou o sr. marquez de Avila e Bolama de reunir com os seus amigos o numero de dentes necessarios para formar uma gerencia duradoura e firme.

D'este encargo se desempenhou o sr. marquez com o zelo que o caracteriza, e o actual ministerio nasceu.

Um dos nossos mais distinctos amadores, o sr. Luiz de Campos, acaba de dotar o theatro de D. Maria com um drama, cujo exito constitue o maior triumpho modernamente alcançado pelas letras portuguezas.

Não só os jornaes todos consagraram a esta obra louvores emittidos com uma energia desu-

sada, mas até a alta sociedade, de ordinario tão parcimoniosa de curiosidade dispendida com a arte, patrocinou com especial favor esta peça.

O auctor teve a gloria de ver os seus finaes d'acto applaudidos do fundo dos primeiros camarotes pelas mãos mais aristocraticas. Nas situações patheticas do seu assumpto lagrimas illustres sulcaram o pó d'arroz com que se perfumam os brazões das mais nobres e distinctas familias. Finalmente no fim do espectáculo o Poder Moderador, que assistira á representação em companhia da sua familia, expediu um dos seus camareiros, o qual foi ao palco cumprimentar o laureado dramaturgo, pedir-lhe desculpa de lhe não pingar do alto do throno sobre o peito da casaca a commenda de S. Thiago, e entregar-lhe em vez das insignias d'essa ordem excelsa e em nome do referido Poder um cofre com uma pedra preciosa, que os jornaes do outro dia pela manhã almotaçaram em 1:500\$000 réis.

*

O drama do sr. Luiz de Campos intitula-se *Leonor de Bragança* e encerra a historia d'aquella desditosa, cuja mocidade e belleza fene-

ceram de subito, surprehendidas no ventre por
trez facadas com que a brindou seu esposo, o
mui nobre e poderoso duque de Bragança, um
dos antepassados do Poder que hoje nos rege, e
ao qual, bem como á sua familia, acima tivemos
a honra de reportar-nos submissa e respeitosa-
mente.

O pretexto sob o qual D. Jayme damnificou
com instrumento perforante o abdomen de sua
mulher foram os amores d'esta com o pagem
Antonio Alcoforado.

Existiram effectivamente esses amores? Era
a duqueza realmente culpada de uma fraqueza
anormal pelos pagens? Era Alcoforado um ho-
nesto e leal servidor do principe D. Theodosio,
ou era uma ratoeira vil de duquezas incautas?

*

Ha duas opiniões acerca do modo de consi-
derar no theatro a natureza d'este facto.

Na sua *Leonor de Bragança*, escripta em
prosa, o sr. Luiz de Campos entende que a du-
queza é innocente. Na sua *Leonor de Bragança*,
escripta em verso, o sr. Alfredo Ansür julga a
duqueza culpada.

Os fados, que tão propicios foram á obra do festejado sr. Campos, trataram adversamente a obra não menos estimavel do malogrado sr. An-sir. Julgamos do nosso dever protestar contra esta dura injustiça pondo em cotejo as duas composições a que deu origem a tragica aventura de Leonor.

*

No drama do sr. Luiz de Campos a culpa toda do nojoso sarrabulho perpetrado por D. Jayme está unicamente, segundo diz o sr. Campos, em *haver o pagem um coração*. O sr. Luiz de Campos emprega constantemente *haver* em lugar de *ter*, não só nos casos em que esse verbo é usado como auxiliar mas ainda quando se toma na accepção de possuir. Acatamos discretamente as rasões de pundonor e de dignidade que possam ter levado este cavalheiro a cortar as suas relações pessoaes com o verbo *ter*. O simples depoimento do verbo *haver*, conjugado com tanta lealdade, cravado no discurso com tanta firmeza como aquella que se admira em todas as locu-brações litterarias d'este auctor, basta para nos convencer da innocencia de Leonor.

Todos os encontros da duqueza com o pagem

no decurso d'esta peça são de um caracter fortuito absolutamente illibado.

A scena está vasia. Leonor tem por acaso de atravessar do segundo bastidor á esquerda para o segundo bastidor á direita exactamente no momento em que Alcoforado por egual acaso atravessa do segundo bastidor á direita para o segundo bastidor á esquerda. Elles veem ambos meditando no verbo *haver*, e descarregam um sobre o outro o objecto das suas cogitações pouco mais ou menos nos seguintes termos:

Duqueza—Houveste alfim volvido?

Pagem—Houve; e vós, senhora, que heis de determinar-me?

Duqueza—Nada hei.

Pagem—Hão, quiçá, offendido-vos outra vez?

Duqueza—Não hão. Pagem, havereis de volver a casa do sr. D. Theodosio.

Pagem—Visto que não heis de mim do, senhora minha, haja de se cumprir vossa vontade! Haverei força, haverrei de havel-a... Manhã, ao toque de prima, serei partido. De nada mais heis mister?

Duqueza—De nada mais hei, pagem; e a Deus prasa que jamais haja de haver! Ide-

vos presto a D. Theodosio, consoante vos hei dito, pouco ha.

Pagem— Em mim havei fé, minha senhora ama: eu me vou.

(Saem ambos, cada um por seu lado, meditando.)

A entrevista que dá causa á vingança do duque não a tem Alcoforado com a duqueza mas sim com uma das suas damas. Em toda a peça, finalmente, a duqueza, nem por carta, nem de viva voz, nem de simples ôlho, tem para Antonio uma palavra, um aceno, um gesto, em que se presinta de leve que seja a exhalação da perfidia.

*

O sr. Ansúr é menos complacente com os seus personagens, como vamos ver.

BEATRIZ ANNES

Grande mal, grande mal, senhor Fernão!

FERNÃO RODRIGUES

Que mal?

BEATRIZ ANNES

Homem em casa.

FERNÃO RODRIGUES

Com a aia?

BEATRIZ ANNES

Não.

FERNÃO RODRIGUES

Com quem pois?

BEATRIZ ANNES

Com nossa ama.

O fogoso e pittoresco sr. Ansúr vae mais longe ainda: colloca o pagem aos pés da duqueza e põe na bocca de um e outro estas palavras:

PAGEM

*Que enthusiasmo sinto! Arfa-me o seio
Em vertigem de amor! Sinto a poesia
Na mente distillar grata ambrosia.
Ó senhora duqueza! Minha vida!
Como vos amo!*

LEONOR

Antonio! alma querida...

PAGEM

*Longe de vós a vida é-me desterro...
Perdoar-me-heis do coração este erro?*

LEONOR

Sim.

PAGEM

*Sem vos escutar e sem vos ver
 Não podia, senhora, mais viver!
 Meu peito abrasa.*

LEONOR

*Doce pensamento,
 Longe de ti é igual o meu tormento.*

E a duqueza prosegue exaltando-se n'uma gradação rhetorica perfeitamente calculada pelo sr. Ansúr até o ponto de lhe dizer o Alcoforado:

*Calae-vos por piedade! Tende imperio
 Sobre a imaginação.*

Em outra scena da peça depois de uma entrevista secreta com o pagem, á hora da meia noite, a duqueza profere uma palavra physiologica, de um sentido decisivo:

*Como evitar que o duque venha, e veja
 Aqui tua presença que me peja?*

PAGEM

Meu Deus!

LEONOR

Jesus ! esconde-te !

Ao que o pagem, com o temerario valor que só os altos sentimentos persuadem, replica energeticamente :

Fujamos !

LEONOR

Por onde oh ! ceus ? !

PAGEM

Por esta porta.

LEONOR

Vamos.

Sendo tanto a *Leonor de Bragança* do sr. Luiz de Campos como a *Leonor de Bragança* do sr. Alfredo Ansúr peças offerecidas pelos seus auctores a sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I, é claro que ellas devem ser consideradas pêla critica não como livres produções litterarias mas como especiaes mimos dedicados á familia de Bragança. Ora sob este ponto de vista — não hesitamos em dizel-o — a obra do

sr. Ansur parece-nos muito mais completa e perfeita que a do sr. Luiz de Campos.

Pomos de parte a questão da investigação historica, que foi igualmente aprofundada pelos dois auctores. O sr. Luiz de Campos reforça-se com o testemunho dos documentos que manuseou: *A historia genealogica*, *As Decadas de Couto e de Barros*, a *Chronica de D. Manuel* por Damião de Goes e o *Auto de inquirição e devassa* existente na Torre do Tombo. O sr. Alfredo Ansur fortifica-se exactamente com os mesmos documentos por elle compulsados.

Para suas excellencias, armados de eguaes argumentos pró e contra a duqueza, a escolha do papel que tem de lhe ser dado n'este drama é pois uma questão de gosto. O sr. Ansur, emquanto a nós, escolheu melhor, e fez a sua magestade el-rei uma dadiva mais delicada.

Segundo o sr. Ansur o duque de Bragança D. Jayme é um cavalheiro infeliz em familia, ao qual succede — como muito bem diz Menelau na Bella Helena — uma fatalidade. O duque deteriora a região intestinal da duqueza, mas deteriora-a em legitimo desforço da sua dignidade offendida e ao abrigo das leis do reino.

Segundo o sr. Luiz de Campos, dada a in-

nocencia da esposa, o duque não passa de um sanguinario estúpido, que envolve o seu brasão de familia e a futura tradição dynastica n'um ignobil e affrontoso chouriço de sangue innocente. O acto de mandar desossar pelo cozinheiro o pagem Alcoforado, com o mesmo facalhão com que se picam os bifés, é um facto indecente que, posto o criterio do sr. Luiz de Campos, estabelece um precedente que pode levar os servidores da casa de Bragança a não distinguirem inteiramente a differença que ha em ir para o paço e em ir para a salgadeira.

Eliminada a circumstancia do adulterio o duque é um facinora vulgar sem nenhum apoio na jurisprudencia ou na legislação. Depois da leitura da peça do sr. Luiz de Campos, um jury sensato que houvesse de julgar D. Jayme, mandal-o-hia degradado por toda a vida para a Costa de Africa. Só assim se poria uma sociedade culta ao abrigo de um principe que faz das esposas e dos vassallos um consumo que se não justifica pelas necessidades ordinarias da vida exterior.

Parece-nos ser um serviço em extremo subalterno prestado a alguém o publicar a historia

de um dos seus antepassados á luz de uma critica cujas derradeiras consequencias são, como no drama do sr. Campos, a condemnação do mesmo antepassado a um genero de glorificação e de apotheose que elle só pode remir com a prisão correccional perpetua.

Na peça do sr. Ansúr o antepassado do alto personagem a quem elle a offerece e consagra apparece-nos satisfactoriamente levado ao crime por uma provocação cheia de solicitude e de cortezia. «Ha homem em casa. Com a creada? Não. Com a patrôa.» Este grito sublime de clareza e de concisão esparge no facto um raio de luz juridica e lança um immenso clarão de legalidade e de justiça sobre o chifarote brigantino destinado á perfuração das damas.

Nada mais tocante do que a situação do duque ao receber o fatal desengano :

Horror ! Infamia ! Anathema ! Vergonha !

.....

Rompe-se-me do ser toda a harmonia,

Passa-se-me na mente extranha orgia !

Estalam-me no corpo algumas fibras !

Meu pobre espirito, que assim te libras

Do desespero na mortal esphera,

Não te consumas tanto ! Acalma ! Espera !

.....
Mofina dor me roe, me despedaça !

*Emquanto descuidoso andava á caça,
 Tu deliravas... tu... oh ! que villeza !*

E depois dirigindo-se ao pagem :

*Arrepende-te dos teus peccados
 Que os fios da tua vida estão contados !*

PAGEM

Perdão ! piedade !

DUQUE

*Soffre com valor
 Que mais soffreu por nós o Redemptor !*

.....
 *Alfim*
*Com o manchil Domingos cortará
 A cabeça do pagem. Morrerá.*

A duqueza intervem com esta conceituosa
 mas intempestiva maxima :

*Jamais decepes com manchil odioso
 A cabeça de um justo. É horroroso !*

O duque não precisa que lhe ensinem a resposta...

*Sabe mostrar do Barbadão de Veiros
O descendente, como pune o ultraje,
Que lhe fizeste, Leonor! Apaga.*

Não são estes porém os únicos serviços prestados pelo sr. Ansur á clareza justificativa dos factos e ao esplendor immarcessível da casa de Bragança. A peça d'este benemerito cavalheiro abunda em conceitos e em noções preciosas para a historia da nossa monarchia. Quem é o luso que, presando-se de amar o rei e a patria, deixará de ler sem uma commoção profunda as seguintes palavras que o auctor põe na bocca da mãe de D. Manuel, por occasião do advento d'este monarcha ao regio solio?

*Omnipotente Deus! quiz o destino
Dar existencia ao throno manuelino!
Quem predissera tal, filho cadete,
Quando surgiste á luz em Alcochete?!*

Temos por indigno e refece todo o cortezão que achando-se ao serviço da casa de Bragança

se recusar a decorar os seguintes carmes em que o sr. Ansúr celebra os antigos privilegios heraldicos de tão distincta familia :

*A não ser o real, não ha poder,
 Que possa hoje nos reinos exceder
 O de nosso senhor! Póde D. Jayme
 (Ó fóros brigantinos inspira-me)
 Nas salas dos seus paços ter doces
 E sitiaes nas egrejas dos fieis.
 Forrada com arminhos, rica, larga
 Vestir opa vermelha aberta á ilharga;
 Ante si leva estoque, segundo acho,
 Com o extremo voltado para baixo,
 Distinctivo dos reis, que é para cima.*

Faz gosto ler estas noticias e pensar a gente que pertence a um paiz em cujo throno se acha uma familia que antes de reinar tinha o direito de levar estoque para baixo, que ao reinar adquiriu o direito de levar estoque para cima, de sorte que póde hoje em dia (ó fóros brigantinos acudi-me), levar estoque simultaneamente para cima e para baixo!

A unica coisa que se nos offerece reprehender na peça do sr. Ansúr, por innumerados titu-

los superior á do sr. Luiz de Campos, é que o auctor a não livesse accrescentado com mais um acto, no qual, para completa rehabilitação da casa de Bragança, o duque D. Jayme nos apparecesse resgatando-se aos olhos do Omnipotente por meio das penitencias em que consumiu até o ultimo dia da sua taciturna viuvez. Nos paços de Villa Viçosa ainda hoje se mostra aos viajantes uma tina cavada no chão, a que se desce por quatro degraus, na qual é tradição geralmente crida que o nobre duque se mettia em agua, durante uma hora por dia, para desaggravo e remissão de suas culpas. O illustre heroe tão devéras se arrependeu que chegou a mortificar-se d'esta maneira insolita e sem precedentes — tomando banho!

Seria um bello melhoramento na obra do sr. Ansür que s. ex.^a a completasse com um breve epilogo, em que D. Jayme fosse visto amarrado pelo grilhão da penitencia a uma bacia, e ciliciado no vivo das suas carnes ultrajadas e viúvas pelo contacto expurgante de um sabão.



Postas estas considerações, não podemos deixar de perguntar: Porque motivo não caiu do

alto da regia munificencia sobre o peito inspirado do sr. Ansúr o pingo da nobre ordem do lagarto, do merito artistico e litterario, pingo suspenso da real goteira sobre as boças poeticas do sr. Luiz de Campos? Não fez o sr. Ansúr um drama de assumpto brigantino como o do seu collega? Não tem o sr. Ansúr a precedencia n'esta creação litteraria? Não é a sua obra dedicada igualmente a el-rei? Não é ella escripta em bellas parellhas de versos de dez syllabas, em vez de o ser em prosa villôa como a do seu competidor?

O sr. Luiz de Campos, não podendo pela sua qualidade de deputado receber mercês honorificas, teve de el-rei o presente de um cofre no valor acima referido de 1:500\$000 réis.

Não se dando com o sr. Ansúr a incompatibilidade annexa ao mandato popular, porque não se lhe confere a commenda da nobre ordem ou, quando menos, a sua equivalencia em cofre com pedra preciosa no valor de réis 1:500\$000?

Grave e inexplicavel injustiça! Se a nossa debil voz póde chegar até ás orelhas da corôa, nós diremos ao augusto soberano:

Senhor! A vossa protecção ás letras patrias não se tem até hoje desmarcado de uma re-

serva tão discreta como constitucional. Os dramaturgos que precederam Luiz de Campos e Alfredo Ansúr apenas teem colhido da regia liberalidade a graça de haverem possuido collocado em uma *avant-scène*, durante uma ou duas representações das suas peças, o vosso real perfil, que outros não possuem senão collocado nas moedas de 5\$000 réis, coisa miseravel e vil. Acabado o espectáculo vós enfiaes o vosso paletot, accendeis o vosso charuto, re tomaes o vosso sceptro no bengaleiro, e ides para casa recolher as commoções da noite sob o agasalho da vossa corôa de dormir, de algodão branco com uma borla na ponta. O genio nacional não pôde ainda até hoje obter da vossa munificencia manifestações mais expressivas. Uma vez, porém, que deliberastes inaugurar a éra do galardão litterario, dae a Alfredo Ansúr a commenda que Luiz de Campos não pôde acceitar. Dae-lh'a quanto antes. Não espereis que á cabeceira do vosso leito se erga o espectro do remorso, e que, sob a figura do poeta menosprezado, elle vos brade nos silencios da noite:

«Descendente de Barbadão! solta-me o lagarto! Larga o lagarto, Barbadão!»

Se o throno for surdo ás nossas vozes, cairemos sobre o sr. Luiz de Campos, e com o machil da justiça distributiva em punho cortar-lhe-hemos a dadiva regia ao meio!

Que o sr. Ansúr nos diga para onde quer que se lhe mande a metade do brinde que lhe compete.

Hoje, 7 de maio, corridas de cavallos no hipodromo de Belem.

Um premio foi disputado por quatro cavallos, um foi disputado por tres, outro por dois, e o ultimo finalmente por um cavallo só. Este cavallo partiu correndo vertiginosamente atraz de si mesmo, e desenvolveu tal ardôr e tal velocidade que chegou á meta, no meio das ovações e dos applausos geraes, passando adiante de si proprio!



Nota-se esta curiosa influencia do prémio do governo, do premio de el-rei, e do premio do Club, sobre o desenvolvimento da raça cavallar: — quanto mais premios se distribuem menos cavallos ha.

Se a instituição se mantem por dois ou tres annos mais, é-nos licito acariciar a esperança de que terminaremos por não haver cavallo nenhum, e teremos ainda o gosto de ver o primeiro dos *sportmen* que figuram no programma da presente corrida, o ex.^{mo} sr. Galileo, acabar por percorrer a pista montado no seu telescopio.



E no entanto o campo das corridas é o mais bello sitio dos contornos de Lisboa, o mais aprazivel ponto de passeio de carruagem, a cavallo ou a pé nas tardes de verão, e é susceptivel de ser explorado pelo Jockey-Club com sufficiente lucro da associação e com grande vantagem do publico. Bastaria para utilizar e aformosear o campo circumdal-o por fora da pista com uma rua de arvores intermeadas de bancos de jardim ;

estabelecer no centro do hippodromo um jogo do *Cricket* para os membros de um *Cricket-Club* addido ao *Jockey-Club*; organizar um tiro ao alvo, um *Croquet* para as senhoras, alguns jogos gymnasticos para o povo e para as creanças; promover nos domingos da primavera e de verão no recinto do campo pequenos certames agricolas e industriaes, concursos de vaccas, de carneiros, de gallinhas, de porcos gordos, exposições de flores, de fructas, de legumes, de queijos, de instrumentos de agricultura e de jardinagem, etc.

Lisboa carece vergonhosamente de uma instituição d'este genero que reuna com as condições de recreio os desenvolvimentos de actividade e de educação. Visto que nem o governo nem a municipalidade se occupam d'essa questão, o *Jockey-Club* prestaria um serviço relevante procurando resolvel-a.

*

Mas de modo algum pretendemos forçar o *Jockey-Club* a acceitar esse encargo. O *Jockey-Club* fará o que entender, e nós acharemos sempre que entendeu bem; a unica coisa que lhe

rogamos é que reflecta no futuro que o espera continuando na senda assustadora em que principia a resvalar. O club achou ainda um meio de resolver o problema do concurso diante da simples unidade: queremos saber o que fará quando vier a apparecer a fracção, e a quem se dará o premio de el-rei, quando para o anno concorrer unicamente a disputal-o — um selim!

Ao mesmo passo que o *Jockey-Club*, sob a protecção de suas magestades o sr. D. Luiz e o sr. D. Fernando confere premios no valor de tres contos de réis annuaes ás bestas velozes, a Academia Real das Sciencias, sob a presidencia e sob a protecção dos mesmos augustos principes, confere apenas 50\$000 réis de premio aos sabios extenuados.

Um cavallo que percorre a galope uma dis-

tancia de mil e quinhentos metros ganha réis 1:500\$000. Os sabios do paiz inteiro ganharão 50\$000 réis satisfazendo entre varios outros os seguintes pontos do programma da Academia para o anno de 1877 :

Em mechanica : Apresentar um trabalho sobre o movimento dos fluidos ; achar o melhor systema de obras a estabelecer nas margens do Tejo a fim de satisfazer simultaneamente as condições de salubridade, irrigação e segurança das propriedades adjacentes. Em physica : estudar a capacidade calorifica dos atomos nos corpos simples ; indicar a construcção da pilha de effeito mais constante e mais propria para ser applicada á telegraphia ; apresentar a synthese dos alcaloides organicos ; estudar a composição chimica das principaes aguas sulfureas e alcalinas de Portugal. Nas sciencias historico-naturaes : Fazer a descripção ampelographica das principaes castas de uvas portuguezas e determinar o melhor processo para o fabrico dos vinhos genuinos ; fazer um ensaio monographico da fauna portugueza. Nas sciencias medicas : Determinar as alterações da saude e as doenças devidas ás principaes industrias do paiz e indicar os meios efficazes de as prevenir ;

fazer um estudo critico do systema de esgoto e saneamento da capital, que satisfaça a todas as condições prescriptas pela hygiene, apresentando o modo da sua realisação; estudar a mortalidade de Lisboa, suas causas e meios de as attennar. Em litteratura: Fazer um romance historico, fazer um poema, fazer um glossario das palavras e locuções hoje obsoletas ou antiquadas que se leem nos antigos cancioneiros portuguezes acompanhando esse vocabulario de observações linguisticas e philologicas. Nas sciencias economicas e administrativas: Memorias ácerca da descentralisação em Portugal e do melhor systema de circulação fiduciaria. Em historia e archeologia: Estudo ácerca do estado da sociedade portugueza ao tempo da morte de D. João v; determinar e caracterisar as relações artisticas de Portugal nos seculos xv e xvi no tocante á architectura, esculptura, pintura, musica e artes industriaes, indicando os meios officiaes e extra-officiaes que facilitaram essas relações pondo os resultados em parallelo com a historia da arte em geral, etc., etc., etc.

*

Se nós fossemos sabios preferiamos ao tra-

balho de responder a qualquer dos alludidos quesitos pela somma de 505000 réis, o trabalho de percorrer á desfilada a pista do hipodromo de Belem — de graça.

Durante o semestre que finda este mez Lisboa não produziu nem um só livro util, nem uma só notavel obra d'arte na pintura, na musica, na poesia.

Não se fez nem uma prelecção nem uma conferencia litteraria ou scientifica. A estação toda passou-se como a estação anterior, como as estações precedentes, sem que esta sociedade em marasmo dêsse um unico signal de vida intelligente.

Lisboa é hoje a unica capital da Europa em que isto succede. Não queremos dar-lhe em parallelo Paris, Berlim, Bruxellas, Londres, S.

Petersburgo, qualquer das grandes cidades da Italia ou da Hollanda. Apontaremos apenas Madrid, e não citaremos senão um dos seus institutos particulares, o *Atheneu*, sociedade da natureza do *Gremio Litterario* em Lisboa. No *Atheneu* os cursos publicos, livres, gratuitos, abriram-se no mez de outubro, tendo havido desde o dia da abertura prelecções, conferencias ou debates em todas as noites. Teem-se ventilado as mais interessantes questões da philosophia e da sciencia social no ponto de vista de espiritos altamente cultos.

Em Lisboa o progresso social, o movimento ascendente da civilisação manifestou-se unicamente pela apparição de tres estancos novos no Chiado e de uma ourivesaria no largo das Duas Igrejas. Como á falta de objecto para outros interesses mais elevados, nós occupavamos os nossos ocios encostando-nos ás humbreiras das tabacarias a ver dispersar-se no ar o fumo dos nossos charutos, as tabacarias comprehenderam que este estado geral dos espiritos deveria começar a fatigar os habitantes de Lisboa, e dotaram-os com sofás. Para o anno os estancos requintarão ainda as condições de commoidade e havemos de ver os estanqueiros sairem ao en-

contro dos desejos do publico com colchões. Chegaremos á Casa Havaneza, despir-nos-hemos, poremos a camisa de dormir e fumaremos os nossos *carvajales* deitados em camas, á porta.

A ourivesaria do largo das Duas Igrejas teve o successo de uma instituição. Ella é como um templo ao luxo, como um altar ao deus Ouro, tal como o conceberiam, erigido com todo o esplendor do culto, os Pharaós da Rua dos Capellistas. A armação interior da loja é feita em Paris segundo os elegantes modelos das joalherias da rua de la Paix ou do Palais Royal. Armarios da mais verosimil imitação de ebano sobre um parquet brunido. Tecto de um azul idealizado, representando um trecho de ceu coberto de creme.

Nas vitrines, de um só cristal immaculado, desdobram-se em degraus, como n'um throno de lausperenne, as prateleiras de veludo cor de cereja, de cuja suavidade macia e ardente destacam em vigoroso relevo as joias em exposição. A um lado pendem em meada as correntes de relógio exhibidas como o corpo de delicto de uma

quadrilha de pick-pocket apanhados com o roubo. Suspensos nas extremidades das correntes pousam em baixo os breloques, n'um grande molho confuso, como se adornassem um collete monstro sobre o estomago colectivo e proeminente do capital.

Nos logares mais proximos de quem olha estão os miudos objectos preciosos, as finas pedras raras, os olhos de gato castanhos e amarellos em pequenas elykses cujo grande eixo é indicado por uma linha que separa nitidamente as duas côres; as perolas negras de um tom profundo, que não é o preto, é o infinitamente escuro, como a noite; as perolas côr de rosa sobresaindo em cercaduras de brilhantes como capsulas cabalisticas feitas de substancias extraidas de uma cristalisação mimosa de beijos ternos e de perfumes castos.

No segundo plano apparecem os ornamentos de mais vulto: os broches tremelusentes e vivos como esparrinhaduras de diamantes e de rubis chispando no ar; as flores imaginosas de petalas de aljofar ou de saphira, orvalhadas de pulverisações de esmeralda; os medalhões em camafeus preciosos sobre pedras de tres côres nos tres planos da esculptura; as efflorescencias

phantasticas das onix, das granadas, das malaquites, das opalas; em raios como estrellas, em sobreposições como pinhas, listradas, rajadas, mosquetadas, affestoadas, zebradas com todas as seintillações do prisma.

Mais longe offerecem-se os braceletes nos seus estojos côr de lilaz. Uns são fortes e duros como os violentos desejos, outros vaporosos e finos como aspirações platonicas. Nas suas variadas formas teem physionomias, revelam temperamentos. Ha-os lascivos e ardentes, colleados em quatro roscas de um ouro fulvo, terminando n'uma cabeça de cobra esmagada por um esbraseamento de rubi. Ha-os contemplativos e ingenuos, de uma côr lymphatica, salpicados de frias e innocentes turquezas. Tambem os ha trasbordantes de uma vida farta e victoriosa, largos, rendilhados, superabundantes de cores, expansivos e triumphaes como orchestras, soprando hymnos de um enthusiasmo sanguineo, vermelho, despotico.

Em outra vitrine está a exposição das pratas: os centros de mesa representando palmeiras, á sombra das quaes se empinam cavallos em pello, que deverão parecer relinchar de amor no meio das sobremesas, entre as frutas

empilhadas geometricamente em pyramide sobre taças de filigrana e os gelados transparentes impregnados de luz, tremulos, côr de topasio; as bacias de mãos, de desenhos bysantinos *repoussés*; os jarros de forma etrusca; os assucareiros graves e concentrados como vasos de particulas sagradas; e os grossos bules barriguados e polidos, nos quaes se espelham os rostos em caricatura monstruosa, com bochechas obscenas, narizes que incham como focinhos de vitela e bocas que riem até as nuças.

»

Ao accender das luzes, ás oito horas e pouco depois, magotes compactos de espectadores estacionam defronte da vitrine das joias. Demoram-se mais as mulheres: mulheres de amanuenses e de pequenos empregados, costureiras das modistas, que saem a essa hora das officinas quando não ha serão.

Candieiros de gaz com fortes reflectores não só alumiam intensamente os objectos expostos nas vitrines, mas alumiam tambem pedaços de espectadores, em que se podem fazer exames minuciosos, de microscopio.

As mulheres magras, pallidas, que olham, teem as faces oleosas da transpiração do trabalho de 14 horas em pequenos gabinetes abafados, cheios de exhalacões mornas de roupa suja. Na mão esquerda o dedo que aponta para um colar de mil libras tem uma nodoa escura, esfarpada, produzida pelas picaduras da agulha, e o dedo polegar mostra uma unha curta atrophiada no habito de esmagar costuras. Os chapéus adornam-se com velhas flores em terceira mão, desbotadas e tristes; e das cuias, caidas sobre a mancha gordorosa que tem entre as espaldas a alpaca poida dos vestidos, sae um cheiro acido de cabellos humidos e embrulhados, em fermentação.

Dentro da loja uma bella mulher risonha que se apeou de um coupé, embrulhada em fina renda branca, debruça-se no mostrador e aproxima da mão do caixeiro que lhe segura um brinco a polpa aveludada da sua orelha carnuda, sensual, de comilona feliz.

Os espelhos dos angulos da sala e os que forram as vitrines reproduzem infinitamente para todas as direcções essa cabeça bonita envolta em renda, e mostrada ao mesmo tempo de todos os lados, de frente, de perfil, de tres quar-

tos, acompanhada sempre da mão que enfia o brinco.

As macilentas Margaridas de olhos pisados vão ver em cada noite esse espectáculo de tentação, em quanto na esquina fronteira, na Casa Havaneza, os Doutores Faustos accendem os seus charutos, e muitos diabinhos invisíveis volitam no ar dizendo segredos, deitando de fóra impudentemente as linguinhas de chamma e coçando os seus piqueninos chavelhos com frenéticas contracções aduncas, como quem se sente inteiramente cheio de phosphoro e de alacridade.

A peregrinação a Roma foi promovida pelos chefes do partido clerical com um zelo fervoroso, que acabamos de ver coroado com o mais prospero exito.

Suas excellencias annunciaram com a devida antecedencia a celebração do jubileu pontificio; facilitaram a romagem com esclarecimentos que fariam a gloria do *Guide Joanne*; conseguiram o estabelecimento de comboyos de recreio, ida e volta, preços reduzidos, de Lisboa a Roma, com escala por Nossa Senhora de Lourdes; deram os preços dos hoteis e dos restaurantes romanos, a regimen de peixe ou de carne, para as grandes bolsas, para as bolsas medias e para as pequenas bolsas; fixaram finalmente a *toilette*, explicando que as senhoras deveriam apresentar-se com vestidos de seda preta e véos de renda, e os homens de uniforme ou de casaca preta e gravata branca.

Porque — suas excellencias o explicaram — o santissimo padre não recebe senão senhoras de rendas e homens de casaca. Os peregrinos vestidos de sacco e burel, as peregrinas cingidas pela estamenha e pela corda de esparto, não sobem a escada do Vaticano. Os pés privilegiados para pisarem os tapetes do Vigario de Christo na terra são os pés mimosos e aristocraticos, calçados em escaupins de setim ou de

polimento. Os sapatos ferrados dos caminheiros plebeus, as sandalias espalmadas das peccadoras que não vem de passeiar em *victoria* ou em caleche á Daumont, de volta do Corso ou do Pincio, mas que chegam das escabrosas veredas da miseria; as alpagartas dos penitentes que vieram trilhando abrolhos sangrentos no aclave da via dolorosa, são generos de calçado expulsos pelos enxota-cães, e expulsos com os respectivos pés, porque tambem se não entra descalço no Vaticano como se entra no templo em Jerusalem, ou na mesquita de Santa Sophia em Constantinopla.

Facultados tão interessantes esclarecimentos muitas pessoas partiram a receber as benções paternaes offerecidas pelo pontifice ás rendas e ás casacas pretas do orbe christão.

*

Alguns episodios d'essa piedosa viagem são já do dominio da imprensa. Da estação do caminho de ferro de Braga saíram os romeiros entre aclamações sympathicas e vivas entusiasticos á santa religião e ao summo pontifice Pio ix. Em compensação na gare do Porto fo-

ram os mesmos romeiros acolhidos aos gritos não menos entusiasticos de «Fóra os hypocritas! fóra os patifes!» Por este ultimo successo damos a suas excellencias os nossos cordeaes parabens, porque suppomos que elles viajam com um fim de humildade e mortificação, e que lhes serão agradaveis todas as manifestações publicas tendentes a exacerbar-lhes o pungimento expurgante das duras penitencias.

Em Lourdes, refere o telegramma de um sacerdote ao jornal *A Nação*, que á vista da gruta toda a romagem rompera em pranto e se prostrára em joelhos. Devemos crêr que esta prostração fosse passageira, não só porque um telegramma subsequente nos annuncia a chegada dos peregrinos á cidade eterna, mas ainda porque em Lourdes a belleza da paisagem, a exuberancia da vegetação, o rumor das agoas, as perspectivas sombrias e flexuosas da floresta, a clara alegria do restaurante, de gelosias abertas, de *stores* desdobrados ao sol, com a sua grande taboleta *Á Notre Dame de Lourdes*, e os seus subtítulos em caracteres appetitosos *Diners à la carte et déjeuners à la fourchette*, — *grat et maigre*, tudo convida os espiritos ascetas a uma conciliação amavel com a carnalidade mundana.

Além do aspecto das coisas, as exterioridades das pessoas contribuem também poderosamente para arrancar os adventícios ás attitudes prostradas e contemplativas.

Os comboys de Paris chegam e partem cheios de alegres *touristes* de um e outro sexo.

São graciosas peccadoras com adoraveis *toilettes* de viagem; chapéus de grossa palha de fôrma aguda e aba estreita derrubada sobre os olhos, descobrindo a nuca, em que se enrolam as tranças loiras, e a nascença do cabello junto do pescoço, com os seus flocosinhos de pennugem crespa e doirada penetrada de luz; os vestidos decotados no collo em linhas quadradas como os colletes dos devotos bretões; as saias curtas deixando ver as meias de seda listradas de azul, e os sapatos de pelle de gamo atacados com correntes de aço, que telintam ao andar. Estas gentis romeiras abordoam-se a cajados rusticos comprados no *boulevard* dos Italianos, trazem ao tiracollo os grandes rosarios de contas de madeira, grossas como bugalhos, terminando em uma cruz egualmente de madeira que chega á barra do vestido,— ornato local de um pittoresco picante.

São os homens de nickerbockar de flanela al-

vadia e capacetes de sabugo envoltos em véos turcos, com uma flor de madresilva na *boutonnière*, fazendo gelar o champagne e preparando debaixo das arvores os seus jantares em *partie fine*, enquanto padres solícitos vendem a agua milagrosa, ou aos copos á bica da gruta, ou em bilhinhas de lata devidamente lacradas e selladas authenticamente, facultando na igreja recantos reservados e escusos para as applicações em banhos parciaes, ou em compressas, a orçãos enfermos que as devotas desejem submeter á cura nos proprios logares benzidos e sagrados.

*

Em cem contos é calculada a somma dos donativos em dinheiro levada pelos peregrinos portuguezes ao Santo Padre.

É valiosa na occasião presente essa contribuição, porque a historia do dinheiro de S. Pedro teve sob a gerencia do cardeal Antonelli episodios devastadores. Procurando ha annos o governo de Victor Manuel realisar uma operação bancaria destinada a equilibrar as finanças da Italia, o cardeal Antonelli, como fino rabula e zeloso ultramontano, concebeu o plano

de um *coup de bourse* destinado a combater as intenções do governo italiano provocando uma descida que impossibilitasse a emissão de novos fundos. Para este fim o astuto financeiro vendeu em massa, pela baixa, os títulos da dívida italiana que a Santa Sé possuía e que representavam o dinheiro de S. Pedro. É porém perigoso, mesmo para um italiano, jogar as pedras com outro italiano. Na Italia todo o homem habil deve estar preparado para encontrar um mais habil que o logre. Foi o que succedeu a Antonelli. O seu plano foi estrategicamente contraminado pelo governo de Victor Manuel, organisando-se um syndicado de banqueiros que despedaçou a armadilha do illustre cardeal.

O dinheiro de S. Pedro convertido outra vez em metal pela operação malograda nos seus effeitos, foi então convertido em fundos turcos, operação arrojada mas tão lucrativa que promettia duplicar, em poucos annos, o capital empregado, a não ser que um caso, então imprevisto, prejudicasse o exito da transacção fazendo estalar no Oriente uma guerra inesperada.

Foi, como se sabe, o que veio a succeder desgraçadamente para os bens do Papa. De sorte que o dinheiro de S. Pedro, piedosamente

accumuladô pelos catholicos para o esplendor da Igreja, achou-se, pela mais ostranha das coincidencias, consumido em polvora por uma potencia chamada ao fogo como perseguidora dos christãos!

*

Além dos donativos em dinheiro e dos presentes em objectos preciosos, os peregrinos levaram, para offerecer a Sua Santidade, um grande album, em que vae inserida uma declaração de principios assignada por todos os romeiros. Os jornaes que nos transmittem essa noticia não nos dão o texto do documento precioso. Não temos, portanto, a ventura de saber o que suas excellencias dizem. O que deveriam dizer era o seguinte :

*

Santissimo Padre

Ha hoje quinhentos e setenta e sete annos que o primeiro jubileu da Igreja Catholica Apostolica Romana foi celebrado por um dos predecessores de Vossa Santidade, o papa Bonifacio VIII.

Esta solemnidade não tinha por fim, como o anno jubilario do Mosaismo, dar a liberdade aos escravos, fazer reverter os bens territoriaes aos seus primitivos possuidores, tornar o homem insolvel de cincoenta em cincoenta annos, e ao cabo de cada um d'esses prazos reconstituir a familia nos seus primitivos direitos, operando periodicamente aquillo que hoje chamariamos a *liquidação social*, e a que o *Pentateuco* chamava simplesmente a — *santificação do quinquagesimo anno*.

O papa Bonifacio, antigo rabula, (*quia primo advocatus*), preocupava-se pouco com as interpretações do direito; promettendo a remissão dos peccados a todos os que viessem a Roma visitar, durante trinta dias, as igrejas dos apostolos, o seu fim unico era realizar um dos seus sonhos de decrepito allucinado: inaugurar o seculo xiv com uma solemnidade unica na historia — a reunião em Roma do genero humano prostrado aos seus pés, como perante o Deus vingador no dia do juizo final, no valle de Josaphat.

N'esse tempo, Santissimo Padre, ainda no mundo existia a fé. O numero dos peregrinos que vieram a Roma foi tão grande, que chega-

ram a contar cem mil. Por fim não puderam ser arrolados. Cresciam monstruosamente como esses formigueiros da America do Sul que n'um mez minam os alicerces de um predio e aluem uma torre. Eram insufficientes para albergal-os as casas dos moradores, os hospicios, as ermidas, as igrejas. Acampavam nas ruas e nos campos suburbanos. A escassez dos alimentos e a *malaria* produziam uma infinidade de doenças. Houve uma fome e quasi uma peste. A mortalidade era enorme. Uns não regressavam mais. Outros não conseguiam chegar ao termo da romagem, e extenuados de fadiga e de fraqueza, com os pés em sangue, morriam saudando de longe a sagrada collina.

Com quanto o poder papal entrasse já então na phase de declinação que até os nossos dias devia progressivamente arrastal-o ao occaso, Bonifacio suppunha-se ainda o senhor e o arbitro do mundo. Por occasião da morte de Alberto d'Austria, tendo-se feito acclamar imperador Adolpho de Nassau, o papa Bonifacio tinha posto a corôa na cabeça, tinha brandido uma espada, e do alto do monte Aventino havia bradado: «Eu é que sou o Cesar! eu é que sou o imperador!»

Era elle ainda que na bulla *ausculta filii* tinha escripto estas palavras supremas: «Deus collocou-nos, apezar de indigno, acima dos reis e acima dos reinos, impondo-nos o jugo da servidão apostolica para arrancar, destruir, dispersar, dissipar, e para edificar e plantar em seu nome e segundo a sua doutrina.

No dia do jubileu, para celebrar a cerimonia de bater com o malhete de prata e de desmoronar o muro com que se veda para esse fim uma das portas de S. Pedro, o Papa appareceu á multidão prostrada e atravessou pelo meio d'ella, vestindo as insignias imperiaes, levando adiante de si a espada e o sceptro sobre o globo do mundo, symbolo da monarchia universal, enquanto um arauto proclamava: «Aqui vão duas espadas. Pedro, eis o teu successor. Christo, eis o teu vigario.»

Os peregrinos que haviam conseguido visitar os tumulos dos apóstolos, cujas columnas são feitas com o bronze subtraído da abobada do Pantheon, os que haviam chegado a receber com a benção apostolica a absolvição das suas culpas, regressavam á familia encanecidos, alquebrados, assombrados para o resto dos seus

dias, como os tocados de raio, pelos aspectos collossaes da tragica Roma, pela historia do seu passado, semi-vivo ainda nos monumentos destroncados da edade republicana e da edade imperial, pelas visões portentosas de um mundo extincto que lhes haviam apparecido como tremendos phantasmas, na arcaria dos aqueductos truncada a espaços como os élos partidos de um enorme grilhão estendido na vasta campina; nos banhos de Caracala; nas dispersas columnas corinthias; nos obeliscos egypcios; no Capitolio convertido em *Colina das cabras*; no *Forum* transformado em *Campo das vaccas*; no Coliseu, finalmente, com as suas tres ordens de columnas doricas, jonicas e corinthias, monumento collossal, em que trabalharam doze mil captivos, em que cabiam cem mil espectadores e em que não ha uma pedra que não corresponda a uma golfada de sangue de um gladiador ou de um martyr.

Os peregrinos regressados n'um vago estado de somnambulismo, como aluados, haviam porém levado do jubileu uma consoladora lição: haviam desaprendido de viver, mas tinham-lhes ensinado a morrer tranquillos na esperança doce e firme da bemaventurança promettida. O que

era porém o mundo, Santissimo Padre, n'esses tempos remotos e sombrios em que os homens eram isto?

Em Paris e em Londres as casas eram feitas de madeira ou de lama endurecida, com tectos de canas. As ruas eram montões de immundicia em fermentação miasmatica. O uso de banhos tinha desaparecido. A amante de Petrarca tinha uma unica camisa. O poderoso arcebispo de Cantorbery e outros altos ecclesiasticos tinham piolhos. Os burguezes vestiam-se de couros mal curtidos, de um cheiro infecto. Os pobres cobriam-se de palha. Em muitos pontos das Ilhas Britanicas conta um papa do nome augusto de Vossa Santidade, Pio II, que não se conhecia a existencia do pão. Os trabalhadores dos campos comiam herva e cascas de arvores. E era já o seculo XV! No seculo XI, por occasião de uma fome, vendeu-se e comeu-se cosida carne humana. A medicina tinha passado de moda, desprestigiada pelos padres. Tinham-a substituido as penitencias, as promessas aos santos e as viagens ás ermidas. As reliquias faziam as vezes de pharmacias. As pestes afugentavam-se não com medidas sanitarias, mas com preces. Para curar os males da humanidade, conta Dra-

per que varias abbas possuam a corôa de espinhos do Salvador ; onze igrejas conservavam a lança que trespassou o sacratissimo lado ; nas guerras santas os Templarios vendiam como panacêa universal garrafinhas de leite da Virgem Maria ; em um mosteiro de Jerusalem guardava-se n'um relicario um dedo — do Espirito Santo. A chuva e o bom tempo determinavam-se com orações. Era igualmente com orações que se combatiam os eclipses e as trovoadas. O cometa de Halley foi exorcismado e enxotado do céo pelo papa Calixto III, que o amaldiçoou em nome de Deus.

N'esse estado das coisas e n'esse estado dos espiritos um serviço enorme foi inconscientemente prestado pelo papado à civilização e à humanidade. Das peregrinações à Roma pontificia saíram as duas maiores revoluções do mundo moral : do jubileu do principio do seculo XIV saiu Dante com a *Divina Comedia* e a reconstituição do direito pelo sentimento ; do jubileu do seculo XVI saiu Lutero com a *Reforma* e com a liberdade do pensamento humano. *Alea jacta erat !*

Desde então até hoje, Santissimo Padre, que serie enorme de revoluções successivas e in-eruentas, determinadas pelo livre espirito do homem, cortando lentamente a corrente tenebrosa das perseguições, boiando sempre progressiva e sempre victoriosa sobre o oceano de sangue e de puz com que a superstição ecclesiastica e o auctoritarismo monarchico procuram debalde afogar o advento da nova era ! Os reis oppõem os seus exercitos ; a igreja oppõe as suas ex-communhões ; o seu inferno, em que ha o ranger dos dentes por todos os seculos dos seculos sem fim ; os seus carceres em que a lepra corroe até á medula os ossos dos condemnados ; os seus tormentos, em que ha o fogo leuto, a grelha, o forno rubro, o borzeguim que se descalça levando consigo, palpitantes, todos os musculos e todos os nervos das pernas, a pua que fura as unhas e o torno que esmaga os ossos do craneo e faz rebentar o cerebro como um abcesso espremido.

E tudo é em vão ! A sciencia intemerata prosegue, inerme e candida, sem haver feito uma unica victima, sem uma só gota de sangue deramado, sem uma só lagrima vertida ! E deante da branca visão benigna que se aproxima, o do-

gma espavorido recua mais profundamente fulminado por um simples raciocinio humano do que nunca o foi a mais fraca das almas deante da colera implacavel e infinita dos deuses immortaes.

Tudo quanto atravez de toda a historia moderna a auctoridade tem procurado conservar pela força se tem fatalmente destruido pelo tempo. O que a auctoridade e a força têm conseguido é unicamente atrazar o movimento intellectual, determinando os longos periodos estacionarios da humanidade. Pelo contrario tudo quanto a sciencia iniciou se transmittiu de idade em idade, se desenvolveu, se relacionou, se perpetuou. Nem uma unica semente lançada á terra pelo trabalho e pelo estudo deixou ainda de vingiar e de frutificar em resultados decisivos de tolerancia, de paz, de liberdade e de justiça.

Na astronomia, na physica e na chimica, na geologia, na meteorologia, na zoologia, na medicina, na philologia quantos descobrimentos novos! E cada novo descobrimento é uma conquista nos dominios da Igreja, dominios que ella successivamente cede na mesma proporção em que a sciencia caminha.

É um novo diluvio aquelle de que a histo-

ria do pensamento humano nos offerece a imagem caudalosa e tremenda. A inundaçãõ espraia-se no vasto campo da theologia, e vemos ao longe, fugindo desgrenhadas, as ultimas superstições, medonhas como os grandes monstros pre-historicos que vão ser traggidos pela vaga.

Cançada de combater a theologia finalmente rende-se. Tendo perseguido Galileu, Giordano Bruno, Savanarola, Averroes, Luthero, tendo combatido todos os iniciadores de um novo systema do universo ou de uma nova comprehensãõ dos destinos do homem, a Igreja vê apparecer Darwin, e nem se quer tenta lutar!

O transformismo, revelado por Lamarck, suscitado um momento na Academia Franceza sob a auctoridade funesta de Cuvier, é finalmente definido e promulgado, e todo o immenso edificio theologico da creação do mundo e do homem cae aluido pela lei da adaptaçãõ e da seleçãõ natural na luta pela existencia.

A's grandes revoluções nas sciencias physicas e naturaes succederam-se modificações equivalentes nas theorias e nas praxes da vida social, na economia, na administração, na politica, no

sentimento, na critica, na poesia, na arte, na moral e na propria religião.

Da philosophia zoologica de Darwin sae um Deus como religião alguma tinha até hoje tido o poder de concebê-lo, o unico Deus compativel com a noção da sabedoria infinita. Segundo os systemas da criação anteriores ao transformismo, e adoptados pela Igreja, Deus era o auctor de um universo que elle successivamente revia e emendava, depois de cada um dos cataclismos que passavam por cima da sua obra, como passa uma esponja sobre uma operação incorrecta. Segundo a theoria darwiniana, experimentalmente demonstrada e contraprovada pelos mais sabios analysadores, Deus não revê, Deus não corrige, Deus não se emenda, Deus não se aperfeiçoa sendo assim perfectivel e portanto imperfeito, como fatalmente deveriamos admittir que o era aceitando a doutrina do Genesis e a critica paleontologica de Cuvier e de todos os adversarios de Lamarek de Goethe, de Darwin e de Haeckel.

As especies extinctas não foram cortadas pelo Creador no livro da terra como por meio de um signal posto á margem na prova de uma segunda edição.

Os órgãos rudimentares dos animaes, os órgãos que não têm função, deixaram de ser exerecencias de stylo inadvertidas pelo auctor ou empregadas por elle com um intuito de ornato rhetorico. Se o homem, por exemplo, tem em estado rudimentar e na atrophia de uma inercia de milhares de seculos, uma cauda indicada pelas suas vertebraes falsas, se tem mamillas sem amamentar, se tem utero sem conceber, se tem um segundo estomago sem ruminar, escusamos já hoje de explicar estes factos por um descuido indolente ou por uma emphase premeditada na confecção do nosso organismo. A evolução genealogica de todos os seres e a sua procedencia de um tronco ancestral commum, descoberta e provada pela lei de Darwin, basta para nos explicar cabalmente todas as apparentes anomalias da creação sem quebra da infalibilidade suprema.

Assim o Deus revelado ao mundo pelos modernos philosophos theistas é o unico Deus omnipotentemente sabio, o unico Deus verdadeiramente divino, porque não procede na obra da creação por emendas, revisões successivas, reedições augmentadas e correctas, como o Deus theologico : Elle cria a vida no atomo primitivo

vogando na immensidade, deixa cair a cellula primordial nas profundidades fecundas do Mar Tenebroso e ordena-lhe que se desenvolva dentro de uma lei prefixa. Depois do que não só não descansa, não só não revê, não só não modifica, mas nem sequer espera, porque infinito Elle mesmo, e prehenchendo o infinito no espaço e o infinito no tempo, possui em si proprio, completa, a infinita evolução.

Surge finalmente invencivel na sociedade contemporanea um novo poder temporal, o poder da industria, e um novo poder espiritual — o poder da consciencia na comprehensão da solidariiedade humana.

Vae pois longe, decorrida ha muitos annos a idade ingenua em que o genero humano acreditava na virtude das peregrinações aos santos logares!

Compare Vossa Santidade a primeira e a segunda cruzada com esta que nós outros, portadores do album em que escrevemos estas linhas, acabamos de emprehender e de levar a cabo em comboyo de recreio de ida e volta, a preços reduzidos, guiados pelo padre Conceição Vieira, um sacrista, e pelo Pedro de Alcantara, um

grotesco! E estes dois sujeitos são quanto pudemos obter como successores de Pedro Eremita e de Godofredo de Bulhões.

Somos noventa e nove, de um paiz de quatro milhões de habitantes, o menos instruido de todo o orbe christão, aquelle em que por mais tempo vigorou, com detrimento do nosso senso commum e um pouco tambem da nossa pelle o despotismo da inquisição e do direito divino. Isto ainda assim não obsta porém a que deixassemos na patria tres milhões novecentos mil novecentos e um individuos que não quizeram vir, perdendo assim a indulgencia plenaria e deixando de resgatar as suas almas das penas eternas a troco da modica quantia de dezeseis libras, ida e volta, em segunda classe!

Porque elles entendem — principalmente depois que o fogo do Santo Officio deixou de afevorar-os — que não é facil despir os peccados como se despe um collete de flanela, descalçar a culpa como se descalçam as chinellas de trazer no quarto, e pendurar a responsabilidade como se pendura a *robe de chambre* para envergar a *toilette* redemptora de uma viagem a Roma.

Parece-lhes que o Diabo não é tão tolo como alguém o presume, e que, se elle tiver, por exem-

plo, a idéa de filar o padre Conceição Vieira ou o padre Marnoco para os referver no caldeirão destinado á classe ecclesiastica apanhada em peccado, não será porque os mesmos Conceição e Marnoco lhe digam que estão afivelando a chapeleira para ir buscar as indulgencias a Roma, que o Diabo crusará os braços e deixará escapar-lhe sob essa evasiva, aliás engenhosa, uma tão interessante presa.

Estão profundamente convencidos — os herejes! — de que, acima da auctoridade dos pontifices, que teem o poder de resgatar as culpas e de franquear a entrada no reino dos céos, está um outro poder mais alto — o poder da incorruptivel consciencia, segundo o qual não é pelas romagens divertidas nem pelas orações automaticas, nem pelas estereis penitencias, mas sim pela simples pratica do dever, austero e inilludivel, que cada um se affirma como verdadeiro justo.

Acham ridiculo um céo em que tenha de sentar-se, glorioso e triumphal, á mão direita do Deus da Justiça, um padre Marnoco — simplesmente porque obteve as indulgencias no jubileu pontificio, em quanto á mão esquerda fique ardendo nos tormentos eternos um Lincoln, que

pacificou a America, que deu a paz a tres milhões de negros e que, depois de uma vida toda consagrada á justiça e á abnegação, entrou finalmente na eternidade pela porta do martyrio, coberto com a benção da humanidade e com a benção da historia, mas sem a benção dos papas.

Santissimo Padre! estas convicções profundas d'aquelles que não vieram a este jubileu, não podemos deixar de vos dizer n'este album, — como seriam forçados a dizer-vol-o, se estivessemos áos vossos pés n'uma confissão geral, humildes e contrictos, batendo nos peitos, — estas convicções dos que não vieram são tambem no intimo das nossas almas as convicções de todos os que nos achamos aqui, quer chegados das occidentaes praias lusitanas, quer procedentes de qualquer outra região do globo.

E a evidente prova de que a nossa fé está irremissivelmente apagada e precisa de se reconstituir em novas bases, é que, no tempo em que o papa era o imperador e o Cesar, no tempo em que elle brandia uma espada de justiça e de guerra, meio milhão de homens rojados aos seus pés estariam prontos a recommençar as guerras santas ao seu minimo aceno.

Hoje vós proclamaes que sois captivo, que sois ultrajado, espoliado, perseguido, e entre todos os que vos trazem offertas não ha um só que seja capaz de derramar o seu sangue para vos restituir a liberdade que dizeis perdida e o poder que dizeis violado ! Beijamos devotamente o vosso pé sacrosanto ; depois do quê, em vez de enristarmos uma lança, vimos para a rua com as mãos nos bolsos e um charuto nos beiços vêr desfilar em pelotões marciaes os esveltos *bersaglieri* da Italia unificada.

Debalde nos dizeis que «os pedreiros livres atacam a religião e chamam os catholicos a combater.» Os pedreiros livres são bem lastimaveis se não teem mais nada que fazer do que chamar-nos ao combate ! A verdade não se alimenta com sangue, alimenta-se com principios, e não necessita de victimas, necessita unicamente de razões : é precisamente n'isso que ella se distingue do erro e da mentira.

Se os pedreiros livres querem por força combater, a resposta mais sensata ao seu convite aos catholicos é mandar-lhes um medico que os sangre e lhes prescreva os debilitantes. Que os senhores pedreiros tenham a bondade, antes de nos reptar ao combate, de experimentar a dieta!

Emquanto á guerra, não ! Oh ! não ! Esse é um privilegio dos reis. Hoje só os reis, e algum tanto tambem os diplomatas, é que fazem as guerras. Por uma razão muito simples : é que só elles as pódem fazer por um modo exclusivamente verbal,—mandando partir os seus exercitos.

Quando os exercitos se lembrarem de mandar partir adeante os reis e os diplomaticos, teremos então firmada para todo sempre a paz geral.

Concluindo pois, Santissimo Padre, dignae-vos de lançar-nos a vossa benção e de nos permittir que a transmittamos a todos os nossos concidadãos, que saberão devidamente presal-a sendo enviada por quem é, como vós, um ancião veneravel, cuja longa vida é para todos os que trabalham e para todos os que soffrem um nobre exemplo de constancia nos principios, de firmeza na luta e de resignação na derrota.

Sua alteza o principe real, herdeiro presumptivo da corôa, acaba de tomar a primeira communhão.

Comparecendo pela primeira vez no tribunal da graça aprendeu sua alteza a theoria do resgate da culpa pela penitencia.

A familia real e a côrte reuniram-se solememente no templo para verem ensinar a esse menino por que methodo facil os reis podem deixar na terra o oprobrio e enfiarem no entanto para o ceu o mais candido vôo, alados pelos anjos que, ao som da musica da real capella e ao signal da benção lançada pelo sacerdote, baixam aos reaes paços a pegarem ao collo nas almas dos principes devidamente desobrigados.

Dizem todos os jornaes que foi extremamente edificante e commovente esse augusto espectáculo.

*

Para ministrar ao principe a sagrada eucharistia foi chamado expressamente do Porto o sr. bispo D. Americo.

Parece-nos — comquanto não ouzemos dizel-o sem uma reserva profundamente timida — que sendo a communhão um acto puramente

religioso, seria talvez mais consentaneo com a humildade christã que o sr. bispo D. Americo não fosse chamado, que se não fizesse da pratica de um sacramento uma distincção aristocratica, e que sua alteza commungasse simplesmente como os demais christãos na igreja da sua freguezia e pelas mãos do seu parochio.

Poderão objectar-nos que, não comprehendendo as abluções do rito senão as pontas dos dedos no sacrificio da missa e sendo as *douches* applicadas unicamente aos sacerdotes pelo bico de um galheta, ha parochos que, por não ultrapassarem as prescripções liturgicas teem nas suas lobas tantas nodoas como botões, e não sómente cheiram penetrantemente ao fumo do incenso e ao murrão dos cirios, mas cheiram tambem algum tanto a saes ammoniacaes e a uréa, d'onde poderia resultar que no banquete eucharistico a qualidade da baixella desgostasse o principe da pureza mystica do manjar.

A essa objecção respondemos que seria mais economico e talvez mesmo mais efficaz para remedio do baixo clero que, em vez de se mandar vir o sr. D. Americo, deslocando-o dispêndiosamente da sua diocese com os seus famulos e a sua mitra, se mandasse chamar simplesmente o sr. Cambournac.

Porque — acreditem-o — não é com a presença do illustre e correcto bispo portuense, nitidamente barbeado, perfumado pelo uso de bons comesticos, com bellas meias de seda escrupulosamente esticadas por um destro *valet de chambre*, com fina roupa branca e lustrosas unhas esmeradamente limadas e polidas, não é com exemplos que deslumbram que se ha de obstar á decadencia das nossas batinas. Ellas em Portugal não querem por emquanto exemplos. O que ellas querem é directamente benzina.

*

Se, porém, se entende definitivamente que á mesa da communhão devamos nós os catholicos aproximar-nos por cathogorias e por classes, como á mesa dos paquetes, então pedimos uma tarifa para regularisação do serviço ecclesiastico. Que a Igreja nos diga definidamente quem são os passageiros da terceira classe que comungam na tolda com a marinhagem e quaes os escolhidos com direito a receberem a communhão á mesa do commandante!

*

Depois da cerimonia religiosa, accrescentam os jornaes, que fora servido no paço um opiparo

almoço aos dignatarios da côrte e ao alto clero. Esperamos que o sr. patriarcha fazendo aos poderes temporaes o duro sacrificio de não cumprir o preceito jejuando, pozesse ao menos a condição de que a sua costelleta fosse de bacalhau !

A narração feita pelo capitão Cameron da sua viagem no continente africano veio levantar em Portugal, entre alguns incidentes, a seguinte questão :

O que devemos fazer para manter por meio de medidas civilisadoras o dominio das nossas colonias ?

Para isto ha uma unica resposta :

Para dominar o que se deve fazer é crear faculdades dominantes.

Quem tem força para dirigir manda ; quem a não tem serve.

A escola dos grandes exploradores e dos colonisadores é a escola da força nos individuos. Quando Stanley deu pela primeira vez conta em uma conferencia em Londres, da viagem que fizera em procura de Levingstone o argumento que mais convenceu o publico de que o conferente não era um simples phantasia foi a expressão energica da sua figura agigantada, a sua saude de Hercules e os fortes pulsos com que na gesticulação elle parecia estar outra vez abatendo e supplantando de novo aos olhos do auditorio os obstaculos com que dizia ter luctado.

Deante de um retrato do capitão Cameron sentimos a mesma impressão, que explica o successo de uma empreza difficil e perigosa pela decisão e pela firmeza do que a emprehende. A physionomia um pouco espessa e dura de Cameron, o seu grosso pescoço solidamente plantado entre uns hombros athleticos são para a consideração de todos os inglezes os mais bellos attributos de raça, o mais apreciavel caracteristico de uma distincção privilegiada. Porque na educação ingleza a saude, o vigor muscular, a força physica são o objecto de um culto.

Nos collegios Eton, Rugby, Harrow, os jogos athleticos, a pella, o exercicio do remo, a carreira, o *foot ball*, o *cricket* occupam todos os dias algumas horas de applicação. Duas vezes por semana, quando menos, as aulas terminam ao meio dia para darem tempo aos exercicios physicos. As contendas entre os alumnos decidem-se ao pugilato, deante de testemunhas, com padrinhos que estabelecem as condições do combate, que amparam o vencido, que lhe refrescam com agua as contusões, porque estes encontros não terminam sem um ou outro ou ambos os contendores ficarem com um olho pisado, um dedo partido, ou um beijo esmurrado por um dos socos do adversario. Toda a creança que se exhime a liquidar n'um combate leal as suas pendencias de honra é despresada pelos seus camaradas e considerada como incapaz de vir a ser jámais um verdadeiro *gentleman*.

Do collegio passam os alumnos creados n'este regimen durante a adolescencia para as universidades, onde a mocidade se desenvolve sob um regimen igual: conhecem-se as celebres regatas no Tamisa entre as equipagens das duas universidades de Oxford e de Cambridge. Os estudantes ricos exercitam-se e fortificam-se ainda

montando a cavallo, caçando a raposa, governando a quatro. Para se tornarem vigorosos e dextros, creanças, moços, adultos, homens de quarenta e cincoenta annos, outros muito mais velhos, como por exemplo lord Palmerston, cumprem as mais severas prescripções hygienicas, submettem-se a uma alimentação especial, absteem-se de todo o excesso que prejudique o desenvolvimento systematico da musculatura. Os principaes divertimentos nacionaes são os exercicios de agilidade e de força. Ha *cricketers* que teem ido jogar partidas solemnes de Londres á Australia.

Em Lisboa vivem dois inglezes que vão frequentemente a Cintra a pé, levam as suas espingardas, passam o dia a caçar nos Capuchos e regressam á noite sempre a pé. Tripulam uma pequena embarcação com a qual teem batido em muitas apostas todos os catraeiros do Caes do Sodrê. Ha poucos dias foram ao Porto expressamente para regatar com o club d'aquella cidade. Foram vencidos pelos do Porto. Depois da regata havia uma partida de *cricket*. Um dos inglezes a que nos referimos sustentou-se no campo cinco horas consecutivas sem nunca sair do jogo. Dois officiaes a bordo

de um dos navios da ultima esquadra que esteve no Tejo partem a pé de Lisboa, pela manhã, vão a Mafra, passeiam na mata, percorrem todo o enorme edificio do convento, almoçam um bife e voltam a pé a Lisboa, chegando a tempo de estarem em um jantar de convite, á hora fixada, lavados, perfumados, frescos, com os seus uniformes de *soirée* e uma rosa de Mafra na casa da farda.

D'estes factos e de muitos outros equivalentes, que seria prolixo enumerar, deduz-se que o assumpto de uma conferencia, que não vemos por emquanto citada entre as que nos annuncia a Academia ácerca da civilisação africana, poderia intitular-se: *Da influencia do «sport» no character dos povos exploradores.*



A Academia póde muito bem civilisar a Africa pelo modo mais superiormente sabio na rua do Arco a Jesus, mas não seria talvez inteiramente ocioso o perguntar quem é que ha de ir levar aos interiores inhospitos da Africa as bases elementares d'essa civilisação. Não ha duvida que é possivel mas não é completamente inaccessivel a algumas objecções a hypothese de que

os negros se queiram desde já civilisar a si mesmos e venham expressamente para esse fim á Academia escutar. Ao passo que, por outro lado, as prelecções dos illustres academicos não se distinguem das conferencias feitas em Paris e em Londres pelos viajantes estrangeiros unicamente no facto de encararem os assumptos por um ponto de vista contrario, distinguem-se ainda pela particularidade de que os srs. Cameron e Young fizeram as suas exposições depois de chegarem, e os srs. academicos, com excepção do sr. José Horta, fazem as suas um pouquinho antes de partirem. Isto em nada prejudica o valor real da doutrina academica, que de modo algum menospresamos. O que pretendemos simplesmente notificar é que talvez não seja facil encontrar-se de pronto quem vá traduzir em bunda ao gentio de Africa a prosa eloquente e vernacula dos civilisadores inamoviveis da metropole. Não é facil encontrar esses homens, porque a raça dos nossos antigos expedicionarios abastardou-se e extinguiu-se na molleza dissoluta dos costumes modernos.

Folheem-se os velhos chronistas, examinem-se os retratos dos homens dos nossos descobrimentos e das nossas conquistas :

Alfonso de Albuquerque, aos sessenta e tres annos de idade, cercado dos desgostos mais profundos, arrosta durante cinco mezes com os estragos devastadores da terrivel dysenteria asiatica, porque — diz João de Barros — *como era fragueiro e pouco mimoso de sua pessoa só se lançava em cama quando mais não podia*. Albuquerque que em saude reunia á força physica a grande força moral da alegria — *era homem de muitas graças e motes, e em algumas melancolias leves, no tempo de mandar, soltava muitas, que davam prazer a quem estava de fóra*, — assim tocado de morte por uma enfermidade que não perdôa nunca, reúne conselho de capitães, nomeia o seu successor, põe bôa ordem em todos os negocios da administração da Índia, escreve a el-rei a famosa carta, modelo de hombridade e de independencia, cujo autographo se conserva na Torre do Tombo, despede-se do rei de Ormuz, e faz-se ao mar em um dos seus navios, onde expira, tendo fulminado a incompatibilidade das monarchias com o direito por via da conhecida phrase: *mal com o rei por amor dos homens, mal com os homens por amor do rei*.

O infante D. Henrique—segundo o mesmo João de Barros—*tinha largos e fortes membros acompanhados de carne: a côr da qual era branca e corada, em que bem mostrava a boa compleição dos humores. Tinha os cabellos algum tanto avantajados, e o acatamento (por a gravidade de sua pessoa) um pouco temeroso a quem d'elle não tinha conhecimento.*

Do conde Duarte de Menezes, a quem D. Afonso V deu a capitania de Alcacer-Ceguer, e que foi um dos heroes da Africa, diz Gomes Eanes de Azurara: «Foi este conde de baixa estatura de corpo, enformado em carnes, e de cabellos corredios, e graciosa presença, embargado na falla, e homem de grande e bom entendimento, pouco risonho nem festejador, tal que quasi do berço começou de ter auctoridade e representação de senhorio. Foi muito amator de verdade e de justiça, *mui temperado em comer, e beber, e dormir, e soffredor de grandes trabalhos, tanto que parecia que elle mesmo se deleitava em os haver, porque quando lhos a necessidade nom apresentava elle por si mesmo os buscava.* E segundo entender dos homens nem se desenfadava tanto em outra cousa,

como nos feitos da cavallaria, como aquelle que quasi do berço usara o officio das armas.»

Diriamos estar vendo colorida no stylo das nossas velhas chronicas a photographia moderna de um *sportman* da Grã-Bretanha.

Do mesmo Duarte de Menezes diz Schœffer: «O poder que tinha sobre si mesmo, a sua gravidade natural, que raras vezes interrompia por um sorriso, e sobretudo o seu juizo são e a sua alta intelligencia tornavam-o *proprio para o commando.*»

O infante D. Pedro, o que, segundo o proloquio popular, *viagou as sete partidas do mundo*, era alto e magro; diz Schœffer que a suavidade do seu olhar abrandava a impressão de receio produzida pela sua estatura e pelo seu rosto fortemente carregado; «irado tinha um aspecto que infundia terror».

Os corações eram de uma tempera inquebrantavel, hostile á sentimentalidade e á ternura. Em um combate no assedio de Alcaçer, Martim de Tavora arranca do poder dos moiros a golpes de espada o seu figadal inimigo Gonçalo Vaz Coutinho, verte para o conseguir o seu proprio sangue, arrisca eminentemente a sua

vida, e quando Gonçalo Vaz lhe pergunta como viverão d'ahi em diante, Tavora responde-lhe duramente: «Como dantes.» E a inimizade dos dois continuou inabalavel.

Os que eram dados ao galanteio das damas commoviam-as mais pela asperesa varonil do aspecto do que pela suavidade effeminada das formas.

Na lenda dos doze que foram bater-se na corte de Londres pelas damas do Palacio, o Magriço diz á loura *miss* que depois do combate ia deitar-lhe agua ás mãos: «Sabeì, senhora, que as minhas mãos, segundo as tenho assim tão grosseiras e cabelludas, poderão ser-vos molestas e temo que vos causem desgosto.» Ao que a mimosa ingleza replica fazendo sentir ao calejado e cabelludo cavalleiro que a bella mão de um homem é a que denota pelo seu aspecto, não dedicar-se ás caricias molles, mas sim aos fortes trabalhos que teem como fim a honra e como premio o amor.

O Vasco da Gama era de um porte tão esforçado e valoroso, que o rei D. Manuel, hesitante na escolha do homem a quem devia en-

tregar o commando da expedição projectada, vendo-o atravessar por acaso na sala em que ia sentar-se à mesa para jantar, determina que seja aquelle o que vá descobrir-lhe a India.

O modo como o Gama esmaga a seu bordo a conspiração dos pilotos basta para provar que D. Manuel tinha o olho prescrutante que adivinha os homens pela cara. Sacudido pela tempestade temerosa no meio de empresa de tanto risco e de tamanha aventura, quando a guarnição desalentada e espavorida pede em todos os navios da frota que se arribe, que se regresse á patria, o Gama prende a um por um todos os pilotos cabeças do motim, carrega-os de ferros, encarcera-os no porão, intima-os a que lhe entreguem «quantas cousas tinham da arte de navegar» sob pena de os enforcar a todos, e havendo na mão as cartas que os deviam orientar na volta, lança tudo ao mar, exclamando: «Olhae que não tendes mais mestres nem pilotos nem quem vos ensine o caminho de hoje em diante. A Deus vos encommenda e pedi misericordia, e a mim de hoje ávante ninguem me diga que arribe; porque de mim sapei certo que, se não achar recado do que venho buscar, não voltarei nunca mais.»

Ao que a guarnição se submetteu com a docilidade de quem não tinha senão dois caminhos que escolher n'aquella viagem :— o da India ou o da morte.

O proprio Camões, o immortalisador das façanhas d'essa velha raça, era elle mesmo um forte, um destemido, um lord Byron da Renascença. Os seus costumes de audaz espadachim e de famigerado tranca-ruas crearam-lhe na India conflictos arriscados, de cujas ameaças elle sorria dizendo : que só era vulneravel pelas solas dos pés e que estas ninguem lh'as vira nem havia de ver.

Em todas as altas figuras do nosso grande seculo se patenteia o typo expressivamente caracteristico de uma forte raça privilegiada, hoje extincta.

A Europa sahia apenas do regimen feudal. Conservavam-se vivas no coração de todos os fidalgos as tradições da cavallaria. Os besteiros de conto eram apenas uma debil tentativa do que deviam vir a ser mais tarde os nossos exercitos permanentes.

Os grandes vassallos defendiam os seus foros

com numerosas lanças, e nos prasos em que não serviam o rei e a patria batendo-se com inimigos estrangeiros, adestravam a mão em sortidas e escaramuças intestinas. Quando não combatiam monteavam.

Tinham a educação da guerra, a experiencia das aventuras arrojadas e das duras privações.

Os divertimentos publicos eram ainda os jogos guerreiros: o *tavlado*, um exercicio de força, e as *canas*, um exercicio de destreza.

*

A moderna educação portugueza esterilizou a sociedade para o fim de gerar homens proprios para as lutas do trabalho nas regiões inelementes em que é preciso arrostar com a fadiga, com o sol tropical, com as febres dos rios podres.

Os cidadãos que em Portugal recebem alguma cultura de espirito sacrificam-lhe de tal modo o seu desenvolvimento physico que não só não podem levar a sua influencia e a sua dominação intellectual ao interior da Africa, mas nem sequer a levam de Lisboa a Cascaes se lhes suprimirem as facilidades do rebocador ou do carrão.

Sabemos que ha excepções, mas essas constituem uma vantagem pessoal de poucos individuos, e não uma feição do paiz.

Na Inglaterra pelo contrario o *sport* está na mesma alma da nação, completa o caracter do paiz.

O principe de Galles readquiriu depois da sua ultima viagem a popularidade que antes d'ella tendia a fugir-lhe. O simples facto de ter penetrado na India e de ter caçado as feras a tiro com risco de vida é um dos seus mais poderosos titulos á estima publica. O *sport* é na Inglaterra uma especie de religião. O inglez bem educado atravessa a Africa por fanatismo. Simplesmente para a ter atravessado, e para ter a gloria incomparavel de o poder referir ás sociedades sabias de geographia, de zoologia, de botanica, de meteorologia, de anthropologia, aos differentes clubs dos caminheiros da Inglaterra, da França e da Suissa, deixando a enorme distancia atraz de si os seus compatriotas de curto folego que apenas subiram ao Monte Branco ou percorreram a pé os Pyreneus.

Ora sem esse fanatismo e sem esse enorme ecco na opinião e na popularidade não ha paiz que se possa medir com a empresa enorme de

explorar e de civilisar as regiões selvagens. São insufficientes para esse fim todos os esforços do governo, das sociedades geographicas, das academias e de todas as aggregações artificiaes de alguns indivíduos; é preciso que o grande impulso parta do genio colectivo do povo.

*

O povo portuguez não está creado para esses movimentos energicos. Era uma raça audaz, entusiasta e forte. Preverteram-a com duzentos annos de uma educação dogmatica e de uma disciplina fradesca.

Estamos como o filho de um homem que herda um estaleiro em que o pae fazia navios e em que elle para sustentar a fabrica tem de brandir um machado e de talhar madeira durante dez horas por dia. Ora esse filho é um anemico, que não pode com a sua *badine*. O que ha de fazer? Restaurar a sua constituição ou vender o machado e ir tossir para o Martinho.

*

Contra os agentes da dissolução em que cahimos uma ou duas vezes em todo o paiz protestam — o que até o dia de hoje 15 de junho, ás

11 horas e meia da noite, tem sido completamente inutil. Deitam-se abaixo livrarias, enegrecem-se com prosa official resmas de papel da Abelheira, abrem-se conferencias publicas, organisam-se expedições, — tudo para dar a entender ao mundo que somos um povo forte. E no entanto o povo continua nas condições de abatimento em que estava, as quaes não podem tornal-o proprio para o dominio, mas sim para a servidão.

Vimos já, ligeiramente esboçado, o quadro da educação inglesa. Vejamos o espectaculo correspondente na nossa organização social.

Olhem ao domingo e á quinta feira para um dos nossos collegios de educação em passeio na baixa. Uma fieira de pequenos macilentos e enfesados, encarreirados a dois de fundo, vestidos de preto ou com falsos uniformes de guardamarinhas, vigiados por dois padres. Que differença dos collegiaes inglezes, com os seus chapéus de palha, a blusa de flanela, o calção curto, a meia de lã, correndo livremente nos campos, com os grossos sapatos cheios de lama, em plena liberdade, entregues a si mesmos, responsaveis pelos seus actos, conscientes do seu direito e do seu dever como pequenos republicos!

Em Portugal um cão fraldiqueiro pode andar sem perigo pelas ruas, sabe-se governar, sabe-se dirigir, sabe morder, sabe voltar para casa; um joven racional de dez ou doze annos, dos quaes cinco de escola sob a pressão dos compendios do sr. João Felix, não aprendeu nada d'isso, e precisa de um padre ou d'um aguadeiro que o leve pela mão para atravessar a rua!

Essa miseravel creatura tem uma mão que o não deixa saltar para que não quebre as pernas, que o não deixa trepar para que não quebre a cabeça, que o não deixa metter-se na agua fria para que não se constipe. Era melhor que elle tivesse quebrado uma perna uma vez, que tivesse rachado a cabeça quatro, e que se tivesse constipado dezeseis, e houvesse aprendido assim a ser um principio d'homem, do que não ter passado por nenhum d'esses desares e ser unicamente um lamentavel boneco, medroso e covarde, que um gaiato, creado na lama da rua e tendo metade da idade que elle tem, pode impunemente encher de bofetadas nas duas faces e estofar de ponta-pés em todo o resto do corpo, servindo-se para isso dos membros que não quebrou, nem a trepar, nem a correr, nem a deitar-se de mergulho ao ribeiro, apezar dos

perigos previstos pela mãe do molestado.

O primeiro acto da vida civil d'esse sujeitinho consiste em metter empenhos para ser approvedo em instrucção primaria.

A primeira gloria da sua existencia consiste em se considerar tão importante personagem que sahio approvedo com dez valores, apesar de ter passado a metter os dedos pelo nariz e a explorar exclusivamente esse orgão todo o tempo destinado a aprofundar concomitantemente as doutrinas do sr. Felix.

No anno seguinte começa a estudar as linguas e a fumar cigarros ás escondidas.

Penetra finalmente na rhetorica e na leitura dos romances, em que passam visões de mulheres que o tornam cada vez mais amarelo.

Chega da côr de uma cidra ao fim do curso dos lyceus, tendo, além de todos os preparatorios, mau halito, as pernas cambadas, a espinha torcida, algum tedio da vida e muita caspa.

Matricula-se então na faculdade de direito na universidade de Coimbra e o primeiro effeito dos estudos superiores sobre a sua cabeça é augmentar-lhe a caspa.

Depois a vida academica absorve-o e elle percorre toda a escala das nobres loucuras de

uma mocidade espirituosa e vivaz: empenha as piugas, toca o fado, dá canelões nos caloiros, espanca os burguezes, faz algumas canções «gri-voises», entorna o mólho das ceias pelo peito da batina, e regressa a Lisboa bacharel formado.

Tem vinte annos e fez vinte exames. Para eada exame pediu protecção a tres individuos; —pediu protecção e pediu feriados; pediu humildemente, inclinado, arrastando a capa, retirando-se ás arrecúas como uma péga assustada, sorrindo com um agrado pusilanime:— Sr. doutor, imploro submissamente a valiosa protecção de v. ex.^a! .. Sr. doutor, criado de v. ex.^a!... Criado de v. ex.^a! ex.^{mo} sr. doutor...

O espinhaço do bacharel traz feita de Coimbra a curva servil do pretendente do Terreiro do Paço.

O que na universidade pedia, em Lisboa requer. É apenas a mudança de nome: «— Sr. ministro, imploro submissamente a protecção de v. ex.^a... Criado de v. ex.^a, sr. ministro... Ex.^{mo} sr. ministro, humilde servo de v. ex.^a...» E sae ás arrecúas dos gabinetes dos ministros como saía dos gabinetes dos lentes, dando-se o ar lastimoso de um cão pelludo ao emergir da agua, com o seu velho sorriso deploravel, ane-

diando a copa do chapéo com o canhão da sobrecasaca.

Depois de ter cambado os tacões de cinco ou seis pares de botas nos passeios por baixo da arcada das secretarias, o bacharel alcança o que deseja. Um ministro despacha-o—para se ver livre d'elle. Consegue ser empregado publico ou candidato governamental por um circulo do continente ou do ultramar.

Desde então as engrenagens do machinismo official apoderam-se d'elle para nunca mais o largarem. É um escravo. Perdeu a personalidade. Pertence á grande legião. Vae para onde ella for, diz o que ella disser, pensa o que ella pensar, dentro de limites intransitaveis, na distancia prefixa do cepo a que o amarraram.

É assim que uma quantidade innumeravel de individuos que formam a classe dirigente vivem d'este cuidado unico: O cuidado de se não comprometterem. Nunca mais dizem o que sentem. Nas suas idéas, nas suas opiniões, na sua linguagem, tudo é riscado pela pauta official. Se alguma vez do fundo do nojo que suscita esta dyspepsia moral lhes vem á bocca uma verdade, engolem-a para baixo como o caroço de uma fruta prohibida.

Como pelo desdem do trabalho vivem n'uma estreiteza pecuniaria visinha da miseria, muitos se lançam á caça do casamento rico, e, vexando-se de ser tecelões ou ferreiros, não se vexam de casar por interesse, e acceitam para toda a vida a intimidade indissolúvel de uma mulher feia, estúpida, malcreada, sem espirito de ordem, sem methodo, sem a dignidade do conforto e do aceio domestico, — a viva negação de todas as condições que tornam a casa feliz e a familia amavel.

É d'esses consorcios sem idealidade e sem amor, contraídos fóra da mutua dedicação que completa o homem pelo seu par e cria o verdadeiro individuo social duplicadamente corajoso, digno e forte, que saem os filhos dissolutos, os jovens cynicos, desdenhosos das affeições honestas, hostis a todos os sentimentos de familia, cujos nobres encantos nunca aprenderam a conhecer e a estimar.

D'esses consorcios procedem tambem as meninas futeis e pretenciosas, frageis entes inúteis, a que falta a condição essencial da nobreza e da dignidade da mulher — a comprehensão do *ménage*, o culto do santuario domestico. Ellas refugiam-se da convivencia antipathica

da sua familia, constituida sem bases organicas, na religião, ou, para que o digamos no termo mais preciso, na *igrejice*, e na leitura dos romances sentimentaes. A *igrejice* e o romance são os dois pólos da sua vida moral.

Como qualquer d'essas meninas desconhece completamente a arte de cultivar e desenvolver os seus encantos de espirito e de character, um instincto de aperfeiçoamento, desencaminhado pela educação, leva-a ao cultivo do trapo como um fim de superioridade, e arroja-a no lastimavel fetichismo dissipador da moda.

Ignora completamente todas as artes que constituem os elementos da felicidade conjugal e que só por uma grande pratica e por uma longa tradição se aprendem: a arte de se fazer bella pelo simples modo de atar uma lita, de pôr em si uma flor, pela maneira de coser, de caminhar, de se sentar n'um *fauteuil*, de pegar no talher, de estar á mesa; a arte de dirigir a cozinha, de organizar a alimentação, de extrair da sua chimica a alegria e a saude dos seus commensaes; a arte de arranjar a casa, de lhe dar physionomia, de a obrigar a mostrar talento, a exprimir idéas, a ter quasi conversação, fazendo respirar como coisas vivas nos armarios

as pilhas perfumadas da roupa branca, sorrir nas prateleiras da casa de jantar o esmalte das loiças e o estanho reluzente das tampas das canecas, estenderem-nos os braços as cadeiras do salão, e solicitarerem-nos a permanecer a côr dos cortinados, o tom dos estofos, o assumpto dos quadros, a collocação dos moveis, a gradação da luz, a frescura do ar, a nitidez geral do aceio e a sabia disposição dos livros e dos jornaes sobre o panno da mesa.

A menina em semelhantes condições de inutilidade raramente se casa, ou se desquita do marido se algum dia o vem a ter. As suas inclinações romanescas e doentias chamam-a para beata. De resto é essa talvez a sua melhor maneira de ter um fim, porque, enquanto a ser mãe, prohibe-lh'o physica e moralmente a accumulada estreiteza do coração e dos ossos.

Taes são, no character dos individuos de um e outro sexo, os frutos da educação portugueza na classe mais preponderante da sociedade, aquella que fórma a opinião e determina as tendencias do espirito publico. Com semelhante estado é irreconciliavel o genio explorador, a tendencia para as viagens entre povos barbaros e finalmente o poder de dirigir e de dominar.



Como colonisadores temos apenas uma vantagem sobre os outros povos europeus: a sobriedade, que permite aos nossos operarios alimentarem-se com a simplicidade d'esses chins cuja concorrencia, pelo simples facto d'elles se satisfazerem não comendo senão arroz e não tendo outra baixella senão dois paus, faz tremer todos os trabalhadores do mundo.

Mas esta grande virtude de raças inferiores, caracteristica principalmente dos nossos operarios do Minho e de Traz-os-Montes, é insufficiente para nos conservar o dominio de extensos territorios, que se não arroteiam para a civilisação senão pelo esforço combinado de altas faculdades administrativas que não temos, de uma grande robustez physica que tambem não temos, e de um enthusiasmo impulsivo e desinteressado, tirado de uma grande corrente nacional das mesmas idéas e das mesmas convicções, o qual egualmente nos falta.



Nenhum phenomeno mais expressivo da nossa anarchia administrativa e da nossa abdicação governamental do que o estado da nossa marinha.

Em todo o paiz colonial e maritimo a industria da pesca é a escola em que se iniciam os marinheiros. A pesca é a infancia da marinha. A Hollanda comprehendeu admiravelmente essa verdade, e a industria piscatoria é desde muitos annos objecto dos cuidados e das attensões mais desveladas por parte do governo hollandez, cuja marinha é hoje florentissima. Essa marinha constituiu-a a Hollanda attraíndo, com grande augmento de salarios, os pescadores biscaynhos que iam á pesca da baleia ao cabo de Finisterra.

As pescarias no mar largo, como a da baleia e principalmente a do bacalhau, são particularmente favorecidas por todas as nações maritimas com grandes premios conferidos pelo estado. É na classe numerossima dos tripulantes de milhares de navios empregados nas chamadas *grandes pescas* que se recrutam os marinheiros das armadas europeas.

O governo francez protege, com grandes subsidios na armação dos navios e com avultados premios sobre o pescado importado, as suas pescas do bacalhau, cujo producto augmenta extraordinariamente os recursos alimenticios do paiz, elevando-se o seu valor em dinheiro á

somma de 17 milhões por anno. A pesca do bacalhau emprega em França 400 navios e 12 mil marinheiros.

Um facto bem notavel e digno de ser ponderado pelos legisladores portuguezes é que a prosperidade e o progresso da França teem sido marcado, como a temperatura em um termometro, pelo desenvolvimento ou pela estagnação das suas grandes pescas ! No tempo da emancipação communal a pesca do bacalhau desenvolve-se enormemente; cae com a corrupção monarchica do regimen despotico; revive deante das medidas legisladas pela Revolução.

Talvez o governo ignore as condições em que actualmente se tributa o sal que os pescadores francezes nos compram com destino ao seu bacalhau. Os navios francezes que vaem ao nosso porto fornecer-se d'esse genero fazem fiscalisar o seu carregamento pelo respectivo consulado; o consul francez remette ao seu governo a nota dos moios de sal carregados em Lisboa e cujos direitos de importação em França são pagos no porto d'onde o navio partiu pelo proprietario responsavel por este imposto. D'este modo evita-se todo o contrabando na importação do sal: os direitos estão pagos na razão de 50 centimos

por cem kilogrammas. Quando porém o navio que carregou em Lisboa volta a França com o sal empregado nos bacalhaus que pescou, o governo restitue-lhe os direitos anteriormente percebidos, não já na razão de 50 centimos por cada cem kilogrammas de sal, mas sim na de 43 francos por cada cem kil. de bacalhau. É assim que na questão de um simples imposto se revela o plano de um paiz para o qual a administração tem um fim de progresso.

Portugal possui no mar dos Açores, segundo a asseveração de varios navegantes, um banco de bacalhau que muitos julgam superior ao da Terra Nova, o qual se diz descoberto por um portuguez Gaspar Côrte Real. E deixa morrer ao desamparo essa grande industria riquissima, a pesca de um peixe precioso em que tudo se transforma em riqueza: as linguas constituem um artigo especial presadissimo dos *gourmets*; dos intestinos faz-se o melhor adubo da terra; do fígado extrae-se o oleo importantissimo para a industria e para a medicina; os ovos empregam-se com grande vantagem na pesca da sardinha.

Apezar de Portugal ser um paiz privilegiado para a pesca do bacalhau, pelo valor e pela pericia dos seus pescadores, pela posse do me-

lhor sal que se conhece para salgar o peixe e do melhor sol que ha para o secar, o nosso governo despreza este importantissimo ramo da actividade commercial, perdendo por esse mesmo facto a melhor escola pratica dos nossos marinheiros e dos nossos navegantes. A grande pesca tambem é para nós um symptoma da vitalidade nacional. Quando eramos fortes mandavamos cincoenta ou sessenta navios de pesca para a Terra Nova. Hoje pescamos na costa o carapau para o gato, servindo-nos de redes que deveriam ser prohibidas, despovoando as aguas de pequenos peixes insignificantes, que pelo contrario pesariam dois kilos e seriam um importante artigo alimenticio, se tivessemos estudado os nossos apparatus de pesca e soubessemos legislar sobre a dimensão permittida ás malhas das redes. O governo portuguez nunca deu a este assumpto, base de toda a exploração colonial, um só instante de attenção.

O parlamento nomeia em cada anno uma commissão de pescas, que ainda não serviu para mais nada se não para tributar o pescador. As especies de peixes que frequentam as nossas costas estão por estudar. A piscicultura não tem sido objecto de maiores disvellos que a ictyolo-

gia: nem uma só medida tomada pelo Estado para repovoar as aguas das nossas costas e dos nossos rios principaes; nenhum estudo feito sobre os hotes e sobre os apparatus empregados na pesca. Assim o pescador considera o Estado, que elle nunca viu representado senão pelo fisco, como um puro explorador.

Na Povoação de Varzim ha um antigo quebra-mar destinado a formar um porto de abrigo, que nunca se concluiu. Todas as reclamações, todas as instancias feitas para este fim tem sido inuteis.

Ha cerca de seis annos el-rei em pessoa visitou a Povoação acompanhado por um dos seus ministros, o sr. Avelino, o qual em nome do soberano prometteu aos pescadores que ia ser concluido o paredão. Até hoje ainda se não acrescentou uma pedra áquelle monumento unico do desleixo nacional!

E todavia o espirito aventureiro dos nossos antigos navegantes, que o sr. marquez de Sousa Holstein acaba de procurar resuscitar com a sua eloquente e erudita conferencia ácerca da escola de Sagres, está ali vivo ao pé d'esse paredão em ruinas. Ha ahí tres mil homens que em cada dia jogam as suas vidas com a mesma coragem com

que nós aqui em Lisboa jogamos as cartas. Os poveiros são os homens mais alentados e mais robustos que tem Portugal. É raro o que se enterra no cemiterio da freguezia. Morrem no mar, sob um céu de chumbo, estrangulados pela inclemencia das vagas, á vista da terra, ao alcance das vozes das suas mulheres e dos seus filhos, por lhes faltar o abrigo a que se destina o quebra-mar de conclusão em projecto ! Não ha um que saiba ler. Habitam em terra um bairro infecto e miseravel. Os cações escalados, destinados á alimentação no inverno, secam pregados ás portas interiores das casas. Cheios de *vermine*, homens, mulheres e creanças, dormem no mesmo quarto, n'uma promiscuidade horrorosa. A terra da patria dá-lhes apenas um farol, que elles illuminam á sua custa, e um barco de salva-vidas, que elles mesmos tripulam. E é para isso que elles, desgraçados, quasi mendigos, pedindo esmola em bandos durante o inverno, pagam um imposto annual de cerca de seis contos de réis, integralmente devorados pelo fisco.

Imagine-se como elles lhe hão de querer e como a hão de amar, á querida terra da patria!

A unica vingança que esses generosos lobos do mar tiram do Estado, que tão vilmente os

explora e os rouba, consiste em não darem nem um só homem para o recrutamento marítimo. Não ha meio algum de os obrigar a fornecer um recruta á armada. Preferem morrer mil vezes a servir taes amos.

E eis ahí está o ultimo capitulo na provincia do Minho da historia, feita pelo sr. marquez de Sousa, da escola dos navegadores portuguezes fundada em Sagres pelo infante D. Henrique!

Como a administração das nossas colonias depende directamente da organização da nossa marinha, como a importancia da nossa marinha depende da organização das nossas pescas, a Academia prestou á civilização da Africa um serviço verdadeiro, não organizando conferencias, mas tomando uma deliberação mais obscura e todavia mil vezes mais importante: a de nomear o sr. Brito Capello, naturalista adjunto do museu zoologico, para ir estudar ao longo do nosso littoral a industria da pesca e de expôr os meios de a reorganisar.

Comtudo a opinião, que tem de julgar os factos, tão esclarecida é, que applaudiu como um notavel beneficio patriotico a iniciativa das conferencias — um espectáculo de erudição, e não teve uma palavra de applauso para a missão do



sr. Capello—o primeiro passo para atacar o mal na sua verdadeira origem!



Do estado verdadeiramente deploravel em que se acha a nossa força maritima pôde-se ter uma idéa pela recente medida tomada pelo governo de convidar a servir na armada, mediante uma gratificação apregoada na folha official todas as praças de infantaria ou de caçadores que para esse fim se apresentem! O governo tem de um marinheiro esta comprehensão: — que elle se fabrica por meio do abono de quatrocentos réis por dia dados a um soldado de caçadores!

Mas, a não ser que o façam ao acaso ou que se determinem por uma escolha baseada na côr dos olhos ou na fórma do nariz, que razões podiam ter levado o governo a alistar na arma de caçadores um dos seus recrutas? Supponhos que estas razões devem ser tiradas das condições em que foi educado o recruta; que o fizeram caçador porque habitava as montanhas, porque era um caminheiro, porque tinha a agilidade que dá a luta com os terrenos escabrosos nas visinhanças das serras. Ora, sendo assim, como

querem sujeitar á vida sedentaria do mar e á familiaridade das ondas esse montanhez, que nunca pegou n'um remo, que chegou das Alturas de Barroso, do Marão ou da Serra da Estrella e que sente as pernas enferrujadas e o pulmão opprimido desde que não anda mais de uma legua por dia trepando saudosamente ás colinas que cercam o logar do seu quartel?

Outro facto não menos expressivo é o que ha pouco tempo se deu com alguns guarda-marinhas do nosso conhecimento em estação em Loanda.

Sabe-se que não ha plantas dos nossos portos da Africa, cuja navegação se faz por meio de cartas inglezas.

Os jovens marinheiros a que nos referimos, impellidos por esta vergonha da nossa marinha, quizeram levantar a planta do porto de Loanda. Empregaram todos os esforços para obter os necessarios instrumentos, não puderam conseguir senão unicamente a offerta de um bote, unico elemento de trabalho que o governador se achava habilitado a pôr á disposição d'esses extravagantes. Elles comprehenderam então que não tinham senão uma coisa que consagrar aos destinos da patria; não era o talento, não era a dedicação, não era o trabalho; era unicamente a

saude. E foram immolar o figado á administração nacional para bordo do seu navio, como patos de engorda pregados pelos pés á respectiva capoeira.

Quando os nossos officiaes teem conseguido arruinar completamente as suas visceras na inanição official das nossas estações de Africa, voltam doentes á metropole e concluem a missão civilisadora que o paiz lhes incumbiu tomando as aguas alcalinas de Vidago.

As aguas de Vidago são o fim supremo do seu destino militar.

*

Emquanto estas coisas se passam os inglezes, com um poder creador que faz muitas vezes o elogio das suas faculdades inventivas, acham em cada dia pretextos novos para intervirem com o *seu protectorado humanitario* nos negocios do interior africano, e dilatam a pouco e pouco a sua occupação e o seu dominio manso sobre o nosso territorio.

*

Um dos incidentes que acompanham a questão suscitada pela viagem do capitão Cameron é a revelação feita por este viajante de que as auctoridades portuguezas no interior da Africa

não obstem ao trafico dos escravos, que ainda ali vigora.

Como é que nós respondemos á denuncia d'este facto? Respondemos negando a asseveração do sr. Cameron e fazendo protestos.

Para decidirmos se um tal modo de retorquir nos podia ser ou não permittido, vejamos quem é o homem que nos acusa.

Cameron é o segundo europeu depois de Livingstone que modernamente atravessou a Africa desde a costa oriental até á costa occidental, levado por um intuito exclusivamente scientifico. D'esta viagem, que durou quatro annos, trouxe o sr. Cameron o projecto de ligar a costa do oriente com a do occidente por meio da navegação fluvial, aproveitando as relações hydrographicas do rio Congo e do Zambese, o primeiro dos quaes desemboca de um lado no Zaire e o outro do lado opposto, ao sul de Moçambique.

Durante esses quatro annos passados entre selvagens, o capitão Cameron parte de Bogamoyo em frente de Zanzibar, passa em Relienneko, atravessa o paiz de Ounyanyembe, o paiz de Ugara, o Ujiji, o lago Tanganyika, o mercado de Nyangwe, o estado de Urua, a Ponta do Lenho, desce as margens do Congo, toca em Ben-

guela, chega finalmente a Loanda. Os companheiros de viagem que haviam saído de Inglaterra para o acompanharem—o doutor Dillon, Moffat sobrinho de Levingstone, o artilheiro Murphy, não podem segui-lo a mais do começo d'essa longa e perigosa expedição. Adoecem successivamente todos. Moffat morre em Bogamoyo. Em Ounyanyembe apparecem-lhe os homens de Levingstone trazendo o cadaver do explorador que o precedera. Então Murphy e Dillon, ambos gravemente enfermos, desistem de continuar essa immensa viagem e regressam com o corpo de Levingstone para Zanzibar. Dillon morre no caminho.

Cameron, só, sem nenhum outro companheiro europeu, armado de uma clavina, seguido por uma escolta de negros, prosegue, caminhando atravez de regiões inexploradas e desconhecidas, sob um clima mortifero, deixando atraz de si, marcado com a morte dos seus camaradas e cada um dos primeiros estadios da sua portentosa peregrinação.

Não sabemos quem era Cameron ao partir. Admittimos que saisse de Inglaterra com a educação commum de um simples tenente da armada britanica. Mas dizemos que uma viagem

como a que elle fez, e nas condições em que a fez, basta para retemperar uma alma e para formar um character. Um tal homem não mente. N'elle a mentira seria a refutação de todos os principios do nosso aperfeiçoamento, seria a violação de todas as leis da natureza humana.

Nada mais lastimosamente ridiculo do que a indignação patriotica de qualquer dos nossos politicos, chupando auctoritariamente um cigarro no Gremio ou á porta da Casa Havaneza, bombardeando a atmospheria com balas de fumo, e desmentindo o homem mais competente que hoje existe no mundo para nos informar do que se passa em Africa!

O que Cameron disse ácerca da escravatura africana na conferencia feita em Londres foi o seguinte:

«Cerca da linha de separação das bacias do Zambese e do Congo fomos retardados no primeiro acampamento por causa da caça aos escravos fugidos. Quando pela manhã me preparava para partir, chega um mensageiro dizendo-nos: *Não partaes; Kouaroumba vaie chegar com os seus escravos.* Depois do meio dia chegou effectivamente Kouaroumba com uma fila

de cincoenta ou sessenta infelizes mulheres, carregadas com a presa, trazendo algumas os seus filhos nos braços. Estas mulheres representavam pelo menos a ruina e a destruição de quarenta ou cincoenta aldeias e a matança d'aquelles dos seus habitantes masculinos que não conseguiram refugiar-se nos juncaes para ali viverem como podessem ou morrerem de fome. É para mim fóra de duvida que estas cincoenta ou sessenta escravas representam mais de 500 individuos mortos na defeza do seu lar ou acabado mais tarde de inanição. As mulheres a que me refiro vinham presas umas ás outras pela cinta por meio de cordas cuidadosamente atadas. Quando ellas affrouxavam na marcha, batiam-lhes desapiadadamente. Os traficantes portuguezes, negros ou mestiços são muito brutaes; os arabes pelo contrario tratam geralmente bem os escravos. Os negros caçados como estas mulheres no interior da Africa não são em geral levados para a costa. Vão para Sakaletou, onde por varios motivos a população é rara e são mui procurados os escravos. São vendidos por marfim, que os traficantes trazem para a costa. »

Estas palavras são perfeitamente explicitas e terminantes.

Persiste com todos os seus horrores no interior das nossas possessões da Africa o trafico dos escravos. Enquanto se não provar manifestamente o contrario esta é que é a verdade, verdade referida pelo sr. Cameron, já anteriormente enunciativa pelo viajante francez o sr. Joccoliot, confirmada pelo sr. Young, explorador inglez, e ultimamente, mesmo em Lisboa em uma carta publicada no *Progresso* pelo sr. Pinheiro Bayão, que esteve por algum tempo em Africa empregado do Estado.

Para factos d'esta ordem os protestos de toda a imprensa ¹ e de todo o parlamento, por mais unanimes que elles sejam, não teem a natureza de uma refutação nem o character de uma resposta, são uma pura evasiva compacta.

A primeira noticia dada em Portugal da viagem de Cameron foi objecto de uma sabia exposição feita á primeira classe da Academia das Sciencias pelo fallecido naturalista o dr. Bernar-

¹ Um unico periodico, de que tenhamos noticia, o *Seculo*, de Coimbra, tomou a defeza do capitão Cameron em um artigo poderosamente escripto pelo sr. Correia Barata.

dino Antonio Gomes. O resultado d'essa exposição dos serviços prestados pelo viajante inglez á civilisação universal foi dirigir-se a Academia ao ainda então tenente Cameron, agradecendo-lhe em nome da sciencia e em nome de Portugal a contribuição valiosissima com que elle tinha cooperado para o progresso da sociedade humana.

O governo, deliberando tomar officialmente conhecimento dos factos referidos pelo capitão Cameron, não tinha senão uma resposta que dar-lhe:—nomear uma commissão de inquerito que syndicasse rigorosamente da cumplicidade dos funcionarios portuguezes no menosprezo ou na contravenção das leis que aboliram a servidão.

Em quanto á camara dos srs. deputados, parece-nos que ella teria procedido, pelo lado scientifico com mais logica, e pelo lado patriotico com mais tacto, se em vez das protestações que iniciou houvesse seguido o exemplo que lhe fôra dado pela Academia e agradecesse simplesmente ao sr. Cameron as informações que este lhe prestára.

D'esse modo teria a camara dos sr. deputados evitado receber do *Times* a mais dura e hu-

milhante lição que por via da penna de um jornalista se pode inflingir a uma sociedade.

O preconceito do patriotismo é o mais funesto de todos os preconceitos sociaes sempre que elle nos leva a trahir a verdade. Manter na opinião publica a mentira é violar o progresso da humanidade pelo modo mais sacrilego e mais nefando. A decomposição em que se acha a governação e a politica em Portugal deve-se principalmente á fraqueza dissolvente dos caracteres publicos em testemunhar a verdade. Todo aquelle que por meio da sua palavra ou por meio da sua penna não tem o preciso valor para enunciar a sua inteira opinião é um traidor da civilisação e um perigoso inimigo do genero humano. Não queremos para a nossa consciencia de escriptor o remorso d'essa voluntaria culpa, e é por isso que dizemos aos srs. deputados:

A verdade, meus senhores, é o que vos disse o *Times*. «A questão, como diz o referido periodico, não é se Portugal prestou serviços á causa do progresso africano, nem se os estadistas foram estudiosamente polidos na sua linguagem tratando com uma nação alliada e amiga; a questão é se os factos são ou não são como re-

centes viajantes affirmaram que eram. Que o commercio da escravatura na Africa central seja feito mui largamente por negociantes portuguezes e sob a protecção da bandeira portugueza é accusação que pode ser refutada, não pela linguagem de uma indignação ficticia ou real, não por patrioticas reminiscencias, nem por uma referencia a cumprimentos diplomaticos, mas sim deixando-se de permittir que haja materia para que a accusação continue. Sabemos quanto Portugal tem feito no papel para acabar a escravatura, e conhecemos tambem o pouco effeito que as suas energicas declarações produziram.»

Os quatro milhões de vozes de que o pair inteiro pode dispor, a protestarem todas perante o universo, não poderão convencer um só homem de que a verdade seja diferente do que é. A declamação n'este ponto é completamente inutil com outro qualquer fim que não seja um puro exercicio de eloquencia nacional.

Por tal modo, meus senhores, não julgueis contribuir para a civilisação. Vós contribuis apenas para o *Peculio de Oradores*, do sr. João Felix.

Ernesto Chardron—Porto e Braga

NOVAS PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

THESSOURO INESGOTAVEL

OU

COLLECCÃO DE VARIOS PROCESSOS E RECEITAS

COM APPLICAÇÃO ÀS

Sciencias, Artes, Industria, Agricultura
e Economia domestica

OBRA UTILISSIMA A TO DAS AS CLASSES DA SOCIEDADE

3.^a EDIÇÃO, REVISTA E CONSIDERAVELMENTE AUMENTADA

PUBLICADO POR

AGOSTINHO DA SILVA VIEIRA

4 grosso volume 45000 réis

DAVID DE CASTRO

YISLUMBRES

GLORIAS — DEVANEIOS — FACECIAS

1 volume 500 réis

CAÇA de QUEIROZ

RAMALHO ORTIÇÃO



ASTARIS

S. P6.
A. B. B.

hello.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

NOVA SERIE

TOMO X

Agosto a Setembro

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1877



Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. PROUDHON

SUMMARIO

Alexandre Herculano. O escriptor e o solitario de Valle de Lobos. A critica dos vivos e a critica dos mortos. A benevolencia e a justiça. A influencia que teve e a que podia ter o grande escriptor. A missão dos mestres O monumento da imprensa. — A recente viagem de suas magestades e altezas. No Bussaco, em Vidago, no Porto. Algumas notas aos annaes d'essa excursão. — Os attentados do sr. Barros e Cunha e a historia d'este personagem. O poeta lyrico, o deputado, o leitor do *Times*, o cortesão, o ministro. Diagnostico e prognostico. — Algumas produções musicas: *As cutiladas do Passeio Publico*, polka; *A Roma! a Roma!* valsa. — Algumas palavras aos srs. advogados. — Os exames das meninas no Lyceu Nacional. Os fins da educação. Um programma de ensino para o sexo feminino. Como se prepara a emancipação da mulher. Duas catastrophes: o estado da litteratura feminina e o estado da cosinha nacional. Grito afflictivo do paiz: Menos odes e mais caldo.

O homem que teve na terra o nome glorioso de Alexandre Herculano pertence ao dominio da posteridade desde as 10 horas da noite de hontem, 14 de setembro de 1877.

Os que houverem de julgar na historia essa poderosa personalidade terão de considerar que dois cidadãos, inteiramente diversos, existiram na terra, succedendo-se um ao outro no individuo d'aquelle nome.

Um d'esses cidadãos é o historiador da nacionalidade portugueza e da inquisição em Portugal, o romancista do *Monasticon*, o poeta da *Harpa do Crente*, o profundo pensador, o sabio archeologo, o paciente erudito, o critico penetrante, o valoroso trabalhador, o grande artista, o inimitavel mestre.

O segundo dos cidadãos que passaram no mundo sob o nome de Alexandre Herculano é simplesmente o illustre solitario de Valle de Lobos.

*

Extranha evolução d'um mesmo ser! Aquelle que na primeira metade da existencia representa todas as vivas energias por meio das quaes o espirito pôde actuar no impulso d'uma civilisa-

ção e no aperfeiçoamento d'uma sociedade, não é no segundo periodo da sua vida senão o objecto passivo e inerte d'uma designação ascetica, imposta pela banalidade rhethorica dos noticiarios — o *solitario illustre* !

*

Como philosopho, como investigador, como critico, como poeta, Alexandre Herculano cria em Portugal os estudos historicos; funda a mais importante collecção dos modernos trabalhos litterarios — o *Panorama*; enobrece a lingua com o seu stylo nitido e cortante em que a phrase tem o lampejo e o golpe dos passes de espada; honra o officio das letras com o porte rigido, austero e elegante de sua figura litteraria, em que se denuncia o contorno do guerrilheiro portuense envolto no capote branco dos romanticos de 1830, que elle sabia traçar com o garbo marcial d'Alfred de Vigny; cria escola; agrupa em volta de si uma mocidade que o admira e que o idolatra; expede o grito de guerra, que põe em armas a nova geração que vem despontando atraz d'elle; chama á peleja o partido ultramontano e desfecha elle mesmo os primeiros tiros que rompem as hostilidades da

li berdade com o clericalismo ; lança finalmente as bases do moderno movimento intellectual, suggere novas idéas, novas aspirações, novos interesses moraes, impulsionando vigorosamente a sua época por meio das fecundas agitações do espirito que acceleram nas sociedades vivas a elaboração do progresso.

*

Como *illustre solitario de Valle de Lobos*, Herculano rescinde a sacrosanta escriptura da responsabilidade universal, por via da qual o genio do homem se obriga tacitamente com a natureza a servil-a, como sendo elle mesmo a mais poderosa das forças de que dispõe o grande universo ; desdiz com o seu repentino silencio todas as affirmações da sua grande voz ; abjura da luz diffundida pelas suas palavras a sombra projectada pelas suas oliveiras ; nega o movimento que creou pela inacção em que caiu ; desdá finalmente todos os laços de solidariedade que o prendiam aos seus compatriotas e aos seus semelhantes, que vinculavam o seu destino intellectual aos destinos da patria e da humanidade.

*

O dia do nosso grande lucto nacional não é aquelle em que expirou o solitario illustre, mas sim aquelle em que deixou de existir para o vertiginoso bulicio da vida publica o ardente escriptor, que no seio da multidão fluctuante, estrepitosa, leviana, indifferente, perfida, traiçoeira, ingrata, lançava ás praças e ás ruas publicas, lamacentas e sordidas, as suas idéas de cada dia, nobres, castas, desinteressadas, aladadas pelo alphabeto typographico, adejando sobre as immundicias e sobre as dejecções da cidade, como douradas abelhas impollutas, que vão de alma em alma sacudindo das azas luminosas em pollen diamantino a divina verdade.

*

A isolação de Herculano no remanso esteril do diletantismo bucolico, comprometteu o destino mental d'uma geração inteira. Pelo intenso poder das suas faculdades reflexivas, pela emnencia do seu talento, pela auctoridade da sua palavra, pela popularidade do seu nome, pela reputação nunca discutida da sua honestidade, elle era o homem naturalmente indicado para

assumir o pontificado intellectual do seu tempo. A ausencia d'essa auctoridade do espirito sobre o espirito foi uma catastrophe para a geração moderna.

Tudo se resentiu na sociedade portugueza, com o desaparecimento d'esse alto poder moderador, destinado a ser o nucleo do seu governo moral.

Á tribuna parlamentar nunca mais tornou a subir um homem cuja voz firme, sonora e vibrante levasse até os quatro cantos do paiz a expressão viril das grandes convicções inflexiveis, dos altos e potentes enthusiasmos ou dos profundos e implacaveis desdens. Essa pobre tribuna deserta degradou-se successivamente até não ser hoje mais do que uma prateleira mal engonçada com algum lixo e o respectivo copo d'agoa.

A imprensa decaiu como decaiu a tribuna. Assaltada pelas medioeridades ambiciosas e pelas incompetencias audazes, a imprensa tornou-se um tablado de saltimbancos de feira, convidando o publico a 10 réis por cabeça, para assistir, entre assobios e arremessos de cenouras e de batatas podres, á representação da

desbocada comedia, declamada em gíria da matula por personagens sarapintados a vermelhão e a ocre, que mostram o punho arregaçado e sapateiam as taboas, como em sarrabanda de negros e patifes, com os seus pés miseráveis.

A politica converteu-se em uma vasta associação de intriga, em que os socios combinam dividir-se em diversos grupos, cuja missão é impellirem-se e repellirem-se successivamente uns aos outros, até que a cada um d'elles chegue o mais frequentemente que for possível a vez d'entrar e sair do governo. Nos pequenos periodos que decorrem entre a chegada e a partida de cada ministerio o grupo respectivo renova-se, depondo alguns dos seus membros nos cargos publicos que vagaram e recrutando novos adeptos candidatos aos logares que vierem a vagar. É este trabalho de assimilação e desassimilação dos partidos, que constitue a vida organica do que se chama a politica portugueza.

A arte desnacionalisa-se e afasta-se cada vez mais do fio tradicional que a devia prender estreitamente á grande alma popular.

A opinião publica, marasmada pela indiferença, deshabitua-se de pensar e perde o justo

critério por que se julgam os homens e os factos.

Se um pensador da alta competencia e da grande auctoridade de Alexandre Herculano tivesse persistido durante os ultimos vinte annos á frente do movimento intellectual do seu tempo, essa influencia teria modificado importantemente o nosso estado social.

Na politica ninguem como elle, com as suas opiniões extremas e radicaes, poderia originar a creação dos dois grandes e fortes partidos — o partido conservador e o partido revolucionario,—de cuja controversia depende essencialmente não só o progresso politico da sociedade portugueza, mas a propria conservação do seu regimen constitucional.

Na imprensa ninguem como elle poderia elevar a auctoridade da instituição com a sua palavra tão scintillante, tão denodada, tão propria para o debate, e com a sua experiencia tão esclarecida pela convivencia e pela cultura da historia.

Na opinião e no espirito publico, ninguem teria uma acção tão segura e tão decisiva, porque ninguem como elle gosou em Portugal d'um

tão inteiro prestigio e d'uma tão completa e absoluta auctoridade.

Na arte, ninguém ainda mais proprio para levar a creação esthetica á fonte nativa da inspiração, á tradição historica, á raiz da paixão e do sentimento nacional.

*

Exercer essa alta direcção dos espiritos é nas sociedades modernas a missão dos grandes homens. Dos eminentes escriptores europeus d'este seculo Herculano foi o unico que espontaneamente abandonou na força da intelligencia e da vida o posto de honra a que chegára pelo esforço do seu trabalho e pela posse dos mais felizes dons com que a natureza o dotára.

Guizot, Michelet, Buckle, Proudhon, Stuart Mill, todos os modernos, todos os que vieram depois de definido pela Revolução o dogma do dever social, viveram combatendo até á ultima hora e morreram com a penna na mão.

Ha poucos dias ainda a França viu cair Thiers na estacada, em pleno combate. Era um velho pequenino, valetudinario, quasi rachitico. Desde muito tempo que elle era sufficientemente rico

para gosar a tranquillidade egoista, imperturbavel, do mais poderoso principe. A sua longa vida fôra uma serie nunca interrompida de combates, de derrotas, de triumphos, das mais violentas commoções que podem opprimir e dilacerar uma alma. Ha dez annos que poucos teriam como elle o direito de solicitar um pouco de tranquillidade e um pouco de sombra. Elle todavia permanece no ponto mais temeroso da peleja, e é a essa pertinacia d'um só homem, tão debil e tão caduco que qualquer mulher poderia pegal-o ao collo e adormecel-o como um baby, que a França deve a sua reconstituição politica e social, e a democracia a affirmação mais poderosa e mais energica d'uma republica no coração da Europa.

Na Inglaterra, não já um homem mas uma simples mulher, que teve um papel decisivo no movimento das idéas modernas, Miss Martineau, ferida por uma lesão do coração, desenganada pela medicina de que não pode ter mais d'um anno de vida, concentra durante esse anno todas as suas faculdades na conclusão da sua ultima obra, conta a uma por uma em beneficio do seu semelhante as suas derradeiras pulsações, e sob uma condemnação

mais peremptoria e mais tremenda que a de Condorcet, arranca da sua invencível vontade a energia precisa para escrever com a lucidez mais profunda, com a firmeza mais viril, com a coragem mais heroica, o admirável livro em que depõe com a última palavra o último suspiro.

Uma celebridade subalterna, um simples poeta, um romancista, um talento d'especialidade, tem o direito de fazer um livro e de se calar para todo o sempre; mas o cidadão em quem concorrem as multiplas aptidões cerebraes que constituem os espiritos superiores, as capacidades dirigentes, não tem esse direito.

A benevolencia devida aos vivos póde levar-nos a respeitar nos actos de cada homem um producto indiscentível da sua liberdade; a verdade porém devida aos mortos, a incorruptível verdade, tem diante dos tumulos o dever de considerar, em nome da justiça e em nome da sociedade, todas as condições que encaminharam ou desencaminharam uma existencia n'essa linha ideal a que convergem as mais altas aspirações da humanidade.

E é só assim que as gerações aprendem o que

têm de agradecer e o que têm de perdoar aos obreiros do passado, tirando d'esse juizo austero sobre a missão dos que morreram, a regra moral a que têm de submeter-se aquelles que estão vivos.

A elaboração psychologica das causas que levaram o espirito de Herculano a quebrar as suas relações mentaes com a sociedade, é um importante estudo a que se acham obrigados aquelles que viveram na intimidade e na confidencia do grande escriptor. A sociedade precisa de saber que grau de responsabilidade lhe cabe no emudecimento d'essa voz. Porque a isolação d'Herculano não é um simples episodio biographico, é um facto social, é um dos mais tristes phenomenos da decadencia portugueza.

O exemplo do *solitario de Valle de Lobos* será profundamente nocivo, se não for cabalmente explicado como uma fatalidade sociologica.

Todos aquelles que trabalham com dedicação e com honra, que se consideram responsaveis diante dos seus semelhantes pela conclusão do trabalho que a si mesmos se impuzeram, que se dedicam á sua missão, que vêem

n'ella uma parte integrante da grande obra collectiva da humanidade, todos aquelles que teem na vida um fito superior e desinteressado, estão sujeitos em cada dia, em cada hora, em cada instante, á grande lucta da consciencia com as suggestões do egoismo, com a ingratição dos homens, com a calumnia, com a traição, com o desdem. É perigoso para os que teem ainda, no meio da dissolução geral dos caracteres, esse vivo sentimento da solidariedade, essa corajosa dedicação do martyrio, essa persistencia no lento suicidio que é a vida de todos os que pensam e de todos os que luctam, o ver de repente sossobrar e afundir-se na fria impassibilidade e na tenebrosa indiferença o alto luminar destinado a indicar a uma geração inteira o arduo e penoso rumo do dever.

Lemos em um jornal que a imprensa de Lisboa, reunida em assembléa para o fim de pagar á memoria de Alexandre Herculano o tributo

da sua admiração, resolvera abrir uma subscrição destinada a elevar um monumento ao insigne escriptor. Parece, segundo o mesmo boato, que não está ainda resolvido de que natureza será o monumento em projecto.

Se tivéssemos a immerecida honra de sermos considerados pela imprensa como um de seus membros, eis o que proporíamos.

*

A obra monumental, posto que ainda incompleta do finado escriptor, a sua *Historia de Portugal*, é possível que houvesse já sido lida, mas, com quanto escripta ha muitos annos, não foi por emquanto estudada.

Em todo o longo trabalho de investigação, de critica, d'analyse, de deducção, que constitue a materia d'esses quatro volumes, o publico portuguez não viu senão dois factos extremamente subalternos na obra do philosopho e na obra do artista: — a negação do milagre d'Ourique e das côrtes de Lamego.

O historiador da nossa nacionalidade não foi olhado se não debaixo d'um aspecto, — o aspecto das nossas superstições.

As origens do direito, da arte, da propriedade,

da religião, da familia, da patria interessaram-nos d'um modo tão mediocre que nunca nos suggeriram uma idéa clara sobre qualquer d'esses phenomenos.

De tão multiplos problemas suscitados ou resolvidos pelo historiador da nossa vida civil, um unico nos commoveu até as mais intimas profundidades do nosso organismo social: Se Jesus Christo tinha ou não tinha vindo cavaquear com D. Affonso Henriques na vespera d'uma batalha, e se a derrota dos mouros fora ou não o resultado d'uma operação estrategica combinada de commum accordo entre os dois poderosos inimigos do kalifado de Cordova, o filho do conde D. Henrique e o filho de Deus.

Todas as demais questões debatidas nos quatro volumes da *Historia de Portugal* passaram inteiramente despercebidas do jornalismo portuguez, o qual não teve ainda, até hoje, occasião de publicar um artigo scientificamente fundamentado ácerca do papel do nosso primeiro historiador na direcção dos estudos historicos e na comprehensão das leis fundamentaes da nossa evolução social.

A homenagem que a imprensa deve prestar

a Alexandre Herculano é a publicação d'esse estudo, porque o primeiro dever dos jornalistas perante um grande escriptor é mostrar que o leram. Com relação a Herculano essa dívida está por saldar, e a imprensa tem que desempenhar-se d'ella com tanta mais promptidão, quanto é certo que o seu longo silencio podia ter sido uma das causas que levaram o iniciador dos trabalhos historicos portuguezes a talhar para si mesmo a triste mortalha em que desceu envolto para o tumulo— a mortalha do desprezo. Não conseguiu merecer-lhe mais o espirito dos contemporaneos.

Annaes da viagem de suas magestades
 e altezas pelos seus reinos segundo
 os telegrammas publicados por
 toda a imprensa e da acção .
 civilisadora da mesma
 viagem sobre o espirito
 dos povos segundo
 os alludidos do-
 cumentos

CAPITULO I

Bussaco... d'agosto. Sua magestade Anjo da
 Caridade acaba de chegar esta secular floresta
 acompanhada suas altezas Preciosos Penhores.
 Anjo passeou matta. Jantou 6 horas. Preciosos
 Penhores foram Cruz Alta companhia um dos
 seus preceptores. Jubilo povo inexcedivel.

CAPITULO II

Bussaco .. d'agosto. Sua magestade Anjo en-
 controu interessante menino na serra e afagou.
 Commoção todos visitantes que presencaram
 acto Anjo afagar menino chegou lagrimas. Pre-
 ciosos Penhores foram pé Fonte Fria. Jantar
 Anjo, Preciosos Penhores e Damas, 6 horas, 14

minutos, tempo medio. Jubilo povo augmenta progressivamente.

CAPITULO III

Bussaco... agosto. Anjo apreciou mediocremente rouxinoes gorgeando secular floresta. Chamados á pressa para gorgear na balseira banda de infantaria 14 e cysne Mondego D. Amelia Jenny. Jubilo povo excitado por Quatorze e por Cysne innarravel.

CAPITULO IV

Bussaco.... d'agosto. Sua magestade Anjo recusa licença a *touristes* comerem saborosos peixes ria d'Aveiro em secular floresta. Preciosos Penhores pequeno passeio durante 1 hora, 28 minutos, 14 segundos. Jubilo povo augmenta.

CAPITULO V

Bussaco... d'agosto. Desmente-se noticia Anjo prohibir *touristes* petisqueira saborosos peixes ria Aveiro secular floresta. N'este mesmo momento secular floresta saborosos peixes estão sendo comidos *touristes* com approvação d'Anjo. Preciosos Penhores pequeno passeio meia hora e 16 1/2 segundos. Jubilo povo toca raias.

CAPITULO VI

Bussaco... d'agosto. Sua magestade Anjo e suas altezas Preciosos Penhores acabam de partir Porto, comboyo expresso. Anjo e Preciosos Penhores não mais a secular floresta. Raias ultrapassadas por jubilo povo.

CAPITULO VII

Vidago... d'agosto. Sua magestade Excelso Soberano, acompanhado duas phylarmonicas e quarenta maiores contribuintes montados quarenta maiores eguas, chegou sem novidade real saude. Indiscriptivel jubilo povo.

CAPITULO VIII

Vidago... d'Agosto. Excelso Soberano foi tomar aguas 10 horas. Voltou tomar aguas 4 horas. Jantou 6 horas. Centenares de pessoas presencearam acto Excelso Soberano tomar aguas. Grande ardor geral pelas instituições monarchicas e pela dynastia. Jubilo povo tende a augmentar, se possivel fôr.

CAPITULO IX

Vidago... d'agosto. Excelso Soberano encontrou real passagem dois rapazes de joelhos. Excelso Soberano afagou. Lagrimas punhos faces pessoas viram Excelso Soberano afagar rapazes joelhos. Jubilo povo toca zenith.

CAPITULO X

Vidago... d'agosto. Excelso soberano partiu tarde acompanhado phylarmonicas, contribuintes e maiores egoas. Estes logares, ausencia excelso soberano e real sequito, convertidos triste ermo. Jubilo povo impossivel descrever palavras humanas.

CAPITULO XI

Porto... d'agosto. Hoje, fim da tarde, entrada triumphal n'este Baluarte liberdade sua magestade Anjo da Caridade acompanhada de suas altezas Louras Creanças. Jubilo povo de Baluarte e concelhos ruraes adjacentes delirante.

CAPITULO XII

Porto... d'agosto. Presidente camara municipal disse a Anjo da Caridade que Baluarte se gloriava ter Anjo no seio. Jubilo povo frenetico.

CAPITULO XIII

Porto... d'agosto. Louras creanças passear Palacio Crystal. Anjo não passeiar Palacio Crystal. Jubilo povo febril.

CAPITULO XIV

Porto... d'agosto. Anjo e Louras Creanças foram photographar-se ao atelier Fritz. Duas innocentes meninas entregaram ramos de flores a Anjo da Caridade. Anjo afagou. Circumstantes lagrimas em fio pelas faces. Anjo e Louras Creanças retrataram-se em cinco posições diferentes, que são todas as posições de que é susceptivel o corpo humano, a saber: em pé, sentados, ajoelhados, acorados e deitados. Jubilo povo vertiginoso.

CAPITULO XV

Porto... d'agosto. A este Baluarte liberdades patrias acaba chegar augusto Neto heroico Pedro IV. Presidente camara municipal disse Baluarte se gloriava ter Neto heroico Pedro no seio. Colxas dos defensores Baluarte ás janellas Jubilo povo epileptico.

CAPITULO XVI

Porto... d'agosto (urgente) Rapazes achados Vidago por Neto heroico Pedro IV entraram Baluarte liberdade em exposição triumphal. Rapazes precediam coche real de joelhos em carruagem descoberta. Jubilo povo, vendo rapazes exposição joelhos carruagem descoberta, inultrapassavel.

CAPITULO XVII

Porto... d'agosto. Neto heroico Pedro IV, Anjo Caridade e Louras Creanças regressam hoje comboyo expresso a Lisboa. Governador civil, bispo, senhoras, beijar mão Neto, Anjo, Louras Creanças. Derradeiro adens estação. Baluarte liberdade sem Louras Creanças, Anjo e Neto, medonho ermo. Jubilo povo intradusivel linguagem humana.

NOTAS

AOS ANNAES DA VIAGEM DE SUAS Magestades
E ALTEZAS

A

Desmente-se noticia Anjo prohibir touristes petisqueira etc. Informações subseqüentes ministradas aos jornaes pelo *Banhista de Luso* ex-

plicam a materia do capitulo que principia pelas palavras acima reproduzidas.

Os *touristes* a quem foi denegada licença para celebrarem um *pic-nic* dentro da floresta do Bussaco, requereram respeitosamente a sua magestade que se dignasse conferir-lhes a permissão de comerem os peixes que tinham pescado para o *pic-nic*, não já dentro, mas sim fóra da matta.

Foi a este segundo requerimento, attendendo ás supplicas dos *touristes* e ao estado em que começavam a achar-se os peixes, que sua magestade se dignou de deferir de um modo inteiramente amavel e munificente.

O precedente estabelecido pelos *touristes* do Bussaco deixa-nos porém immersos na mais acerba incerteza ácerca dos pontos da superficie solida do reino em que nos é licito comer-mos peixe sem invadirmos as residencias de suas magestades.

Porque, desde o momento em que não só as grandes serras mas tambem as bacias dos valles adjacentes se consideram, pela jurisprudencia invocada no Bussaco, como dependencias dos aposentos da real familia, ficamos perplexos sobre se o safio que pescámos esta manhã no logar do Bico

na praia da Cruz Quebrada o poderemos comer em nossa casa sem por este facto invadirmos, posto que inconscientemente, a sala de jantar dos nossos reis. E pedimos ardentemente para sermos esclarecidos sobre a solução d'este problema:

Dado um safio pescado á linha na ponta do Bico na praia da Cruz Quebrada; achando-se a Cruz Quebrada na dependencia geologica do Paço de Queluz pelo valle da ribeira do Jamor, e do Paço da Ajuda pelas quebradas e pelas vertentes da serra de Monsanto; achando-se por outro lado o safio ao lume dentro do seu respectivo tacho, entre duas camadas de cebola e tomate, com o competente fio d'axeite e o devido pimentão ; tendo tido cinco minutos de fervura e havendo sido sacudido por duas vezes sem se destapar o tacho;

Pergunta-se :

Se podemos passar a comer o safio, collocados na dita latitude da Cruz Quebrada, entre os reaes paços de Queluz e da Ajuda, sem por esse acto faltarmos ao respeito devido á inviolabilidade das montanhas, dos valles e das ribeiras que suas magestades se dignaram eleger para residir.

Esperamos, com o safio ao lume e com o aca-

tamento mais profundo pelas reaes ordens, que o sr. Barros e Cunha, encarregado juntamente com o sr. Alcobia de transformar as matas do reino em aposentos de sua magestade, queira dizer-nos se o monte em que habitamos pertence ou não ao numero d'aquelles que s. ex.^a se acha mobilando para recreio de suas magestades em collaboração com o seu socio nas reformas do ministerio das obras publicas o sr. estofador Alcobia.

O melhor talvez — permittam-nos os srs. Barros e Alcobia suggerirmos esta ideia — seria, para não estafar muito o ministerio de suas excellencias com o despacho de repetidas petições do character da nossa, que suas excellencias assignalem com marcos geodesicos as regiões que vão ser forradas de papel para aposentos reaes, e que n'esses postes se especifique com os devidos letreiros: *Aqui se pode comer o saboroso peixe* ou *Aqui o saboroso peixe se não pode comer.*

E o paiz todo beijará reconhecido a mão energica dos srs. conselheiros da coroa Alcobia e Barros e Cunha!

B

*Rapazes achados Vidago por Neto heroico
Pedro IV entraram Baluarte liberdade em ex-*

posição triumphal. Correspondencias minuciosas explicam detidamente o episodio narrado n'este capitulo.

El-rei encontrava todos os dias, em determinado ponto dos seus passeios, dois rapazes que se ajoelhavam por occasião da passagem de sua magestade. El-rei commovido com a precocidade de uma bajulação tão vigorosa manifestada em annos tão verdes, indagou-se uma tal affirmacão de subserviencia procedia de preleções previas dadas por algum aulico ou se representava um movimento instinctivo no caracter dos dois adolescentes. Descobriu-se que os meninos ajoelhavam por effeito da mais pura pusilanimidade organica. Sua magestade resolveu, em vista de tão honrosas informações, levar consigo os dois esperançosos jovens e encarregar-se da sua educação. Foram esses dois rapazes os que entraram em triumpho na cidade do Porto, indo em carruagem descoberta e percorrendo as ruas adiante da carruagem de sua magestade. Não sabemos se durante todo o precurso do cortejo os rapazes se conservaram, como deviam, sempre de joelhos. O que é certo é que o quadro a que nos referimos commoveu muito as pessoas que o presenciaram, segundo

asseveram todas as noticias do Porto e de Vidago.

Folgamos de poder completar as informações colhidas por el-rei acerca dos seus pupillos com o fructo das nossas proprias indagações, porque é de saber que os rapazes de Joelhos não apparecem unicamente a sua Magestade, apparecem a todos aquelles que viajam nas estradas do Minho e de Traz-os-Montes. O que escreve estas linhas por mais de uma vez se encontrou com o commovente quadro, não deixando nunca de o saudar com um expressivo meneio do seu bordão, perante o qual os rapazes em Joelhos se punham em pé com uma velocidade cheia de convicção e de enthusiasmo. E nós, então, diziamos-lhes com a mais pesada voz:

—Ah! poltrões! Ah! covardes! Ah! sapos! Que se torno a encontrar algum de Joelhos deante de mim, applico-lhe uma carga de pau, que lhe ponho o lombo mais negro que o de um melro! Teem o atrevimento de pedir esmola, seus sicarios?... E ainda por cima se me desculpam com o exemplo de Jesus Christo?! *Nosso Senhor tambem pediu!!...* Em que escola aprendeste tu a cartilha, meu grande camello?... O que tu merecias é que eu te metesse uma zaragatoa de pi-

menta n'essa bocca para te ensinar a blasphemar! Jesus pediu esmola, mas não foi para que tu a pedisses tambem, grande vadio! Jesus pediu esmola para te honrar com a sua confraternidade, para te mostrar que apesar de teres lendeas, de trazeres as orelhas sujas e de andares descalço, tens, pelo facto de ser homem, uma origem divina e que te debes respeitar tanto a ti proprio como se fosses um imperador ou um rei. Para te tornares digno do grande obsequio que te fez Jesus andando pelo mundo a prégar a igualdade e a fraternidade de todos os homens, feitos, segundo o mesmo Jesus, á imagem e semelhança de Deus, a tua obrigação é lavar a cara e as orelhas, conquistar pelo trabalho uns sapatões para esses pés e trazer-me essa cabeça levantada e firme como quem tem a convicção de ser tanto como qualquer outro. Foi para isso que te ensinaram que Deus andou pelo mundo a pedir, percebeste, grande mariola? Deus pediu para se parecer contigo, dando-te por esse modo a aspiração de te pareceres igualmente com elle fazendo-te uma pessoa limpa e honesta. Deus consentiu em pedir pela mesma razão que consentiu em ser crucificado, não para dar o exemplo da mendicidade e do

homicídio, mas sim ao contrario para que a sociedade se reconstituisse no sentido de não tornar a haver quem enforcasse nem quem pedisse. O pão nosso de cada dia ganha-se com essas duas pernas que Deus te deu para trabalhar e não para te pôres de joelhos nos caminhos a pedir esmola a quem passa. Jesus nunca se ajoelhou senão debaixo do trabalho representado pela sua cruz ou diante do amor representado por sua mãe. De joelhos perante a minha força ou perante o meu dinheiro tu és indigno da tua gerarchia d'homem e não passas de uma besta sordida e immunda.

Depois de praticas da natureza d'esta, que nunca deixamos de fazer aos rapazes que nos appareceram ajoelhados pelos caminhos, e as quaes praticas sempre acompanhamos de temerosos gestos mostrando o punho cerrado e os bicos dos nossos sapatos — de tres solas repregados de terriveis tachas vingadoras, de duas azas, do tamanho de moscardos — concluimos por uma eloquente peroração perguntando aos rapazes onde era a escola.

Temos a honra de informar sua magestade el-rei que os rapazes que apparecem de joelhos pelas estradas não sabem nunca onde fica a es-

cola. Os paes não os ensinam a ler. Creados na abjecção da mendicidade, habituados a fingir, a choramigar, a carpir, costumados desde pequenos a serem maltratados, repellidos, injuriados, tornam-se homens servis, rasteiros, malevolos, vingativos, mandriões e covardes.

São elles os que em maior numero contribuem para o consumo das facas de ponta, para o exercicio das policias correccionaes, para o repovoamento successivo das cadeias e dos hospitaes.

Sua magestade esqueceu que, em quanto esses rebentos da preguiça, esses embriões do vicio e da miseria se ajoelhavam aos seus pés, outros pequenos cidadãos uteis estavam na escola ou nos casaes circumvisinhos, uns aprendendo a ler, outros ajudando as suas mães a metter o pão ao forno, a deitar o feno às vacas, a acarretar a lenha, a enfeichar as medas ou a debulhar o milho.

Sua magestade, agasalhando os vadios e expondo-os em triumpho aos olhos dos laboriosos, deu um exemplo que influirá nos costumes e a que podémcs chamar: — o premio Monthyon da malandrice.

Um attentado unico sem precedentes nos factos do arbitrio executivo acaba de ser impunemente perpetrado contra a ordem moral por um ministro da corôa, o sr. Barros e Cunha.

Quando os erros dos ministros versam sobre os negocios das suas respectivas secretarias a critica pode consideral-os sem protesto, como phenomenos normaes em um regimen em dissolução destinado a acabar um pouco mais tarde ou um pouco mais cedo.

Quando porém a acção do poder exorbita da mancommunicação ministerial, da intriga parlamentar e da ficção administrativa, para invadir a esphera do trabalho individual e para violar accintosamente os direitos inalienaveis dos cidadãos, a critica deixa então de proceder pelo desdem, e embora continue a sorrir, tem o dever de pegar no mesmo tição com que Renaldo de Montauban chamusca no poema gaulez as barbas de Carlos Magno, e de barbear s. ex.^a o alto funcionario delinquente.

Precisamos de esboçar um pouco de mais alto a physionomia do personagem antes de nos occuparmos da natureza dos seus ultimos actos.

Antigo poeta lyrico de inspiração canalizada pelos jornaes poeticos e pelos albuns das meninas provincianas, o sr. Barros e Cunha, abandonando a carreira poetica, foi enviado na idade madura á camara dos deputados na qualidade de leitor do *Times* por um circulo do reino em que se não sabia inglez.

Classificado desde logo na familia zoologica dos mediocraceos, foi declarado inoffensivo pela unanimidade dos votos de ambos os lados da camara. O uso quotidiano de uma palavra irresponsavel, que elle debalde tentava sublinhar malignamente sem conseguir que ninguem se occupasse em a controverter, deu-lhe a facilidade de emittir intermitentemente um determinado numero de sons articulados sem connexão logica, sem forma litteraria, sem criterio philosophico, sem intuito politico, os quaes sons reunidos constituem a collecção dos discursos parlamentares de s. ex.^a

Todos se lembram de o ter visto em cada

uma das sessões das ultimas legislaturas levantar-se do seu logar no meio da indifferença bocejante da camara e da galeria, folhear os numeros do *Times* collocados sobre a sua carteira, e abrir o dique da incontinencia oratoria, despejando as palavras n'um tom de melopéa com a sua voz ao mesmo tempo doce e nazal, como a de quem falla por um nariz de assucar.

No discurso proferido viam-se desfilar processionalmente as diversas partes da oração, cadenciadas, graves, acertando o passo, olhando para acenar, esperando umas, correndo outras para alinhar o prestito, fazendo roda entre parentheses para entoar um moteto, detendo-se para fazer signaes orthograficos a um adjectivo retardatario, continuando em seguida, para tornarem a parar d'ahi a pouco em torno de um verbo irregular, e proseguirem outra vez atraz de uma interjeição de duvida ou incerteza. Até que, sentindo-se cahir a tarde, principiando a esfalfar os membros do discurso, começando os adjectivos a sentarem-se pelos passeios, os substantivos a tirarem as botas a os adverbios a pedirem de beber, via-se finalmente, ao longe, por entre as tochas, envolto no pó do caminho, apontar o andôr com um simulacro de uma idéa

velha, carcomida, safada, sacudida á rua de todas as casas, impellida adeante das vassouras por todos os varredores, apanhada successivamente por todas as carroças, e por ultimo arrancada do monturo ou do esgoto, lavada, grudada, repintada, retingida, posta em pé, especada entre duas ripas e produzida em publico por s. ex.^a, n'uma exposição solemne, ao fundo de seis columnas de prosa alambicada e caturra.

Estas fallas eram acompanhadas por s. ex.^a com variados gestos carinhosos e piegas: já de quem amamenta as methaphoras que tem ao colo, já de quem acaricia e afaga buliçosos tropos adjacentes, já de quem com o bico do lapis seguro nas pontas dos dedos se compraz em picar no ambiente argumentos hypotheticos voejantes entre o orador e a mesa adormecida.

Elle no entanto sorria de quando em quando, ironico e triumphal, circumgirando pela sala no fim de cada periodo um olhar destinado a indicar ao auditorio que dentro do seu pequenino craneo a malicia de Bertholdinho se achava aliada á finura de Polycarpo Banana.

Uma vez pelo menos em cada um d'esses discursos, quando o orador parando, tirava da algibeira da sobrecasaca o seu lenço branco e

batia com os nós dos dedos na carteira para que lhe renovassem o copo d'agua, vozes de deputados repentinamente extremunhados applaudiam-o. O que não consta é que ninguem se lembrasse nunca de o contrariar.

*

Cahido o dente do sr. Fontes e chamado o sr. marquez d'Avila para formar novo ministerio, o sr. Barros e Cunha entrou no gabinete a titulo de «character conciliador.» Deputado ás cortes em successivas legislaturas, tendo a palavra em quasi todas as sessões, tão vigorosamente havia servido a causa ecletica da banalidade que não conseguira crear um unico adversario. Taes foram os titulos que levaram s. ex. aos conselhos da corôa.

Repentinamente investido no cargo de ministro das obras publicas, do commercio e da industria, s. ex.^a para quem a industria, o commercio, as obras, eram outros tantos porticos inacessiveis, envoltos nas trevas mais augustas, resolveu seguir uma linha de proceder que o levasse á popularidade sem o intrometter na gerencia e na direcção dos negocios.

Para esse fim s. ex.^a começou a passear as ruas de Lisboa montado na imagem rhetorica em que Napoleão nos apparece nos discursos do sr. Manuel da Assumpção. Aos sabbados s. ex.^a tomava o caminho de ferro e dirigia-se em caruagem salão a todos os pontos da provincia em que houvesse uma fabrica, uma officina, um monumento publico para que olhar, e uma phylarmonica para o ir esperar á *gare*.

No desempenho d'esta primeira parte do seu programma s. ex.^a foi de uma actividade e de uma energia sem exemplo. Amanhecia a cavallo, anoi-tecia a cavallo, e deitava-se na cama, altas horas, para dormir um momento—tambem a cavallo. Estes exercicios de gineta amestraram o cavallo de s. ex.^a até o ponto de poder elle proprio ser ministro—em liberdade.

Nas suas digressões pelos centros fabris das redondezas da Extremadura o zelo de s. ex.^a pelos principios do seu programma administrativo não conhecia limites. Eis uma amostra do character d'essas viagens hebdomadarias :

S. ex.^a chega a Thomar pelo trem do correio ás 12 horas 45 m. da tarde. Uma phylarmonica espera-o na estação de Payalvo e acompanha-o ao som do hymno da carta até casa do sr. conde de

Thomar. Às duas horas da madrugada s. ex.^a ceia e levanta tres brindes a Thomar, á real familia e á carta. A' 4 horas 25 minutos encerramento de s. ex.^a nos aposentos que lhe estavam reservados e leitura do *Times* até ás 5 horas 30 minutos. A's 5 horas 31 minutos s. ex.^a descalça metade das botas e repousa um momento deitando-se sobre uma orelha e escutando com a outra os eccos do hymno da carta. A's 6 horas, convergencia das forças musculares de s. ex.^a sobre os puchadores das suas botas e pedido d'agua morna para a barba de s. ex.^a A's 7 horas, sahida de s. ex.^a dos aposentos que lhe estavam reservados, presença de s. ex.^a no terraço da casa e aspersion dos raios visuaes de s. ex.^a sobre a paisagem circumjacente. A's 8 horas recepção da camara municipal e dos tres ou quatro maiores contribuintes. A's 9 horas almoço com brindes de s. ex.^a á carta, a Thomar e á real familia. A's 10 horas ida para a fabrica de fiação. As' 12 horas lunch na fabrica e brindes de s. ex.^a á real familia, a Thomar e á carta. A' 1 hora da tarde volta para Thomar, jantar e brindes de s. ex.^a á carta, á real familia e a Thomar. A's 3 horas 36 minutos partida, cortejo, hymno pela phylharmonica na estação de Payalvo e regresso de s. ex.^a á capital.

Uma vez por semana, ás quintas feiras, s. ex.^a acompanhava os seus collegas ao Paço. Tendo mostrado sobre o chouto da allegoria do sr. Manuel da Assumpção que possuia uns rins de bronze; tendo provado nas digestões accumuladas das mayonaises do sr. conde de Thomar e dos pudings da fabrica de fiação que era dotado de um estomago d'aço, s. ex.^a aproveita os seus encontros com o soberano para convencer a cõrte de que reune a esses dotes anatomicos a feliz particularidade de uma espinha de cebo.

Submettido ao olhar de suas magestades constatou-se que a posição vertical de s. ex.^a dobrava como uma vela ao sol, sob a temperatura de 35 graus Reaumur. Contemplado pela rainha s. ex.^a deprimia-se progressivamente, acachapando-se. O seu uniforme fazia as pregas de uma concertina que se fecha. A rainha, caridosa, olhava então para outra parte a fim de que os tecidos democraticos do seu secretario de estado não acabassem de derreter, deixando nos degraus do throno, como despojo de quanto representara no Paço o departamento das obras

publicas, um fardamento, uma calva e uma no-
doa.

Impedido de fundir, s. ex.^a procura manifes-
tar por outros actos o arder do seu zelo como
novo aulico.

Para esse fim atropela as disposições legisla-
tivas que regulavam o arrendamento das casas
do Bussaco entregues á administração geral das
mattas, rescinde os contractos legalmente feitos
com os arrendatarios, expulsa as familias que
habitavam o convento, e offerece este a sua ma-
gestade a rainha para ella passar a estação cal-
mosa—nas casas dos outros.

Desde o tempo dos antigos aposentadores mó-
res, que precediam os reis absolutos nas suas
viagens e faziam despejar as casas occupadas por
seus donos para n'ellas se instalar a corte,
nunca o servilismo ousara fazer reviver para li-
songear os reis um dos mais oppressivos privi-
legios monarchicos, o privilegio das aposentado-
rias, abolido desde 1820. Os mais atrevidos e
insolentes mandões não ousaram jamais ultra-
jar por tal modo o direito e a liberdade. Era
preciso para isso ter como o sr. Barros e Cunha
a natureza chinesa de um mandarim ; pousar no
paço tão passivamente e tão irresponsavelmente

como pousa um boneco de porcelana, acocorado a um canto n'uma prostração burlesca, bolindo automaticamente com a cabeça e deitando a lingua de fora ou mettendo-a para dentro, segundo leva ou não leva da real mão um piparote na nuca.

Para bajular el-rei como bajulára a rainha o mandarim sr. João Gualberto determina que obras extraordinarias se façam na estrada de Vidago e manda abonar por conta do ministerio das obras publicas salarios na importancia exorbitante de 1\$200 réis por dia aos operarios empregados em um dos lanços da estrada alludida.

*

Estes factos porém, definindo cabalmente o mandarim pela sua face de cortezão, não o definiam sufficientemente pelo seu lado de ministro. Os conselheiros do s. ex.^a tangeram-o na nuca para o fazer deitar de fora algumas portarias. Aproveitou-se o pretexto das obras da Penitenciaria, e s. ex.^a principiou a verter portarias sobre essas obras. Foi então que no *Diario do Governo* appareceu o documento que nos propomos analysar e começamos por transcrever:

«Sua magestade el-rei, a quem foi presente o processo relativo ao contrato celebrado em 18 e 19 de setembro de 1876 pelo director das obras da penitenciaria central de Lisboa com João Burnay, para fornecimento de ferros para as obras d'aquelle estabelecimento, considerando:

«1.º Que esse contrato se encontra viciado;

«2.º Que n'elle se não observou o que dispõe o artigo 10.º do regulamento de 14 de abril de 1856 e circular de 15 de maio de 1862;

«3.º Que não se abriu praça nem se fez deposito algum, conforme dispõe a circular de 15 de maio de 1857, e as clausulas e condições geraes de empreitadas das obras publicas de 8 de março de 1861;

«4.º Que ao contrato, por conta do qual o empreiteiro recebeu adiantadamente na importancia de 88.889\$312 réis, falta a approvação do governo, segundo o disposto no artigo 2.º das mesmas clausulas e condições geraes e da circular de 15 de maio de 1862:

«Ha por bem ordenar que se dê por findo e terminado o dito contrato, procedendo-se á liquidação dos artigos já fornecidos ou em deposito, observando-se de futuro todas as prescri-

pções em vigor n'este ministerio para quaesquer contratos em que elle tenha de interferir.

«O que, pela secretaria de estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, se communica ao director das obras publicas do districto de Lisboa, para os devidos effeitos, em referencia ao seu officio datado de 26 de junho ultimo.

«Paço, em 3 de julho de 1877.—*João Gualberto de Barros e Cunha.*

«Para o director das obras publicas do districto de Lisboa».

Por esta portaria rescinde-se sem mais appellação nem agravo um contrato bilateral feito entre um industrial, o sr. J. Burnay, e o governo. Ora o governo não é um poder pessoal, de character intermitente ou caduco, que acabe com o sr. Avelino e que recomece com o sr. Barros e Cunha. O governo é uma entidade impessoal e constante.

O sr. Barros e Cunha é obrigado como ministro a manter todos os contractos feitos pelo seu ministerio, porque em quanto ministro o sr. Barros e Cunha não é um individuo, é o governo. O governo fez um contracto com o sr.

Burnay, esse contracto acha-se em execução, o governo porem resolve por sua propria auctoridade rescindir o mesmo contracto, e manda passear o sr. Burnay. Vejamos com que fundamentos juridicos se annulla, sem mais formalidade que a publicação de uma portaria, um contracto de similhante natureza:

O sr. Barros e Cunha allega em primeiro lugar:

Que o contracto se acha viciado. A isto responde o engenheiro constructor da Penitenciaría e signatario do contracto por parte do governo que a viciação allegada consiste em se haver alterado a data em que o sr. Burnay se compromette a concluir os seus trabalhos, mudando-se os numeros 1877 em 1876. O resultado d'esta viciação era collocar o sr. Burnay sob a acção de uma multa por não ter concluido a sua obra no praso prefixo. E' evidente que não podia ser o sr. Burnay que viciasse o contracto raspando um algarismo que o interessa e substituindo-o por outro que o prejudica.

A viciação do contracto é por tanto um facto necessariamente alheio á intervenção do sr. Burnay.

A legislação invocada nos considerandos 2.º

e 3.º, não tem cabimento, porque todos os regulamentos das empreitadas das obras publicas previnem os casos em que a *concorrença possa prejudicar a rapidez ou a perfeição do trabalho* e em que o *deposito póde ser substituido por fiança ou por outras garantias prestadas pelo empreiteiro*. E ambos estes principios são reconhecidos pelo sr. Barros e Cunha, o qual contractou elle mesmo novas obras com o sr. Burnay depois da publicação d'esta portaria, sem abrir concurso e sem fazer deposito.

As afirmações contidas no considerando n.º 4, são puramente falsas, como já declararam publicamente os engenheiros Ferraz e Burnay. A falta da approvação do governo é uma mentira e o adiantamento de 88:886\$312 réis é uma calúnia.

Suppondo porem que as obras devessem ser feitas por concurso e mediante deposito, perguntamos: que responsabilidade pelo facto de não haverem sido satisfeitas essas clausulas póde caber ao fabricante, ao fornecedor ou ao empreiteiro com quem o governo contractou? Que-riam por acaso que fosse o sr. Burnay quem abrisse o concurso? que fosse elle quem a si mesmo se obrigasse ao deposito? Se não se cum-

priram as formalidades a que a portaria se refere, a culpa é unicamente do governo. Como é pois que o governo rescinde um contracto por um facto cuja culpa é d'elle e não do individuo com quem elle contractou ?

Podem aquelles que tem negocios com o governo ficar sujeitos a similhante arbitrio ?

Póde o governo annullar assim um contracto em que se acham envolvidos interesses avultados d'aquelle com quem é feito unicamente porque o governo diz reconhecer que não contractou nos termos em que devia ter contractado ?

Foi approximadamente isso mesmo o que fez a camara municipal com relação ao contracto do Passeio Publico. A camara rescindiu o contracto, mas o governo dissolveu a camara. Quem é que ha de dissolver o governo reu de delicto egual ao da camara ?

Em vista de um tão flagrante attentado contra os seus interesses industriaes, contra o seu credito e contra a sua honra, porque a portaria alludida é cheia de vagas insinuações insultantes e injuriasas apesar de cobardemente rebuçadas, o sr. João Burnay representou ao governo requerendo que se lhe dê vista do processo em que é ao mesmo tempo accusado e punido, e

que sobre o mesmo processo sejam ouvidos os fiscaes da corôa e da fazenda. O sr. Barros e Cunha não despachou esta petição e manteve os effeitos da sua portaria absurda, falsa, calumniosa, e infamante.

E' a isto que nós chamamos o mais violento dos attentados perpetrado pelo arbitrio executivo contra a ordem moral e contra os direitos dos cidadãos.

*

O sr. Barros e Cunha é um criminoso diante do código e diante da carta.

A carta torna-o responsavel no artigo 103 por tres delictos que commetteu publicando a portaria de 3 de julho de 1877: por abuso do poder, por falta de observancia da lei, e pelo que obrou contra a liberdade e contra a propriedade de um cidadão.

Perante o código attentou contra dois dos direitos que a lei civil reconhece e protege como fonte e origem de todos os outros, — contra o direito de apropriação e contra o direito de defesa (artigo 359).

A insinuação feita ao sr. Burnay de ter viado um contracto que elle não viciou e de ha-

ver recebido a titulo de adiantamento uma quantia que elle não recebeu, colloca o signatario da portaria que encerra essa calumnia sob a acção do artigo 2364 do codigo civil, que diz o seguinte :

«A responsabilidade criminal consiste na obrigação, em que se constitue o auctor do facto ou da omissão (na portaria ha a omissão e o facto) de submeter-se a certas penas decretadas na lei, as quaes são a reparação do damno causado á sociedade na ordem moral. A responsabilidade civil consiste na obrigação, em que se constitue o auctor do facto ou da omissão, de restituir o lesado ao estado anterior á lesão, e de satisfazer as perdas e danos que lhe haja causado.»

Um só caso previsto no codigo pode relevar o sr. Barros e Cunha da responsabilidade civil e da responsabilidade criminal da portaria que perpetrrou. Esse caso é o de completa embriaguez ou de provada demencia.

*

Cumpre notar que o cidadão João Burnay sobre quem pesa uma tal offensa não é um empreiteiro vulgar, um especulador de concursos

fictícios simulados para apadrinhar intrigantes. João Burnay é um engenheiro de primeira classe, um mathematico distincto, uma intelligencia largamente cultivada, um caracter de uma honestidade inviolavel. Como trabalhador elle é o mais elevado exemplo que se pode propor á mocidade portugueza. Nenhum outro homem da geração moderna espalhou como elle em volta de si pelo puro exercicio das suas faculdades creadoras uma tão grande e tão preciosa actividade. E' o proprietario e o chefe de uma grande officina modelo do seu genero. Pelo esforço do seu talento extrae da natureza os elementos que fazem subsistir honradamente na sociedade de Lisboa alguns centenares de familias. Todo o paiz em movimento de civilisação se lisongearia de o poder contar entre os seus filhos mais prestantes e mais benemeritos, porque é por meio da iniciativa de homens como elle que os estados se moralisam e se enriquecem.

Na nossa sociedade estagnada pela indolencia e pela corrupção elle é impunemente estorvado, calumniado, atraído na mais legitima das suas aspirações — a aspiração do trabalho, por um ministro filho da intriga constitucional, sahido do parlamentarismo mais banal e mais

chato, não exercendo nunca o trabalho nem sendo capaz de o respeitar em quem o exerce, tendo vivido sempre no parasitismo da politica, não produzindo coisa alguma, não tendo finalmente servido aos seus semelhantes para outra coisa que não seja empobrecel-os quando come e corrompel-os quando governa.

*

Todavia não queremos mal ao sr. Barros e Cunha. Elle é simplesmente o producto fatal do seu meio. Inspira-nos um interesse sympathico a triste maneira de acabar que o está esperando. Os seus erros successivos offerecerão á critica e ao ataque uma vasta superficie exploravel. As suas faculdades não lhe permittirão defender-se.

D'aquí lhe fazemos uma prophecia: será medonbamente batido e deploravelmente derrotado, não porque offendeu o direito na pessoa de um trabalhador obscuro, o engenheiro João Burnay, não porque foi injusto, mas sim porque é inhabil e porque é fraco. E' isto, e não aquillo, o que nunca lhe perdoarão os partidos politicos com os quaes irá dentro em pouco achar-se em hostilidade. Será o alvo das retaliações mais

violentas, dos discursos mais acerbos na camera, dos artigos mais explosivos na imprensa. Hão de cercal-o como cercam os cães um javardo condemnado á morte. O improperio ha de se lhe aferrar ás espaldas e ha de mordel-o na nuca. A ironia ha de rir-lhe no nariz com uma gargalhada feroz, mostrando-lhe os dentes anavahados e agudos, — de jacaré. A logica ha de lançar-lhe ao pescoço a sua golilha forrada de puas de ferro e hade leval-o de rastos por um grilhão atraz d'ella. A pilheria ha-de pôr-lhe rabos. A chalaça ha-de pégal-o com breu á cadeira de ministro. A chufa ha de coser-lhe as abas da casaca a um trambolho. A pulha ha-de deitar-lhe pós de sapatos. A larcha ha-de esguichal-o com tinta de campeche. A chacota ha-de fazer-lhe sair do nariz bandeirolas e baralhos de cartas. A troça ha-de dar-lhe no ventre estrondosas palmadas de zabumba em theatro de feira.

E nós apiedar-nos-hemos, por que nos magoam os espectaculos em que se destroe para sempre a dignidade de um homem. E' por isso que damos ao sr. Barros e Cunha um conselho amigavel. S. ex.^a póde ser ainda um cidadão util e respeitavel. O que não póde é alliar

esses titulos com o de ministro e secretario de estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria.

Ha uma cousa mil vezes mais meritoria do que ser um mau ministro, é ser modestamente um bom homem. S. ex.^a póde ser bom homem. Seja-o. Seja-o para honra sua e dos seus semelhantes. Demitta-se. Vá para sua casa.

Ser um ministro do genero de s. ex.^a é facil. Não o ser, porém não é mais difficil. Vá para casa. Dizem-nos que é rico. É além d'isso anglomano. Vá para casa cultivar esmeradamente a sua anglomania, sem desdouro para si nem para a especie de que faz parte. A exiguidade do seu craneo, cuja circumferencia mede uma quantidade de centimetros extremamente inferior á que a sciencia anthropologica exige para a elaboração das grandes e fortes idéas, não o impede ainda assim de ser, por exemplo, um cultivador modesto e prestante. Os chapéus do fallecido sr. Thiers, do sr. Disraelli, do sr. de Bismark cahem até o pescoço de s. ex.^a e deixam a sua pobre cabecinha tanto á larga dentro d'elles como um ovo dentro d'um sino. Mas ninguem tem obrigação de possuir precisamente o cerebro d'um reorganizador e d'um es-

tadista. A massa cephalica de que s. ex.^a dispõe habilita-o perfeitamente para ser muito util, dirigindo a cultura da celebre batata-rim, tão rara, tão preciosa, tão procurada no mercado de Londres. S. ex.^a poderia ainda tentar nas suas vastas propriedades a criação em grande escala dos coelhos, á moda ingleza, o fabrico da manteiga, a queijaria, a piscicultura, o aperfeiçoamento das raças lanigeras, o estabelecimento das pateiras e das capoeiras-modelos, etc. Se s. ex.^a applicasse as forças do seu nervosismo a prestar á humanidade esses serviços modestos mas valiosos, s. ex.^a teria as grandes alegrias, as profundas satisfações tranquillias das naturezas harmonicas, e o seu nome seria querido e abençoado como o d'um cidadão prestadio e d'um homem de bem.

Persistindo em ser um politico, s. ex.^a deixará apenas na terra o desprezo com que a humanidade castiga aquelles que, imaginando servil-a, não fizeram senão prejudical-a.

Assim como a ferocidade, a incompetencia tem tambem os seus Attilas. A differença é, que uns requeimam a herva, os outros comem-a. O estrago é o mesmo.

O registo das produções musicaes portuguezas foi enriquecido durante o periodo a que se refere este volume com tres novas obras, qual d'ellas mais caracteristica e mais monumental. Passamos a consagrar a cada uma a attenção que lhe é devida.

*

As Cutiladas do Passeio Publico é o titulo de uma polka refutativa dos principios estheticos por onde os doutos costumavam até hoje determinar as fontes da inspiração artistica.

Aos elementos que concorrem para a gestação de uma obra d'arte, a orientação ethnologica, a tradição nacional, o solo, o clima, os aspectos da paizagem, temos de accrescentar uma nova força geradora: — a força da pancadaria.

Na occasião em que os bons e pacificos burguezes de Lisboa tomavam o fresco de uma noite de julho no Passeio Publico do Rocio, do qual elles são os legitimos e directos senhores,

a policia invade o alludido passeio e a pretexto de não estar plenamente liquidada a questão juridica de quem deve accender os candieiros e fechar as portas, a policia expulsa violentamente do seu passeio os burguezes e as suas respectivas mulheres, as suas mães, as suas irmãs e as suas filhas.

A' saída do passeio, uma força de soldados da guarda municipal que acudira em reforço da policia, encontra-se de frente com os burguezes que saem do jardim publico e procura recalcal-os para cima dos sabres policiaes que do lado opposto lhes veem picando os rins. N'esta conjuntura o publico, sentindo-se tanto á sua vontade como se o quizessem atarrachar entre as duas laminas de uma prensa, pergunta, por onde é que se lhe permite que foja. A municipal considera indiscreta essa pergunta, e desembainhando os seus sabres acutila os burguezes e as suas familias com o ardôr bellicoso de um exercito encarregado de transformar o paiz n'uma almondega.

Os restos do picado feito pela guarda municipal para alimento da ordem clamam vingança a altos brados. O acaso fornece-lhes armas, que elles regeitam. As cadeiras em que estavam sen-

tados no jardim poderiam com vantagem desarticular alguns dos ossos mais importantes da força publica. As bengalas a que se apoiavam os chefes de familia, brandidas com intima convicção, chegariam talvez a introduzir alguma porção de cana da India e de sentimentos piedosos nos cerebros da soldadesca. Finalmente alguns bons socos applicados com arte não deixariam de fazer render as costellas e o espirito das tropas a uma conciliação amigavel.

As sobras da chacina marcial da porta do Passeio acham porem insufficientes para o seu despique todos esses recursos. Os briosos canhos, vingadores da bordoadada recebida á chucha calada, recolhem-se a suas casas pedindo ás furias punição para os algozes e arnica para as victimas.

Ao cabo de uma semana de recolhimento e de agua de vegeto, o desforço popular rebentou finalmente, inexoravel e tremendo, sob a forma de polka.

Expulso ás cutiladas e aos cachações de um jardim que é seu, cuja propriedade e cuja posse elle pagou e repagou muitas vezes com impostos e contribuições municipaes, o povo de Lisboa vingá-se da carnificina que o estropia e

da violação que o esbulha de uma propriedade que é tão legitimamente sua como a mesa a que janta ou a cama em que dorme, pondo o caso em musica e em dansa de roda!

O' Lisboa! Lisboa! como tu estás demudada do que foste! Nos periodos ainda os mais vergonhosos da tua velha historia, no tempo d'esse fraco rei que fez fraca a forte gente, tu tinhas ainda um Fernão Vasques, simples remendão, que á frente de alguns populares reptava o proprio soberano a vir á igreja de S. Domingos dar-lhe satisfação dos seus actos mais íntimos, da propria solução de seus amores. Hoje levas pontapés de um sargento na mesma parte do corpo que nobilitaste no presente seculo sentando-te nas cadeiras da representação nacional; e tendo feito um codigo dos teus inviolaveis direitos, tendo promulgado uma constituição, possuindo uma carta, um parlamento, uma imprensa, todas as garantias da liberdade, tu, que na idade gothica chegavas com o teu braço poderoso á corôa de um rei absoluto, não chegas hoje, na era nova do direito, ás orelhas de um cabo de esquadra!

Ao pé da mesma igreja para onde ha quinhentos annos tu emprasavas o chefe augusto

do Estado, levas agora taponas do policia Antunes, e a nada mais o emprasas senão a propinar-te uma segunda sova quando reajas á primeira!

Misera Lisboa! lastima a tua sorte: os teus remendões acabaram. Chora, cidade de marmore e de lixo, que os teus remendões morreram!

Aquelles que no vão de uma escada cosiam calças ou talhavam gibões, que não queriam ser vereadores, nem deputados, nem funcionarios publicos, que eram simplesmente o povo, bruto mas digno, não sabendo intrigar mas sabendo bater, não tendo a imprensa nem a policia correccional, mas tendo ao canto da porta um cacete ou um chuço, esses taes, que eram a arraia miuda, umas vezes soffredora e mansa, outras vezes vingadora e terrivel, esses desapareceram. Já não tens rudes filhos da plebe, tens delicados filhos de Minerva e de Thalia. A cultura moderna fez-te philarmonica. Substituíste a força da união pela *União e Capricho*. Quando te não chegam ao pello tocas o hymno. A phrase *levar para o tabaco* ha de modificár-se para teu uso na nova formula—*levar para a musica*.

Agora, como te abriram a cabeça um pouco mais profundamente que o costume, despica-te-te com uma polka especial.

As trombetas das tuas quarenta philarmônicas populares, que trombeteiam indistinctamente por tudo, que trombeteiam pelas instituições e pelos santos, pela carta e pelo Senhor dos Passos da Graça, pela restauração de 1640 e pelo enterro do bacalhau, pela real familia e pelo cyrio da Atalaia, por Garibaldi e por Santo Antonio de Padua, essas trombetas que expressavam alegremente o prurido dos teus jubilos principiam a expressar de um modo igualmente alegre o prurido das tuas contusões. Violam desafortadamente a tua propriedade e a tua pessoa e tu collocas essa questão de direito e de dignidade no terreno patusco dos bailes campestres! Expulsam-te do teu jardim adiante dos bicos das botas do habil Antunes ou do habil Castello Branco; trincham-te a cabeça com a semceremonia com que se trincham os melões; e tu danças a polka, a tua polka brilhante, *As cutiladas do Passeio Publico!*

O que receamos por ti, ó querida Lisboa, é que na proxima tosa que te applicuem, além de te quebrarem os ossos, te quebrem tambem

os instrumentos musicaes, privando-te assim dos meios de flauteares a vingança monumental e tremenda. Occorre-nos lembrar aos grandes centros democraticos da capital a conveniencia de fundar uma reserva de clarinetes para que nunca se encontre desarmada perante a prepotencia da tyrannia a vindicta dos povos.

Emquanto á dignidade humana... lalarilolé... e emquanto á liberdade, ao direito e á civilização... lariléliló... que nos importa isso?... Com as cabeças retalhadas pelos sabres policiaes o que nós queremos é panno adesivado... lólaró... e fios... trolarilólé!

Como o philosopho Diogenes a unica coisa que pedimos aos grandes da terra, além de unguentos, é que nos não interceptem o *sol... e dó!*



O sr. Padre Conceição Borges fez cantar no theatro da Trindade uma operetta de que o dito clerigo compoz ao mesmo tempo o libretto e a partitura. O publico, pateando entusiasticamente ambas as coisas, poz a peça fóra da scena á primeira recita, privando-nos do prazer de as-

sistir ao notavel espectáculo, de que hoje nos resta apenas o titulo — *Vamos a ellas!*

Quem são *ellas*? *Ellas*, na bocca, no pensamento, na intenção do sr. Padre Conceição Borges, cremos que não podem ser senão as *missas*.

Mergulhamos como Curcio até o fundo de todas as hypotheses que esse perigoso problema nos suggere e não vemos que, sem offensa do grave character sacerdotal do sr. Padre Borges, se possa admittir que *ellas* não sejam as *missas* para serem qualquer outra coisa.

Ora sendo para as *missas* que o sr. Padre Conceição quer ir e sendo para as *missas* que nós somos convocados a acompanhal-o, segundo a unica interpretação que pode ter o seu titulo, parece-nos que Sua Reverendissima torceu bastante caminho e que iria muito mais direito ao seu fito se, em vez de ter mettido pelo palco da Trindade com o seu spartito em punho, fosse directamente com a sua batina—para a sacristia das Mercês.

*

A Roma! a Roma! é o titulo de uma valsa annunciada ao publico pelo periodico religioso *A Nação*, e destinada a servir os mesmos desi-

gnios piedosos que levaram o sr. Conceição Borges a ellas ! a ellas !

Nada mais commodo do que esta intervenção da valsa nas praticas da penitencia e no regimen depurativo das almas para a mais elevada comprehensão dos interesses espirituaes e dos destinos eternos ! Ir para Deus não pelas escabrosidades do martyrio mas pelas cadencias do cotillon é um dos mais notaveis serviços que a arte podia prestar á alliança da religião e do *chic*.

Affirmar o dogma dansando é uma ideia que vae revolucionar completamente os usos das salas. Nos bailes do proximo inverno inclinar-nos-hemos deante das meninas religiosas e diremos :

— Quererá v. ex.^a, minha senhora, ajudar esta alma a sahir do abysmo da impiedade conferindo-lhe a honra da proxima valsa ?

E a menina a quem um homem se dirigir n'esses termos responderá erguendo os olhos ao céu.

— Sim pelas sete dôres da Virgem Immaculada.

E iremos em seguida para a verdade sacrosanta e eterna, aos pares deslisando em gyros

ondulantes sobre os *parquets* polidos, cingindo com o braço direito os espartilhos palpitantes e electricos, segurando na mão esquerda um pulso delicado e macio, calçado em luvas perfumadas que chegam ao cotovello. Respiraremos o aroma penetrante do Iris de Florença exhalado das rendas aquecidas no seio do nosso par, sentiremos nas pontas agudas do bigode o contacto dos seus cabellos seccos e frisados, e no hombro o leve peso tepido e carinhoso do seu corpo d'ave.

E conversaremos:

— Como a religião é boa! como é ineffavel!... Eu sinto a voz do meu coração constricto e humilhado exclamar como esta valsa: a Roma! a Roma!

— E começa a ter crenças?

— Oh! sim!... com impaciencia! com frenesil com delirio!... Esqueçamo-nos do mundo vil! Bem hajas tu que me chamaste para a fé!... Tu, minha candida pomba da arca!... Tu, minha estrella dos Magos!... Tu, meu anjo da guarda!...

— Bemdito e louvado seja Nosso Senhor, que me permittiu a mim, sua indigna serva, o encaminhar para o gremio da nossa Santa Madre Igreja uma alma que ia perder-se! Acredita na

infallibilidade do nosso Summo Pontifice, não acredita?

— Acredito com furia, com raiva, com epilepsia! Não sente como o meu coração bate?... É pelos dogmas, é pelos concilios, que elle assim bate! Oh! maldito seja o seculo com os seus erros! maldito seja o mundo com os seus enganos! Amanhã precisamente tinha eu que fazer na secretaria dos Extranjeiros: não vou! não estou para isso! Para onde eu vou é para o mez de Maria. Que me demittam, se quizerem! que me ponham na disponibilidade! Que me importam a mim os bens terrenos? Prefiro perdê-los a encontrar-me no ministerio com o addido italiano que blasfema, que bebe a sua agua de Nossa Senhora de Lourdes...

— Oh! se é um sacrilegio, cale-se por Deus! Podem ouvir-nos os pares que nos seguem... Dariamos escandalo no meio da sacratissima valsa!

— Que eu lh'o diga ao ouvido, na sua pequenina orelha que parece uma joia de marfim cizelada por Benvenuto Celini para ornamento da cabecinha de uma Notre Dame de Lorette!... Elle bebe-a ao almoço...

— Deus do céu!

— Entre a costelleta e a omelette...

— Virgem Maria!

— Misturada com vinho de Pauillac...

— Santos e Santas da côrte celeste!

— Em partes eguaes, metade vinho, metade agua...

— Mas vae para o inferno essa alma!

— Está claro que sim. E é bem feito!

— Se não houvesse o inferno e o purgatorio elles ficavam-se a rir.

— Mas lá está o castigo, olá! O fogo eterno e o ranger dos dentes por todos os seculos dos seculos sem fim não é uma chimera. Hão de amargal-as, que ha de ser um consolo—para nós!

— Amen! Amen, Jesus Maria José!

Assim conversarão elles e ellas durante a piedosa valsa *A Roma! a Roma!* Pela escada de Jacob d'essa musica sagrada as almas alar-se-hão ao empyreo, e irão pela via lactea fóra, sempre valsando, a demandarem a entrada para os salões de baile de Jehovah, prolongação logica das nossas soirées ao divino.

Aos srs. advogados

Meus caros senhores. — Escrevo-lhes estas linhas de cima de um boi, para onde resolvi vir habitar durante o méz corrente e o mez seguinte. Separa-me do amavel e discreto ruminante um tenue sobrado. Eu oiço-o mastigar pausadamente com a regularidade do tic-tac do meu cuco, elle ouve-me o ranger da penna, e raramente batemos para cima ou para baixo a pedir qualquer coisa um ao outro. A respiração d'elle é perfumada com o aroma do feno. Nunca cheira a caçarola suja nem a cano, como os predios da baixa. Não escreve obscenidades na parede da escada, e — coisa que lhe perguntei antes de o vir habitar — não toca piano.

De quando em quando, pela sesta, calço os sapatos ferrados, pégo no cajado que nos está ouvindo áquelle canto, accendo um charuto e saio de cima do boi para percorrer as montanhas circumvisinhas.

Em alguns casaes amigos permittem-me a troco do preço de meio alqueire de farinha o prazer de amassar eu mesmo o meu pão, de o enrolar, de o metter ao forno e de o trazer ás costas para casa, d'abi a dez minutos, embru-

lhado n'um guardanapo, que ato pelas quatro pontas e que enfió no meu varapau.

Nas eiras collaboro na debulha, tomando as redeas de esparto das duas velhas eguas intonsas e ossudas e pondo-nos a trotar todos tres, ellas adiante de mim e eu atraz d'ellas, por cima da palha.

Tenho tambem relações nos moinhos, e cultivo a convivencia de moleiros obsequiosos que, quando lhes assobio, veem em mangas de camisa ao postiguinho, e conversam para baixo comigo ácerca do vento provavel para o outro dia.

É n'estas excursões em torno do boi sobre que resido que eu tenho ouvido os casos que me levam a dirigir aos srs. advogados estas humildes regras.

*

Em toda a circumferencia rustica a que serve de centro o meu boi, no mais extenso raio a que teem chegado os pregos dos meus sapatos, não ha familia que não tenha contribuido com algumas libras para o cofre dos srs. advogados. Sempre que algum dente das multiplas engrenagens do machinismo administrativo roça pelo

ser de um pobre homem do campo, elle, aterrado com a ameaça da coisa odiosa que o obrigaram a reconhecer como a prepotencia mais implacavel sob o nome de justiça, vae ao advogado para que este o illumide.

Os principios geraes da organização social que nenhum cidadão devia ignorar n'um paiz representativo são para a maioria dos portuguezes o mysterio mais profundo e mais insondavel. O homem do campo, especialmente, não tem idéa alguma das attribuições dos poderes a que elle se acha subordinado como um dos membros do corpo collectivo que se chama o paiz. Não sabe senão de um modo deploravelmente vago e ambiguo o que é a camara municipal, o juiz de paz, o juiz de direito, o escrivão da fazenda, o administrador do concelho, a junta de parochia, o conselho do districto, a commissão do recenseamento, o delegado de saude, a policia, etc. De sorte que, em cada acto da vida civil em que o desgraçado se acha sob a acção de uma d'essas formas porque lhe apparece o principio da auctoridade, recorre ao letrado.

— Cá está comnosco a justiça! diz elle á mulher ao receber qualquer papel official.

— Seja pelas cinco chagas de Christo! sus-

pira a mulher com as lagrimas nos olhos, atando as mãos na cabeça.

— Má raios partam a justiça e mais aquelle que a inventou, que se o apanhasse a geito, rachava-o de meio a meio com o sacho ceboleiro ! e tinha alma de lhe beber o sangue !

Que o aviso recebido seja uma intimação para limpar o poço, para remover a estrumeira, para pagar um relaxe, para ser jurado, para mandar um filho á inspecção, para comparecer na camara, no tribunal, na administração ou na recebedoria, os lamentos são os mesmos, as mesmas pragas, a mesma deliberação final de perder o trabalho de um dia, de fazer a barba de vespera, de vestir o fato novo, de metter o pé de meia com os fundos de reserva na algibeira da japona e de ir de manhã cedo para a cidade a consultar um doutor. Como os mais pobres são tambem os mais ignorantes, são os pobres os que mais consultam e os que mais pagam. O procurador ou dá um simples conselho e custa isso cinco tostões, ou faz um requerimento e custa mil réis, ou redige um recurso e custa uma libra, ou *toma conta da questão* e pede dinheiro adiantado para as primeiras despesas, e custa vinte mil réis.

Acontece muitas vezes que o consultante não tem dinheiro e pediu emprestado o fundo do pé de meia. A necessidade porém de consultar o letrado é para elle uma fatalidade como a necessidade de consultar o medico. Com uma differença : Todos os medicos teem uma hora por dia em que dão consultas gratuitas aos pobres doentes. Os advogados não teem egual caridade com os ignorantes pobres. Além do soccorro desinteressado de todos os medicos, os doentes têm ainda o banco dos hospitaes. Para os ignorantes não ha recurso nenhum. A escola é inteiramente inutil para lhes acudir, porque a escola portugueza não ensina aos cidadãos quaes são os seus direitos nem quaes os meios de defesa perante a violação d'elles. E no emtanto a sociedade tem muito maior responsabilidade no facto da ignorancia do que no facto da doença. O Estado, que tem consultorios gratuitos para a saude, deveria com dobrada razão ter consultorios egualmente gratuitos para a justiça. Os advogados pela sua parte, não contribuindo como contribuem os medicos para prestar á sociedade na maxima amplitude os serviços desinteressados que a sciencia lhe deve, dão-nos dos sentimen-

altruistas da sua classe, por tantos outros titulos respeitavel, uma idéa bem triste.

Os srs. advogados dizem-se os protectores do orphão e da viuva, o que os não impede de protegerem pelo mesmo preço os que opprimem a viuva e os que tyrannisam o orphão.

Os srs. advogados são com o ardor mais convicto e mais eloquente os defensores da causa da justiça e do direito e bem assim da causa contraria.

Os raptos de eloquencia por meio dos quaes os srs. advogados fulminam com heroica imparcialidade tanto o crime como a innocencia, são conscienciosamente tarifados para que o publico escolha segundo o preço que deseja pagar.

Entre os movimentos oratorios mais caros ha o grito estridente, a punhada cava no peito, as lagrimas bailando nos olhos, a *commoção que se apodera do proprio orador*, o desfallecimento, a syncope, etc.

O tempo preciso para expôr a questão e para levar a evidencia ao espirito do auditorio depende tambem do accordo previo, segundo a tabella dos preços. Como o tempo é dinheiro, quem quer mais tempo paga mais caro. Quando o réu é abastado ou opulento a questão não se esclarece

senão á noite, e o jury tem de jantar no tribunal. Quando o réu é pobre bastam quinze ou vinte minutos para elle ir socegado para a cadeia. O que escreve estas linhas já ouviu esta concisa oração de defesa: «Srs. jurados eu não tenho que dizer senão duas palavras: Esse selvagem (apontando para o réu) estava bebado.» Assim se justificava o crime de um homem que não tinha pago as circumstancias attenuantes ao defensor.

*

Não será util que, assim como fazem os medicos, os srs. advogados restrinjam o campo, que offerecem ás correrias do epigramma, introduzindo alguma caridade nas suas relações com os pobres? Não poderia cada um de s. ex.^{as}, destinar algumas horas d'um dia ou dois por semana, para dar conselhos gratuitos? Eis o que se nos offerece lembrar aos srs. advogados para que, no interesse da sua classe, s. ex.^{as} se dignem de o considerar em algum dos seus momentos d'ocio.

Os jornaes do mez passado trasbordaram de annuncios e de noticias pouco mais ou menos do teor seguinte :

*

« Mais um florão acaba de ser acrescentado á corôa da sr.^a D. Jeronyma, directora do bem conhecido e acreditado collegio de *Nossa Senhora da Santissima Purificação*, rua de tal, numero tal, quarto andar, lado esquerdo. Foi hontem examinada em instrucção primaria e approvada com dez valores, no lyceu nacional, a menina Elvira Fernandes, alumna do referido collegio. O nosso amigo Polycarpo Fernandes, extremoso pae da joven examinanda, profundamente grato ao zelo da sr.^a D. Jeronyma e aos carinhos dos examinadores de sua debil e tímida menina, a todos consagra, por este meio, seus indeleveis agradecimentos. »

*

A inundação dos artigos d'este genero prova que o exame publico no lyceu nacional começa

a tornar-se um fim na educação ministrada ás meninas nos collegios de Lisboa.

A pedagoga sr.^a D. Jeronyma envida toda a honra da sua taboleta, todas as idéas da sua cuia e toda a actividade dos seus chinelos de trazer nas classes para dotar com o maior numero de exames as alumnas confiadas ás *réclames* das suas distribuições de premios.

Este anno a menina Fernandes foi approvada em instrucção primaria. Para o anno proximo será approvada em francez. D'aquí a tres annos obterá egual exito com relação á lingua ingleza.

O sr. Fernandes, cada vez mais reconhecido, terá publicado a esse tempo dez ou doze agradecimentos ao esclarecido zelo da sr.^a D. Jeronyma, e recobrará completamente educada a sua filha. A infatigavel e benemerita professora *dá-a por prompta* para entrar na sociedade mais escolhida. Ella sabe as linguas, toca o piano e tem, segundo o programma da sr.^a D. Jeronyma, *as prendas de mãos proprias do seu sexo*. Estas prendas consistem em fabricar palmitos de papel e em bordar entes fabulosos, de uma monstruosidade mythologica, feitos a lãs, a matiz, ou a missanga, com olhos de vidro, beiços

de vidro, e lagrimas tambem de vidro, sobre um retalho de panno que se encaixilha e que tem por baixo, a oiro, a data da confecção do monstro feita em cruz, e em formosas letras de bastardinho, egualmente a canotilho de ouro :

Elvira Fernandes me fecit.

*

Ao fim de um anno de vida domestica D. Elvira esqueceu as linguas, das quaes aprendeu precisamente o indispensavel para *escapar*, caindo-lhe um thema facil e um examinador *carinhoso*, como muito bem dizia Polycarpo nos seus annuncios de agradecimento. Esqueceu as linguas porque as não pratica na conversação ou no estudo, e não sabe uma palavra das leis da linguistica, que fixam e systematisam os conhecimentos theoricos da formação das palavras.

Resta-lhe a faculdade de patinhar no piano a *Prière d'une vierge* ou *Les cloches du village*, e de continuar a bordar em seda ou em casimira os abortos que derramam compungidamente o seu choro de vidrilhos nas almofadas do salão, aos cantos do sofá, e sobre os assentos das poltronas.

*

Polycarpo reconhecerá então — demasiado tarde, ai de mim! ou antes «ai d'elle!» ou melhor ainda «ai de nós todos!» — que D. Elvira possui, no estado mais exemplarmente encyclopedico, a ignorancia cabal de tudo quanto precisa de saber a mulher para ser na casa uma das rodas em que versa a familia sensata e dignamente constituida, na qual Elvira tem a sua difficil função que exercer como filha, como irmã, mais tarde como esposa, e finalmente como mãe.

*

De tal modo os exames das meninas no lyceu nacional, compromettem absolutamente os fins da educação, desviam-a do verdadeiro ponto de vista pedagogico, são uma ostentação ridicula, offendem o bom gosto, desprimoram a delicadeza e a dignidade senhoril, assopram o pedantismo, incham a frivolidade e incapacitam a mulher para a missão a que ella é chamada na familia.

*

Entendemos portanto que — desde o momento em que Fernandes é bastante obtuso para não prever os perigos da falsa educação minis-

trada a sua filha, e não só não protesta contra o programma absurdo de D. Jeronyma, mas antes lhe enderessa applausos de um entusiasmo inexcedivel,— ao Estado cumpre intervir; não se tornar solidario das illusões de Fernandes; e proteger Elvira. Como? Retirando a Fernandes e a D. Jeronyma o direito de a levarem a exame.



Levar a exame! Só a palavra é um ultrage da dignidade feminil. Submetter pelo despotismo do direito paterno tudo quanto ha mais delicado, mais melindroso, mais susceptivel de corromper-se — o espirito virginal de uma menina, — ao interrogatorio official de um mestre que durante vinte minutos vae exercer sobre aquella alma a tyrannia espiritual de um confessor! Um tal inquerito, um tal julgamento, póde ser desculpavel na educação de um rapaz, para quem o exame é uma habilitação legal para a sua carreira civil; na educação de uma menina portugueza similhante prova é inadmissivel e equivale a uma amputação do decoro.

Ora se nenhuma mestra e se nenhum pae tem o direito de cortar as orelhas a uma creança

para a tornar mais bonita, assim nenhum pae e nenhuma mestra podem ter a auctoridade de fazer examinar uma menina para a tornar mais educada.

Pelo que, a obrigação do Estado seria prohibir os exames de instrucção primaria e de instrucção secundaria para todas as pessoas do sexo feminino que não juntem ao requerimento de matricula attestado de maioridade e de emancipação legal.

*

Em um exame de instrucção primaria n'um dos nossos lycens deu-se este dialogo :

O examinador — Que faz a menina quando se vae deitar ?

A examinanda — Quando me vou deitar...

O examinador — Sim ! Quando se vae deitar o que faz ? Diga.

A examinanda (córando até á raiz do cabello e baixando os olhos) — Quando me vou deitar... dispo-me.

O examinador — E depois de se despir?... Responda ! Depois de se despir o que faz?... A menina não ouve?... Ou finge que não ouve?!... O que faz depois de se despir ?

A examinanda — Tenho vergonha...

O examinador — Não tenha vergonha. Responda para diante!

A examinanda — Depois de me despir o que eu faço é...

E n'este ponto a examinanda, com a face afoqueada pelo rubor do pejo, com os olhos cheios das lagrimas do terror, na lingua adoravel dos cinco annos, n'essa lingua que os homens só fallam ás suas mães na pureza da innocencia primitiva, n'esse dialecto infantil ainda mais casto do que as linguas mortas, traduziu a locução de Plinio: *urinam ex se emittere*.

O professor a que nos referimos foi intimado a não proseguir pelo presidente da mesa, o sr. Augusto Soromenho, cujo testemunho invocamos.

É assim que nos exames de instrucção primaria se averigua se as alumnas sabem ou não «civilidade».

*

Se a sr.^a D. Jeronyma carece das noções precisas para dirigir a educação de uma menina, é preciso dar-lhe essas noções, ou prohibil-a de educar, restringindo-lhe o direito de corromper a intelligencia da infancia.

A reforma da instrucção das mulheres é em Portugal ainda mais urgente que a da instrucção dos homens.

As linguas não constituem instrucção, porque não ministram conhecimentos, são apenas meios de os adquirir.

Esses conhecimentos indispensaveis á mulher deveriam constar, na educação elementar, dos seguintes ramos de ensino :

1.º Curso de aceio e de arranjo ;

2.º Curso de cozinha (chimica culinaria).

3.º Contabilidade, escripturação e economia domestica.

*

No curso do primeiro anno dos collegios toda a menina aprenderia, juntamente com as necessarias habilitações litterarias para adquirir idéas, as seguintes noções praticas :

Os processos scientificos mais perfeitos de lavar e de enxugar a roupa branca, o fato, as rendas finas, os tuelles, as sedas, os tapetes, as esponjas, as escovas ; de conservar e concertar todos os objectos do uso domestico ; de regular o uso do banho, de lavar o cabello, de fazer os melhores pós de dentes, a melhor pomada, a

melhor agua de *toilette*; de arejar e de desinfectar os aposentos; de polir os metaes e as madeiras; de encerar os soalhos; de limpar os vidros e as laminas dos espelhos; de envernisar os quadros; de concertar os livros e as estampas. Aprenderia ainda os methodos mais hygienicos ou mais racionaes: de escolher os aposentos de uma casa, segundo o fim a que cada um d'elles se destina; de dispor os moveis; de pendurar os quadros; de collocar a bateria das caçarolas; de montar a despensa e a garrafeira; de fazer os inventarios e os roes; de dobrar e guardar a roupa branca e a roupa de mesa em lotes numerados; de pôr a mesa para os grandes e para os pequenos jantares.

Este curso completar-se-ia com algumas noções accessorias: dos differentes generos de mobilia e do seu estylo caracteristico nas épocas mais notaveis da historia da arte ornamental; das principaes louças, vidros, crystaes, tecidos empregados nos estofos da mobilia e no vestuario, e historia da fabricaçã d'esses estofos.

*

No curso de chimica culinaria, do segundo anno do collegio, a menina aprenderia, primeiro que tudo, a fazer um caldo.

O caldo é a base de toda a alimentação sabiamente dirigida, não porque o caldo de per si só constitua um alimento importante, mas porque é o caldo bem feito que estimula o systema intestinal e o habilita para uma boa digestão.

Toda a mulher que não sabe fazer um caldo, deveria ser prohibida de dirigir uma casa. Sobre a ignorancia culinaria da maior parte das senhoras portuguezas pesa a responsabilidade tremenda da dyspepsia nacional.

Não temos estomagos sãos porque não temos mulheres instruidas. Esta affirmacão póde parecer uma phantasia de estylo; é uma pura verdade physiologica e é um facto social. Em Lisboa ignora-se completamente o que é um caldo, porque esse delicado producto chimico só o sabem preparar os cozinheiros de 5:000 francos de ordenado. As familias que não podem aggregar-se funcionarios d'esse preço e que não são dirigidas por senhoras que saibam o seu officio, tomam, em vez de caldo, um liquido gorduroso e opaco, mais ou menos condimentado e indigesto. A condiçãõ essencial do caldo bem feito é que elle contenha a maxima quantidade de materias odoriferas extraidas da carne, (vid. Liebig), que não tenha o minimo vestigio

de gordura, que seja aromatico e perfeitamente transparente.

Se tivéssemos alguma esperança de que a sr.^a D. Jeronyma o ensinasse ás suas educandas, dir-lhe-iamos como um caldo se faz. Mas a sr.^a D. Jeronyma acha mais util ensinar o que é o *substantivo*. Como se alguém no mundo precisasse, para o que quer que fosse, de saber o que o *substantivo* é! Como se immensas pessoas (em cujo numero nos contamos), não estivessem mesmo convencidas de que jámais existiu na natureza o *substantivo*, e que elle é uma pura chimera menos interessante que o papão!

Ha todavia no mundo quem não seja inteiramente da opinião da sr.^a D. Jeronyma. Um dos sabios mais eminentes do mundo actual, o sr. Wirchow, demonstrava ha pouco tempo em Berlim que a intima correlação que existe no seio de uma sociedade entre a condição das mulheres e o progresso da civilisação depende de uma outra correlação não menos intima que existe entre a mulher e a cozinha. O principal agente do temperamento de um povo, do seu character, da formação das suas idéas, é a sua alimentação. É principalmente pela sua influencia na cozinha que a mulher civilisada governa

o mundo e determina o destino das sociedades.

Em Londres os mais importantes jornaes, como a *Quarterly Review*, teem chamado para este assumpto a attenção dos poderes publicos e da iniciativa particular por meio de muitos artigos successivos ácerca da regeneração da cozinha, da arte de jantar, do estudo comparativo das cozinhas dos differentes póvos, etc.

A Inglaterra comprehendeu finalmente que a circumstancia de não saberem as suas mulheres fazer bom caldo constituia uma inferioridade nacional e compromettia o destino do povo inglez. Para remediar este mal, que obstava ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento physico e moral dos seus habitantes, a Inglaterra fundou, em 1876, um notavel estabelecimento publico de educação feminina intitulado *Escola nacional de cozinha*. O numero das alumnas matriculadas na nova escola subiu rapidamente a cerca de duas mil. Para satisfazer as necessidades do ensino foi preciso estabelecer não menos de vinte e nove succursaes da escola de cozinheiras. Entre as alumnas que frequentam essas escolas figuram meninas das mais aristocraticas familias da Inglaterra. Algumas estão inscriptas como simples ouvintes e assistem aos tra-

balhos tomando as competentes notas nos seus cadernos; muitas outras atam o avental e descem aos processos indo trabalhar alegremente á banca das operações, ou junto do fogão, vigiando a cassarola e o espeto.

Um só facto basta para evidenciar a vantagem d'esta especie de ensino na economia domestica: As classes de cozinha da instituição britanica estão divididas em varias secções dependentes do orçamento a que as familias teem de cingir as suas despezas; ha uma secção destinada a ensinar os meios de alimentar do modo mais hygienico e mais agradavel uma familia que não possa applicar á cozinha mais que uma verba de 15600 réis por semana! Em Portugal tão descurado está este importante assumpto que, não obstante a fertilidade do nosso solo e a benignidade do nosso clima, é inteiramente impossivel estabelecer com 15600 réis por semana um conveniente regimen alimenticio para uma familia de quatro pessoas.

O curso de cozinha nos collegios portuguezes deveria ser organizado praticamente como na Inglaterra, ensinando-se ás alumnas o valor chimico das principaes substancias empregadas na alimentação, o seu preço ordinario no

mercado, a sua acção physiologica sobre o nosso organismo, o modo de variar os jantares segundo as occupações de cada dia, segundo o temperamento de quem tem de os assimilar, e segundo as estações do anno em que elles houverem de ser feitos.

*

No curso de contabilidade do terceiro anno dos collegios, as alumnas deveriam aprender a escripturar methodicamente a receita e a despez a da familia, suppostos dados rendimentos, desde os mais estreitos até os mais avultados, calculando desde o principio do anno o modo de manter o balanço entre as posses e os gastos, lançando em conta de receita todos os proventos e fixando-se nas verbas de despeza proportional nos differentes capitulos orçamentaes: a renda da casa, a aquisição e os reparos da mobilia, o vestuario, o serviço, a illuminação, a lavagem, as despezas imprevistas, e o *fundo de reserva* — verba essencial, indispensavel em todo o orçamento, grande ou pequeno, de toda a casa sabiamente dirigida.

*

Fortalecida com a educação feita n'estas bases, esboçadamente expostas, a mulher terá dado

o primeiro passo, mas o passo definitivo para a sua verdadeira emancipação. Porque emanciparmo-nos não é em ultimo resultado mais do que isto: habilitamo-nos a prestar na sociedade serviços equivalentes ou superiores áquelles que recebemos. Com a mulher invencivelmente armada com as aptidões que requisitamos para que ella seja a alma do governo domestico, o casamento deixa de ser a ruina com que nos ameaça o proloquio vulgar: *uma casa é uma loba*. Não; a casa, dirigida como a mulher deveria aprender a dirigir-a, é a ordem, é o methodo, é a economia, é a estabilidade, é a fixação do destino, é o baluarte do homem. A função da mulher bem educada é essencialmente protectora. Na lucta da vida por meio da alliança conjugal e da ligação domestica, o homem é a espada, a mulher é o escudo. O fim da educação feminina é compenetrar a mulher da responsabilidade da sua missão e fortificar-lhe o braço que tem de ser o nosso amparo querido, o nosso doce refugio.

Se a mulher imagina que o casamento, seu natural destino, é um facto dependente dos encantos da sua belleza e do seu agrado, a mulher engana-se deploravelmente. Os modernos

trabalhos estatísticos provam com factos n'um periodo de cem annos que o numero dos casamentos está sempre em relação constante com o preço dos trigos. Se o pão encarece os casamentos diminuem. A' baixa no preço do pão corresponde pelo contrario uma elevação proporcional no numero dos casamentos. O casamento, portanto é um facto moral estreitamente ligado não a um phenomeno esthetico mas a um phenomeno economico. A base do casamento é a economia. A economia domestica é a primeira das aptidões com que deve dotar-se a mulher.

*

Em todos os paizes civilizados, por toda a parte do mundo, a educação da mulher está passando por uma revolução profunda suscitada pelos esforços de todos os pensadores. A educação vulgar da mulher moderna reconheceu-se que constituia um elemento dissolvente da dignidade e da aspiração das sociedades contemporaneas. Na antiga Roma a doçura, a graça, a ternura, todos os attractivos sentimentaes que ainda hoje vemos cultivados na educação das mulheres honestas eram attributos exclusivos das cortezãs. Um critico notou como nas comedias de Plauto as matronas não conhecem as ef-

fusões e os arrebatamentos da paixão; não são tímidas nem scismadoras; têm o ar decidido, fallam em tom firme e viril. As meninas ricas eram educadas em casa com seus irmãos por escravos instruidos e letrados; recebiam as mesmas lições e estudavam nos mesmos livros. As pobres iam ás escolas publicas, no Forum, juntamente com os rapazes, como actualmente acontece nos Estados Unidos.

Na idade média, quando os homens, dedicando-se inteiramente ao officio das armas, não tinham tempo de cultivar o espirito pelo estudo, as senhoras da alta sociedade, como vemos nas condessas de Champagne, na mãe de Godofredo de Bulhões, na amante de Abeilard, recebiam a mais esmerada educação litteraria. Sabiam o latim, conheciam os antigos poetas e os moralistas e estudavam os elementos da physiologia e da meteorologia nas obras dos arabes.

Em todas as civilizações a mulher bem educada se habilita para desempenhar o papel que lhe cabe na harmonia social.

Na nossa época de fria analyse, de implacavel utilitarismo, a primeira das obrigações da mulher consiste em tornar-se util. Ser util é para ella o grande segredo de ser querida,

de ser forte, de ser dominadora. Toda a educação feminina tem de partir d'este principio.

*

A alta cultura do espirito, tão necessaria á mulher para que ella assuma na sociedade a parte do poder a que tem direito, não se ministra nas escolas, adquire-se pelo esforço e pela applicação individual dirigida por um criterio, por um methodo, por uma disciplina, que a mulher só pôde adquirir na grande escola pratica da vida domestica. Todas as noções que nos possa ministrar o estudo das sciencias mais superiores estão subordinadas para a sua assimilação no nosso espirito a esta noção previa: a noção da responsabilidade e do dever. Ora essa noção primordial só a adquire a mulher nas praticas da vida domestica.

O aperfeiçoamento intellectual das mulheres não só não é incompativel, como algumas julgam, com a perfeita direcção do *ménage*, mas antes depende essencialmente do grave estado de espirito que essa direcção impõe.

Em Portugal, onde a sciencia do governo da casa é tão lastimosamente ignorada, vejamos

quaes são as produções do espirito feminino, quaes são os fructos da educação litteraria des-alliada da educação domestica.

Os almanachs da sr.^a D. Guiomar Torreção têm o grande valor historico de serem o repositório d'esses fructos. É por esses almanachs que a posteridade tem de julgar do valor intellectual das nossas contemporaneas.

Acabamos de folhear do principio ao fim um numero do *Almanach das Senhoras*, que temos presente. Temos tambem presente a *Gazeta das Salas*, egualmente redigida por senhoras. Deus nos defenda de que qualquer estrangeiro procure julgar sobre estas produções litterarias do estado do espirito feminino na sociedade portugueza! Em todas estas colleções dos trabalhos intellectuaes das nossas mulheres — sentimos dizel-o — não ha um só artigo grave, serio, meditado, revelando conhecimentos praticos, aspirações elevadas, pensamentos nobres. De tantos problemas sociaes que affectam a condição da mulher na sociedade contemporanea e que sollicitam a attenção d'ella, para serem resolvidos pela parte mais interessada e mais competente da humanidade, nem um só foi julgado digno do estudo d'algunha das senhoras que fazem

imprimir e publicar os seus escriptos em Portugal! Estas senhoras produzem versos — não como os de madame Hackerman, cujos poemas recentemente [publicados constituem uma revolução na poesia moderna e são o grito mais profundo e mais lancinante que ainda expediu no mundo a alma mais sedenta de verdade e de justiça, — mas sim trovas d'uma sentimentalidade de segunda mão, sem ideal, sem paixão, d'uma pieguice grotesca. Escrevem tambem pequenos contos ou novellas d'amores infelizes, cujos personagens se tratam por excellencia e se requebram em artificios d'um dandysmo, cuja legitimidade está longe de poder ser absolutamente garantida, não dizemos já n'um congresso de *gentlemen*, mas n'um simples tribunal de cabelleireiros. E é para nos dar estes lamentaveis fructos da sua educação exclusivamente litteraria, que tanta menina honesta sacrifica o tempo que devia consagrar aos nobres trabalhos do *ménage*, tornando-se, em vez d'uma digna mulher util, apta para acompanhar, para comprehender e para ajudar o homem, uma pobre e misera creatura neutra, desorientada da vida real, incapaz de qualquer emprego na vida pratica, cheia de falsas aspira-

ções, de desenganos e de tédios permanentes.

Compare-se o *Almanach das Senhoras*, com as collecções estrangeiras collaboradas por mulheres. É esse o melhor modo de reconhecer como a educação pratica da *ménagère*, eleva o espirito, como a educação litteraria do collegio portuguez o deprime e avilta.

O *Jornal das donas de casa da Allemanha*, tem aperfeiçoado profundamente os costumes e os habitos da vida domestica.

Na Inglaterra o texto da grande *Revista das mulheres inglezas* consta de artigos de critica litteraria ou de costumes, de philosophia, de physiologia, de economia politica e de economia domestica, de narrativas de viagens, relatorios, estatisticas, receitas culinarias, noções praticas. Não ha um romance sentimental, nem uma poesia lyrica, nem uma réclame de modas.

Taine cita no seu livro acerca da Inglaterra varios artigos de mulheres publicados nas *Transactions of international association for the promotion of social sciences*. Os artigos intitulam-se:

Escolas districtaes para os pobres na Inglaterra, por Barbara Collett;

Applicação dos principios de educação ás es-

colas das classes inferiores, por Mary Carpenter;
Estado actual da colonia de Mettray, por
 Florence Hill;

Estatistica dos hospitaes, por Florence Ni-
 ghtingale;

*A condição das mulheres operarias em Ingla-
 terra e em França*, por Bessie Parkes;

*A escravatura na America e sua influencia
 na Grã-Bretanha*, por Sarah Remand;

*Melhoramento das «nurses» nos districtos
 agricolas*, por mistress Wiggins; *Relatorio da
 sociedade fundada para fornecer trabalho ás
 mulheres*, por Jone Crowe, etc.

Todas estas auctoras, de quem Taine obteve
 informações pelos muitos amigos que tinha na
 sociedade ingleza, eram mulheres de casa, pas-
 sando uma vida extremamente simples e reti-
 rada.

Assim temos que na Inglaterra e na Allema-
 nha a escola das *ménagères* produz as mais gra-
 ves e mais importantes escriptoras. Em Portu-
 gal a educação literaria, segundo os program-
 ma dos lyceus, nem dá *ménagères* nem dá lite-
 ratas.

Se o ensino das mulheres se reformasse de
 modo que desse alguma coisa?...



2.
 53527

NOVAS PUBLICAÇÕES

ERNESTO CHARDRON

PORTO—EDITOR

A. Debay

*Arte de conservar a belleza e
saude e corrigir os defeitos physicos.*
—Tradueção de A. A. Leal.—1 vol.,
500 réis.

Alberto Pimentel

*O capote do sr. Braz—contendo a
alma do rei de Thule—Uma entre-
vista com Alexandre Herculano, etc.,
etc.—1 vol., 500 réis.*

Julio Lermina

*Os lobos de Paris,—2 vol. 1,000
réis.*

D. Manoel Fernandez y Gonzalez

*O rei do punhal,—romance histo-
rico, versão de M. Fernandes Reis,
—4 vol. com gravuras, 2,500 réis.*

José de Sousa Bandeira

*Escriptos humoristicos em prosa
verso, adornados com o retrato e
biographia do author.—2 vol 1,000
réis.*

João de Lemos

*Impressões e recordações,—1 vol.
600 réis.*

Soares Romeo Junior

*Recordações litterarias,—1 vol.
500 réis.*

Faustino Xavier de Novaes

*Poesias posthumas,—1 vol. 1,000
réis.*

Eserich

*Os anjos na terra,—5 vol. 2,500
réis.—Cantos,—6 vol. 2,500.*

NO PRÉLO

EÇA DE QUEIROZ

O PRIMO BAZILIO

—QUE BREVEMENTE CAIRÁ Á LUZ—